



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Profletras
mestrado profissional

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA
DISCURSIVA: A BUSCA DE “OUTROS” SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE
LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO

**GUARABIRA/PB
2016**

JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO

O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: A BUSCA DE “OUTROS” SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, em cumprimento aos requisitos básicos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e do Ensino

**GUARABIRA/PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G345e Gualberto, Jairo José da Silva
O ensino da leitura no ensino fundamental II, na perspectiva discursiva: [manuscrito] : a busca de "outros" sentidos para propostas de leitura do livro didático de língua portuguesa / Jairo José da Silva Gualberto. - 2016.
161 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras pelo PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1. Leitura. 2. Estratégias Didáticas. 3. Análise do Discurso.
I. Título.

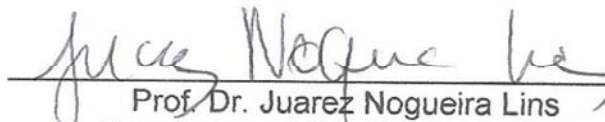
21. ed. CDD 028

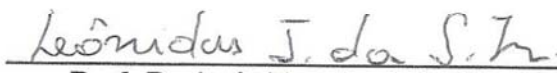
JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO


O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA
DISCURSIVA: A BUSCA DE "OUTROS" SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE
LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LP

Aprovada, em 18 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Orientador – PROFLETRAS/UEPB


Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior
Examinador Interno – PROFLETRAS/UEPB


Prof. Dra. Carla Alecsandra de Melo Bonifácio
Examinadora Externa – PROFLETRAS/UEPB

Aos professores, que mesmo enfrentando as mais complexas adversidades, formam sujeito para refletir e posicionar-se criticamente perante as conjunturas sociais, a minha esposa Karla Katia Mouzinho Gualberto e aos meus filhos Laiza Maria e Kairo Darwin, os alicerces de uma vida plenamente feliz, dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao Grande Criador Universal, por ser a força que inspira em mim a esperança por um mundo mais justo.

A minha mãe, Rita Maria da Silva Ferreira, pelo árduo trabalho na construção do meu ser.

A minha esposa, Karla Katia Mouzinho Gualberto, por estar presente nos momentos mais difíceis e belos de minha vida, instigando-me irrestritamente na realização de todos os sonhos que passaram a também serem seus, sem a qual, muitas dessas realizações também perderiam sentido.

Ao orientador Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, por ter me proporcionado muito mais do que a realização de uma pesquisa científica, instigando-me a uma reflexão que perpassou o contexto profissional e corroborou para uma reflexão humana acerca do ato de lecionar, além de sua inquestionável aptidão na orientação.

A todos os meus colegas do Mestrado, pelos momentos de companheirismo e pelas reflexões e análises críticas que fizeram o curso tornar-se ainda mais expressivo.

A todos os professores do Mestrado PROFLETRAS, pelos conhecimentos que foram além do contexto profissional e contribuíram para uma formação mais plena.

Aos educandos da Escola Targino Pereira, participantes da proposta de intervenção pedagógica, por tornarem tão gratificantes e reflexivas essa fase da pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram na realização deste trabalho.

Não basta saber ler mecanicamente que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. **(Paulo Freire)**

RESUMO

O processo de leitura ocupa, na sociedade contemporânea, um papel de grande relevância. Ler significa desvendar a sociedade, desvendar o homem nas suas articulações com o *outro*. Nesse sentido, o ato de ler pode contribuir para a transformação da sociedade. Por isso, na escola, ele deve ir além da decifração do código escrito, além da mera possibilidade de sentido único. Enfim, faz-se necessário que nas aulas de Língua Portuguesa (LP) os sujeitos alunos percebam que os textos são heterogêneos, constituídos a partir de outros textos, num diálogo com outras vozes e, justamente por isso, não se pode desconsiderar a exterioridade, a história e a ideologia. Entretanto, naquele espaço são comuns alguns problemas: propostas de leituras advindas, em sua maioria, do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), alunos que não leem por interesse próprio, que fazem leituras superficiais quando são exigidos, processos de leitura que terminam gerando um sujeito, muitas vezes passivo que apenas extrair informações prontas dos textos lidos. Diante deste cenário, objetivou-se analisar as práticas de leitura em aulas de LP em 01 (uma) turma de escola pública – observando se as estratégias didáticas utilizadas para realização de tais práticas favorecem ou não, a atribuição de outros sentidos, outras significações a essas leituras e, ainda, apresentar uma proposta de atividades que complementem possíveis estratégias que não levem em conta a heterogeneidade, a multiplicidade de sentidos que um texto pode apresentar. A pesquisa teve como suporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa e fundamentou-se nas contribuições teóricas de Pêcheux (1977) e Orlandi (2001). E ainda, nos estudos de Solé (1998), Marcuschi (2008), Koch e Elias (2000/2014) Pereira (2011) e outros. Como aporte metodológico a pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, documental e observação participante, tendo como *lócus* duas turmas do 8º ano de uma escola pública de Araruna/PB. Os resultados apontam para as seguintes constatações: as propostas de leitura, nas aulas de LP, observadas, apresentaram, ainda, um único sentido, silenciando outros sentidos possíveis; o LDLP, principal recurso didático a disposição do professor (a) contribuiu para a efetivação desse processo de homogeneização dos sentidos. E as alternativas didáticas propostas nessa pesquisa, contribuíram, em alguns momentos, para que o sujeito aluno pudesse perceber outras possibilidades de constituição de sentidos e de sujeitos, aquele que vai além da simples captação de ideias prontas.

Palavras chave: Leitura. Sentidos. Estratégias Didáticas. Análise do Discurso.

ABSTRACT

The reading process occupies a very important role in contemporary society. Reading means unveiling society, unraveling man in his joints with the other. In this sense, the act of reading can contribute to the transformation of society. Therefore, in school, it must go beyond the decipherment of the written code, beyond the mere possibility of a single sense. Finally, it is necessary that in the classes of Portuguese Language (LP) students subjects perceive that the texts are heterogeneous, constituted from other texts, in a dialogue with other voices and, precisely for this reason, one can not disregard the exteriority, History and ideology. However, in that space some problems are common: reading proposals that come mostly from the Portuguese Language Didactic Book (LDLP), students who do not read for self-interest, who make superficial readings when they are required, reading processes that end up generating an often passive subject who only extracts ready information from the texts read. In view of this scenario, the objective was to analyze the reading practices in LP classes in 01 (one) public school class - noting if the didactic strategies used to perform such practices favor or not, the attribution of other meanings, other meanings to these readings and also present a proposal for activities that complement possible strategies that do not take into account the heterogeneity, the multiplicity of meanings that a text can present. The research had as theoretical support the Discourse Analysis of French line and was based on the theoretical contributions of Pêcheux (1977) and Orlandi (2001). Also, in the studies of Solé (1998), Marcuschi (2008), Koch and Elias (2000/2014) Pereira (2011) and others. As a methodological contribution to the qualitative research of bibliographical, documentary and participant observation, with two groups of the 8th grade from a public school in Araruna / PB. The results point to the following findings: the reading proposals, observed in LP classes, also presented a single meaning, silencing other possible meanings; The LDLP, the main didactic resource available to the teacher (a) contributed to the effectiveness of this process of homogenization of the senses. And the didactic alternatives proposed in this research contributed, in some moments, so that the student subject could perceive other possibilities of the constitution of senses and subjects, that goes beyond the simple capture of ready ideas.

Keywords: Reading. Meaning. Teaching strategies. Speech analysis.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Localização da cidade de Araruna no mapa da Paraíba.....	35
Imagem 2 – Proposta de atividade oral presente na página 106 do LDLP.....	45
Imagem 3 – Atividade oral do texto “Confuso”, páginas 103-104 do LD.....	46
Imagem 4 – Proposta de atividade escrita presentes no LDLP na página 106.....	47
Imagem 5 – Atividade de discussão oral, proposta como tentativa de ativação aos conhecimentos prévios em relação a leitura a ser trabalhada, página 52, do LDLP.	53
Imagem 6 – Proposta de atividade da seção. Escrevendo sobre o texto presente na página 12 do LDLP analisado	55
Imagem 7 – Proposta de atividade da seção Escrevendo sobre o texto, questão 3 item ‘A’, presente na página 12 do LDLP.....	55
Imagens 8 e 9 – Proposta de atividade da seção. Escrevendo sobre o texto, questão da página 12 do LDLP analisado.....	56
Imagem 10 – Proposta de atividade da seção. Explorando a linguagem presente na página 14 do LDLP analisado.....	57
Imagem 11 – Proposta de atividade da seção. Explorando a linguagem presente na página 14 do LDLP analisado.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I. O APORTE TEÓRICO	15
1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: BREVES CONSIDERAÇÕES	15
1.2 O DISCURSO: OBJETO DE ANÁLISE	17
1.3 A LEITURA: DO TRADICIONAL AO DISCURSIVO	21
1.3.1 A leitura na perspectiva tradicional	21
1.3.2 A leitura na perspectiva discursiva	25
1.4 A AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS: A LEITURA ATRAVÉS DO GÊNERO DISCURSIVO “CRÔNICA”	28
II. O APORTE METODOLÓGICO	34
2.1 A NATUREZA DA PESQUISA	34
2.2 O LOCAL DA PESQUISA	34
2.3 SUJEITOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	36
2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	36
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
3.1 AS PROPOSTAS DE LEITURA DAS AULAS OBSERVADAS	38
3.2 A ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE LEITURA DAS AULAS OBSERVADAS.....	42
3.3 AS PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA – DESCRIÇÃO	49
3.4 A ANÁLISE DA PROPOSTA DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA	52
IV. A PROPOSTA DE LEITURA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA	61
4.1 A PROPOSTA DE LEITURA.....	61
4.2 AS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	62
4.3 A ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	111
ANEXOS	152
ANEXO A – Declaração de Aprovação do Projeto de Pesquisa na Qualificação.....	153
ANEXO B – Parecer de Aprovação do Trabalho pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos CEP/UEPB.....	154
ANEXO C – Folha de Rosto do CONEP para pesquisa envolvendo seres humanos	156
ANEXO D – Termo de Autorização Institucional.....	157
ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	158
ANEXO F – Termo de Assentimento (elaborado de acordo com a resolução 466/2012-CNS/CONEP)	160
ANEXO G – Declaração de Concordância com Projeto de Pesquisa.....	161

INTRODUÇÃO

A leitura ocupa um lugar privilegiado entre as disciplinas do ensino básico, pois tem a função de formar leitores autônomos, sujeitos críticos, cidadãos conscientes. Para contemplar tal perspectiva, o sujeito leitor deve ir além da apreensão de um sentido único ou da reprodução do que está explícito em um texto (ORLANDI, 2001). Ele deve, enquanto sujeito, situado sócio/historicamente, interpretar uma realidade a partir das inúmeras possibilidades que determinada *materialidade textual* pode apresentar.

Deste modo, se faz necessário que o sujeito aluno (a) perceba a heterogeneidade textual, que um texto é constituído a partir de outros textos, travando um diálogo com outras vozes e, justamente por isso, não pode ser observado como conjunto de frases, como a representação de um pensamento do autor, sem considerar a exterioridade, a história e a ideologia, presentes na linguagem.

No entanto, esse ideal de leitura parece que ainda não se efetivou na aula de Língua Portuguesa doravante (LP). De modo geral, neste espaço convivem – propostas de leituras advindas, em sua maioria, do Livro Didático de Língua Portuguesa doravante (LDLP); alunos que não leem por interesse próprios; alunos que fazem leituras superficiais quando são exigidos; processos de leitura que terminam gerando um sujeito, muitas vezes passivo que apenas extrai informações prontas dos textos lidos; leitores que não encontram significados na leitura e não conseguem significar o que leram; práticas de leitura para a produção de resumos, fichas de leitura, avaliação ou exercícios gramaticais. Em alguns momentos, dramatizações, encenações, saraus, concursos de leitura, possibilidades adequadas.

Este cenário fez surgir as seguintes indagações: de que forma os professores de LP desenvolvem as práticas de leitura em suas aulas? Seguem orientações próprias ou apenas as orientações do LD? Essas práticas privilegiam os vários sentidos possíveis de um texto? Enquanto mestrandos pode-se contribuir para a constituição de estratégias de leitura que vislumbrem as condições sócio-históricas do texto?

Diante destes questionamentos, levantam-se as seguintes hipóteses: as práticas de leitura vivenciadas na aula de LP, ainda, remetem para leituras com

noções de sentido único; os docentes seguem principalmente as orientações dos Livros Didáticos, e que estes, exploram pouco a relação da língua com o sujeito, a história e a ideologia, elementos relevantes para a construção dos múltiplos sentidos. E ainda, que é possível promover nas aulas de LP, propostas didáticas que possibilitem a construção e ampliação dos sentidos da leitura e possam, assim, complementar as práticas já existentes na sala de aula. Nesse caso específico, uma proposta didática a partir do gênero textual crônica.

A escolha desse gênero discursivo se justificou por se tratar de uma leitura que possibilita ao aluno entrar em contato com diferentes formações discursivas presentes nas situações cotidianas descritas a partir de um contexto sociocultural, que se assemelham com as situações vividas pelos sujeitos, permitindo-lhes uma análise minuciosa e crítica, em relação aos acontecimentos simples do dia a dia.

Na crônica, manifestam-se num discurso literário, outros discursos em que se atualizam valores do contexto sociocultural, [...] ao aprofundarmos o estudo da leitura da crônica em sala de aula, [...] aproveitamos um recurso que atende à necessidade de um trabalho mais significativo de competências e habilidades em sujeitos capazes de se inserir na sociedade globalizada e de transpor as barreiras de um mundo diversificado, complexo, inconstante. (CURSINO & PRADOS, 2010, p. 8 - 10).

O trabalho com a crônica tende a possibilitar uma ampliação da capacidade reflexiva dos educandos, visto que aproxima o sujeito leitor do contexto social e histórico, descritos e ainda, por tratar de temas geralmente polêmicos e próximos da realidade em que os sujeitos se encontram inseridos. Já, do ponto de vista profissional, enquanto professor de LP, do ensino básico acreditamos que esta dissertação se fez relevante por problematizar a leitura. Trata-se de uma questão amplamente discutida, mas sempre em evidência no cenário das escolas públicas e das pesquisas, (basta olhar as avaliações oficiais: IDEB, SAEB, PISA¹) para se perceber que o ensino da leitura se apresenta envolto em dificuldades, geralmente,

¹ IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica. É composto por dois processos: a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc).

PISA – O *Programme for International Student Assessment* ou Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. O objetivo do Pisa é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico (<http://portal.inep.gov.br>).

em virtude de opções metodológicas tradicionais² que não correspondem às realidades dos sujeitos contemporâneos. Em oposição a essa perspectiva, o professor deve proporcionar aos alunos as condições de produção de leituras, dando-lhes oportunidade para que eles construam suas próprias leituras (ORLANDI, 2008).

Objetivou-se analisar as práticas de leitura em aulas de LP e as propostas de leitura do LD, observando as estratégias didáticas utilizadas para realização de tais práticas, bem como, propor atividades didáticas que superem possíveis orientações existentes nas aulas de LP, que encaminhem um processo complexo de atribuição de sentidos ao texto.

Como objetivos específicos busca-se trazer algumas reflexões sobre o arcabouço teórico da Análise do Discurso, de modo a articulá-lo às perspectivas de leitura (a tradicional e a discursiva), bem como, aos gêneros discursivos e mais especificamente ao gênero crônica; apresentando ainda o aporte metodológico da pesquisa; além de trazer a apresentação e discussão dos dados levantados na pesquisa, de modo a caracterizar e analisar as propostas de aulas observadas no ensino fundamental e caracterizar e analisar propostas de leitura do LDLP (Vontade de Saber – Português) e finalmente apresentar uma proposta de atividades de leitura que evidencie que ler é saber que o sentido pode ser outro (ORLANDI, 1988).

Elegendo como objeto de estudo, as propostas de leitura efetivadas na aula de LP, tomou como pressuposto básico algumas concepções de leitura advindas da Análise do Discurso (AD), nas discussões de Pêcheux (1977) ao afirmar que o sentido não se constitui isoladamente ou em significados desvinculados, mas a partir das posições ocupadas pelos sujeitos e que no processo de produção da leitura, a historicidade e a ideologia são constitutivas do dizer (escrever); e principalmente de Orlandi (1996, 1999, 2012 e 2015), ao enfatizar que a leitura é uma “atribuição de sentidos”, pois é o leitor que, ao fazer a leitura de determinado texto, irá interpretar e atribuir um sentido ao que está lendo ou ouvindo, tanto para a escrita como para a oralidade, (ORLANDI, 2012), processo que envolve o histórico, o social e o ideológico.

² Trata-se do processo de decifração, repetição e memorização de saberes, que não desafia o aluno, ao contrário, acaba desmotivando-o. Geralmente, o professor impõe um único sentido na leitura de um texto, não aceitando outros sentidos, possíveis. E isso contribui para que esse aluno saia da escola sem ser um leitor autônomo e crítico, algo tão necessário, na contemporaneidade.

A pesquisa fundamenta-se também nas contribuições de Marcuschi; Bahktin; Regina Pereira; Koch & Elias, quanto a produção de sentidos e aos processos de compreensão textual. E ainda, Solé; Kleiman; Dolz & Schenewly, no que tange as estratégias e oficinas de leitura na escola, entre outros.

Quanto ao aporte metodológico esse se compõe de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, documental e observação participante, tendo como espaço da pesquisa, (02) duas turmas do ensino fundamental II, mais especificamente, educandos matriculados nos (8º) oitavos anos A e B dos turnos manhã e tarde respectivamente, no ano letivo de (2016) dois mil e dezesseis, de uma Escola Estadual, situada no Município de Araruna/PB.

Como procedimentos para a execução da pesquisa admite-se métodos pautados na observação, em que serão acompanhadas ao menos 03 (três) horas/aulas da disciplina de LP em uma turma do (8º) oitavo ano em que o foco principal recaia sob o ensino de leitura, contemplando-se ainda uma análise didática do LDLP do 8º ano da Coleção Vontade de Saber publicado pela Editora FTD, adotado pela escola para o ano letivo de (2016) dois mil e dezesseis no que concerne ao trabalho com a leitura de gêneros discursivos, além da construção e aplicação em uma outra turma do (8º) ano da mesma escola, de uma sequência didática com o gênero discursivo crônica contemplando-se a fomentação da discursividade.

A pesquisa, além de trazer a Introdução e as Considerações Finais, encontra-se dividida em (4) quatro capítulos, sendo o primeiro deles intitulado como Aporte Teórico, no qual situaremos a Análise do Discurso de origem francesa, expondo suas características e especificidades em meio ao contexto social, do mesmo modo que, iremos nos debruçar sobre o Discurso como ferramenta passível de análise e, portanto, propenso à integração ao contexto educacional como mecanismo de ampliação e captação de sentidos que vão além da ideia imediata de um texto. Nesse mesmo capítulo, a leitura educacional é analisada sob duas perspectivas, a tradicional e a discursiva, visando demonstrar benefícios e possíveis falhas de cada uma delas, propondo-se um trabalho mais significativo da leitura em sala de aula.

No capítulo II, o Aporte Metodológico, apresentamos as bases da pesquisa, demonstrando quais correntes metodológicas norteiam a pesquisa. Caracteriza-se também o local da pesquisa, assim como, os sujeitos e instrumentos da pesquisa.

Nesse capítulo o foco recai sobre os procedimentos metodológicos utilizados durante a operacionalização da pesquisa, nele fica demonstrado como será realizado o processo de organização e instrumentalização da pesquisa. Há, portanto, um destaque para as estratégias e os instrumentos que podem apoiar na construção de sua operacionalização, a fim de que esse estudo possa trilhar parâmetros que o tornem mais apreciável e pautado em normas técnicas.

No Capítulo III, temos a Apresentação e Discussão dos Dados da Pesquisa, momento em que apresentamos as propostas de leitura realizadas tanto nas aulas observadas quanto nas propostas descritas através do livro didático, após cada uma das descrições das perspectivas de leitura encontram-se dispostas as análises de cada uma dessas propostas, averiguando suas validades práticas perante o contexto educacional.

Por último, no Tópico IV, propomos, através do processo de intervenção, uma proposta de leitura, por meio de uma sequência didática, que privilegie a ampliação do poder da leitura na aquisição e ampliação da capacidade crítica e reflexiva dos sujeitos submetidos à pesquisa. Analisaremos ainda, a aplicação da própria proposta de leitura formulada pela pesquisa, a fim de atestar sua validade perante a problemática da pesquisa.

I APORTE TEÓRICO

Perante esse capítulo a pesquisa incumbir-se-á a princípio, trazer breves considerações acerca da Análise do Discurso de linha francesa visando conceber uma abertura para as discussões acerca dessa área de conhecimento, evidenciando que os sentidos são construtos amparados nos contextos em que os discursos são produzidos, assim, o discurso, torna-se um objeto de análise em virtude de que é através desses, que o indivíduo interage e se constitui quanto sujeito social.

1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A Análise do Discurso doravante (AD) surgiu na década de 60, na França e se configura como um modelo teórico-metodológico e se instituiu em três fases³. Teve como marco inaugural a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* doravante (AAD), em 1969, por Michel Pêcheux, que a definiu, inicialmente, como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado.

Enquanto metodologia, privilegia a interdisciplinaridade e articula pressupostos teóricos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; o materialismo histórico, como teoria das formações sociais, incluindo aí a ideologia e da teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX, 1998). E ainda, a psicanálise que sustenta explicações para os processos de representação do referente textual, coletivamente construído por interações discursivas e por um sujeito fragmentado que tem a ilusão de ser uno.

³ Na AD podem se identificar Três Épocas: a (AD1), a análise discursiva consistiu em detectar e construir sítios de identidades que se davam num espaço discursivo supostamente dominado por *condições de produção* estáveis e homogêneas (Pêcheux, 1983). Na (AD2), houve um deslocamento teórico que explodiu a noção de máquina estrutural fechada. O objeto da AD2 deslocou o olhar para as relações *entre* diferentes máquinas discursivas estruturais, relações que são relações de forças desiguais entre processos discursivos. Introduziu-se aqui a noção de *formação discursiva* tomada de empréstimo de Foucault: uma FD não é um espaço estrutural fechado, estando invadida por outras formações discursivas sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos. O desenvolvimento de pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos permitiu o surgimento da (AD3) abordar o estudo da construção dos objetos discursivos, dos pontos de vista e dos lugares enunciativos. A heterogeneidade enunciativa característica da AD3 concebe o discurso como heterogêneo, tal qual o sujeito, cujo enunciado é também dividido, cindido, cujo controle do discurso lhe escapa. A AD3 rompe, portanto, com as tentativas de homogeneidade e de ilusão de identidade presentes nas etapas anteriores.

Contudo, ao falar e/ou enunciar seu discurso, ele sempre está se remetendo ao já-dito, a outros discursos. (ORLANDI, 1983).

No discurso se inter-relacionam, então, língua e história, onde participam elementos externos. E são nesses elementos que se baseia a Análise do Discurso, buscando no contexto em que é construído o discurso, os seus possíveis sentidos. Assim sendo, a AD não pode ser confundida com uma simples análise de texto, visto que esta, se detém nas relações internas analisando apenas o aspecto linguístico do discurso. Para a AD a situação histórico-social na qual se organiza um discurso é de essencial relevância para a atribuição dos sentidos.

Para encontrar esses sentidos ou efeitos de sentido, a AD relaciona um tipo de discurso com outro, uma espécie de etapa para atingir o seu objetivo final, identificando os efeitos de sentido gerados. Nesse exame dos variados tipos e formas de discurso, a AD investiga a época, o lugar, os fatos políticos, as questões religiosas, e tudo mais que sirva para detectar a “formação discursiva” que condicionaram um determinado sujeito e o seu discurso. Afinal, praticamente tudo se inscreve no âmbito do discurso, difícil mesmo é encontrar o que não se enquadre como tal, visto que até o silêncio representa um discurso (ORLANDI, 1992).

Trata-se como defende a autora, de um campo promissor, tendo em vista que o discurso está presente em todos os tipos de textos: escritos, orais, imagéticos, outros. Cabe então, a Análise do Discurso, compreender a produção social de sentidos, existentes nesses textos/discursos.

Reconhecendo assim, que é através das produções discursivas que a sociedade consegue materializar as ações dos indivíduos e seus contextos, tem-se um terreno muito fértil para a compreensão de como surgem e se manifestam as ideologias, tanto na questão pessoal, como no âmbito coletivo, levando-se sempre em conta, o momento histórico e a localidade onde o contexto é produzido.

A Análise do Discurso busca conceber como a linguagem se materializa na ideologia e como esta última se manifesta na língua. Dito de outra forma, a Análise do Discurso, busca apreender como a ideologia se materializa no discurso e como o discurso se materializa na língua, de modo a entender como o sujeito, atravessado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar social, lança mão da língua para significar-se, (MENDES E SILVA, 2005, p. 17).

A AD situa-se, portanto, como um recurso para identificar o que está além do discurso dito ou escrito, permitindo uma ampliação do poder conceitual das palavras em meio ao discurso, e por consequência, pode oferecer ao estudo textual, maior poder de expressão, considerando sempre que o discurso traz consigo não apenas a informação imediata pretendida pelo emissor, mas todo um contexto ideológico formado no eu interior do indivíduo, devido às construções impregnadas por outros discursos, que de certa forma, modelaram seu modo de pensar e conseqüentemente seu modo de agir. No próximo tópico, discute-se o discurso, enquanto objeto passível de análises perante os estudos da linguagem.

1.2 O DISCURSO: OBJETO DE ANÁLISE

A linguagem é um meio pelo qual a humanidade dá sentidos às coisas. E este instrumento, tornou o indivíduo capaz de se constituir, constituir outros e transformar a realidade que o rodeia. E é nessa construção de sentidos que o discurso assume o papel de objeto na AD. Em meio a esse raciocínio, Pêcheux (1995, p. 160) propõe que as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas. Em nosso país, na atual conjuntura, falar a palavra *golpe* nos remete ideologicamente à esquerda petista, para a direita, seria possível enunciar impedimento.

Analisar o discurso tornou possível à linguagem, ir além do explícito, identificando não apenas o que o texto representa, mas, sob quais aspectos e circunstâncias essa representação vem à tona, e quais as marcas ideológicas presentes nele (marcas do capitalismo, da religiosidade, da esquerda...). Pêcheux (2010, p. 78) ser impossível, “analisar um discurso como um texto”. Isso porque é imprescindível referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção, já que o contexto histórico-social é modelado de acordo com a exterioridade, que, constitui todo e qualquer discurso.

Nessa perspectiva, a linguagem torna-se requisito básico como assevera Orlandi (2015, p. 13), pois na AD, a linguagem é vista como meio de articulação entre o homem e a realidade natural social. Ou seja, uma ponte entre o sujeito e o mundo. E, enquanto ponte, o discurso deixa de ser apenas o meio pelo qual a leitura

é exposta e passa a ser um construto envolvendo os interlocutores na constituição dos sentidos, assim sendo, os princípios que norteiam a formulação de um discurso são o dialogismo e os enunciados.

Nesse processo dialógico, o discurso sempre surge atrelado a outros, “pois todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Para Pêcheux (1988) o discurso é o efeito de sentidos produzido entre locutores. Portanto, não há simplesmente o intuito de transmissão de informações, como durante muito tempo se pensou, mais de interlocução. Pois nesse processo de existem sujeitos se constituindo, e de certa forma, sujeitos e sentidos são afetados pela história no funcionamento da língua/linguagem.

Nessa produção de sentidos, o sujeito, seja ele emissor ou receptor, embora acredite estar produzindo algo original diante aquela interação, encontra-se fadado a criar mecanismos inconscientes que permitem uma interseção envolvendo vários contextos à sua produção, funcionando como guias que direcionam seu modo de exteriorizar os discursos quando o sujeito atua na prática interativa. É essa interação que faz com que haja uma constante lapidação de sua posição ante a sociedade e seus discursos. É exatamente por esse motivo que os sujeitos acreditam serem originais, mas apenas:

[...] têm a ilusão de que são as fontes de seus dizeres e sentidos, mas isso não acontece: a possibilidade dos dizeres é marcada sempre pela história dos próprios dizeres, por tudo que já foi falado por todos os outros. Toda e qualquer sequência discursiva, por eles produzidas, pertence a uma formação discursiva que, por sua vez, tem relação com uma determinada formação ideológica (FURLAM & MEGID, 2009, p. 12-13).

Nesse cenário, os discursos são concebidos através de construções que integram-se por meio de relações envolvendo vários contextos, tendo em vista que, embora o sujeito possa realmente fomentar seus dizeres, esses de certa forma, já se encontram prontos em seu subconsciente, não automatizados, mas constituídos por discursos outros que trataram de formar conceitos e determinar um posicionamento do indivíduo em uma contextualização sócio-histórica.

A AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre pra dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa, (MUSSALIM & BENTES, 2004, p. 110).

Nem um dito pode ser considerado original, os dizeres estão prontos e são ressignificados, passando a ser visto como novidade. O sujeito, portanto, carrega uma gama praticamente infinita de contribuições oriundas das mais variadas contextualizações em que o indivíduo tenha interagido, criando nele um ambiente de constante e extremo conflito, permitindo uma linear construção de sentidos e posições no seu inconsciente, as quais se manifestam exatamente através das produções decorrentes das formações discursivas que apresenta.

Nesse caso, “a formação discursiva é entendida como aquilo que numa formação dialógica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”, (ORLANDI, 2005, p. 43).

O sujeito, muitas vezes inconscientemente, toma essa postura discursiva para significar-se perante os contextos, embora, esse posicionamento às vezes, seja assujeitado ao discurso de outros, no próprio ato discursivo. O que não quer dizer que ali também não estejam presentes impressões dos discursos já de outros. A autora (2005, p. 32), afirma ainda que, “O fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma do dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso e sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

Mais do que tudo, os sentidos são construídos levando-se em conta, os lugares discursivos de onde os sujeitos emanam seus discursos. Todos os discursos, por mais originais que pareçam, carregam naturalmente uma variabilidade de contextos trazidos de outros discursos.

Os sentidos presentes ou não em um discurso, portanto, sempre estarão interligados através de intrincadas relações. Nesse contexto, percebe-se que “Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado

por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora legitimando-o, ora confrontando-o” (SANTOS, 2012, p. 2).

Por isso, analisar os discursos não se detém apenas a compreender como o indivíduo se posiciona em relação às questões que o rodeiam, nem compreender seu modo de agir, estende-se a buscar mecanismos que demonstrem como as posturas e são produzidas em um contexto social e, de que forma, elas são enunciadas perante a sociedade. Como nos esclarece Foucault (2005, p. 139), “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar”. Há certos dizeres que só são possíveis (do ponto de vista da aceitação desse dizer) para alguns, não para todos.

O indivíduo, portanto, deixa de ser um ente com necessidades e vontades individuais e passa a integrar uma composição social mais próxima do que a comunidade quer e exige do indivíduo, pois seu posicionamento não segue exatamente suas vontades instintivas, instiga-o a prostrar-se diante da sociedade de acordo com determinados padrões, inconscientes, porém bem presentes, em todos os campos da interação humana. Para tanto, considerando-se o contexto histórico em que a comunidade está inserida, cria-se um relacionamento mais próximo entre a historicidade e os enunciados produzidos, permitindo um jogo de ida e volta ao passado.

As opiniões e posturas são modificadas de acordo com as posições discursivas ocupadas pelo indivíduo no instante da observação. “De acordo com a análise do discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.” (ORLANDI, 1999, p. 58).

Entende-se que embora os fatos históricos estejam solidificados no passado, o olhar dos sujeitos em relação a esse passado permite constantes modificações que tendem a se materializar através de seus discursos no presente, pois seu olhar na contemporaneidade torna a realidade uma incógnita, pois pode ser revista sob uma ótica diferente e de novas concepções, devido ao transcurso do tempo e a circulação de novas teorias e discursos. Portanto, a leitura de um texto, a materialização de um discurso, pode suscitar múltiplos sentidos e não apenas um, como se verá no próximo tópico.

1.3 A LEITURA: DO TRADICIONAL AO DISCURSIVO

Perante os próximos tópicos pode ser observado que a leitura poderá ser apreciada sob duas vertentes de raciocínio, a leitura sob a perspectiva tradicional, na qual, os sentidos encontram-se basicamente pré-estabelecidos, cabendo ao indivíduo, fazer um trabalho criterioso para abarcar os significados elencados por esse sistema, onde o dito encontra-se no dito; e a perspectiva discursiva, onde a leitura é contemplada como um procedimento em que os sentidos perpassam as barreiras materializadas no texto. O texto, significa muito mais do que carrega em sua construção gráfica, cabendo ao receptor, portanto, uma participação mais ativa perante o ato de ler, instigando no sujeito uma ampliação de sua capacidade crítica e reflexiva na atribuição de sentidos perante essa materialidade.

1.3.1 A Leitura na Perspectiva Tradicional

A leitura é uma das ferramentas didáticas mais utilizadas na educação, por ser capaz de promover no sujeito uma grande variedade de sensações, assim como, o põe em contato com uma gama de habilidades específicas do ato de aprender. Um instrumento capaz de fazer esse sujeito enxergar “novas” realidades. "Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância" (SILVA, 2002, p. 75).

Essa postura de desvendamento da realidade, um dos pressupostos da leitura discursiva, se opõe a perspectiva tradicional, um processo que muitas vezes se limita a uma decodificação sonora de unidades linguísticas criando uma falsa ideia de que o sentido só pode ser extraído da página impressa (KATO, 1995). Neste posicionamento, a leitura é uma atividade em que o sujeito, embora esteja impregnado de informações e de uma formação social, não deve levar essas premissas em consideração quando se encontra em contato com um texto que, aqui, podemos elevar à categoria de discurso, pois o texto, em si, já traz todo o suporte significativo para que sua apreensão se dê de modo total, não cabendo, por parte do receptor, nenhum tipo de intervenção em relação a sua carga significativa.

Nessa concepção, ler é algo extremamente fechado e encontra-se totalmente integrado aos preceitos comunicacionais e interpretativos indicados pelo

seu autor. Sua mensagem, portanto, atende aos objetivos previamente condicionados por parte de quem idealiza o texto.

A leitura, portanto, nessa perspectiva pode ser considerada uma atividade direcionada e conduzida às massas como meio de submissão e assujeitamento, pondo o leitor em uma situação de aceitação das posturas “definidas” pelo emissor, restringindo-o a uma atividade de decodificação dos signos explícitos, ou seja, o leitor encontra-se conduzido a compor as palavras através da junção de letras, formular frases em detrimento das palavras, do mesmo modo que observa a carga sonora das palavras e frases, sem se dar conta da totalidade discursiva. Como aponta Silva (2013, p. 24)

O resultado dessa forma de ler é que o leitor acaba estabelecendo um esforço extremo no momento da leitura, pois ele fica restrito a determinadas estruturas, que na verdade dificultam o processo de compreensão, como a correspondência de som em letras e letras em palavras – tendo sua atenção desviada das unidades maiores, que permitem alcançar o sentido global.

Tem-se assim, uma leitura superficial, que não segue adiante. Na maioria das vezes, a leitura acaba no mesmo instante em que o processo de codificação se finda. Assim, essa atividade, toma como objetivo a satisfação de si mesma, e, portanto, sugestiona ao leitor ficar estático em sua posição de expectador da produção textual.

Essa premissa demonstra o quanto os métodos de leitura adotados por alguns educadores tendem a formar leitores cheios de aversão ao ato de ler, pois se cria um abismo envolvendo os sujeitos e as produções que lhes são apresentadas. O distanciamento promovido pelos modelos de leitura nessa perspectiva faz com que não apenas o processo seja enfadonho, mas todas as atividades escolares que vierem após essa, se dê de modo muito automatizado e sem espaços para a reflexão.

Kleiman (1992) enfatiza que as atividades de leitura realizadas em ambientes escolares, as quais geralmente se pautam no método tradicional, e que por assim ser, apresentam apenas a finalidade de decodificação das informações expostas, são claramente reconhecidas como estafantes, áridas, tortuosas, desmotivadoras, não apresentando características ligadas a um ato de leitura prazeroso. A leitura realizada dessa forma, nas escolas está compactuando para

que o sujeito se aproprie do sistema da codificação, porém, limita o processo de desenvolvimento da criticidade desse leitor.

Para Silva (2013) esse sujeito leitor constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas, apreende detalhes detectando até erros de ortografia e apresenta dificuldade de formular conclusões. É vagaroso e pouco fluente e tem dificuldades de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que é mais importante do que é meramente ilustrativo e redundante.

Algumas propostas de leituras, inclusive as contidas em LD tornam-se apenas veículos para a codificação. Seus significados além de se manterem confinados às propostas do autor, também se tornam ferramentas impostas pelo sistema como guias para uma ampliação do efeito único, sobre a realidade.

Tal efeito de homogeneidade, pode se tornar algo extremamente nocivo para o desenvolvimento do sujeito, pois o direciona a aceitar tudo o que lhe é exposto e, portanto, faz com que as possibilidades de constituição de sentidos exteriores ao texto sejam praticamente nulas. Assim, a leitura nesses moldes tradicionais se se tornam praticamente improdutivas. Queiroz (2009, p. 9) traz a seguinte assertiva sobre a leitura, quando praticada nos moldes tradicionais.

A leitura no paradigma tradicional, portanto, é dissociada do sujeito, como se não houvesse interação entre leitor e texto, como se o leitor não levasse para a interpretação sua história de vida e seu conhecimento de mundo. Os conteúdos são desconectados da realidade do aluno, não há diálogos entre eles, e a ideia de negociação de sentidos e de diferentes interpretações é descartada. O texto é visto como um produto acabado e, na maioria das vezes, serve de pretexto para o ensino de aspectos estruturais da língua, como a gramática, por exemplo.

Percebe-se que sob essa perspectiva, a leitura se distancia do leitor por não valorizar nem apreciar sua historicidade, não oferece espaços para que seus conhecimentos de mundo possam dialogar com a tessitura textual. Assim, todas as possíveis construções imagéticas e conceituais que poderiam vir à tona, antes, durante e após o processo de leitura, são descartadas e, portanto, impossibilitam uma parceria envolvendo o texto, o autor e o leitor.

O texto, nessa perspectiva, é fragmentado em partes. É instaurado um sistema de leitura que vê o texto somente como uma composição estrutural através

da qual se atinge os objetivos de trabalhar a estruturação da língua. O discurso nesse caso não participa ativamente do processo, sua estrutura universal perde valor e desse modo, obstrui a ampliação dos sentidos possíveis a partir da tessitura.

Marcuschi embora não integre a linha da Análise do Discurso, tem feito referências a analistas do discurso e, nessa perspectiva, aponta que para se fazer uma boa leitura é necessário capacidade, reciprocidade e esforço. Para ele, compreender um texto não é algo natural, genético ou individual.

Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre a compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma força de interação no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 229-230).

Pode-se afirmar então, que ler é interagir com o outro, dentro de um determinado contexto socio-histórico. Não é apenas uma questão cognitiva, como faz parecer o ponto de vista tradicional. É claro que o processo cognitivo tem que fazer parte do desenvolvimento da leitura, porém, no tradicionalismo, esse paradigma se torna uma imposição, prescrição, portanto, um modo de se fazer leitura que fica muito aquém daquilo que o ato de ler representa.

Esse tipo de utilização da leitura impossibilita ou dificulta que o sujeito tenha direito a voz, a expressar suas opiniões, vontades, sonhos, enfim, sua subjetividade. Desse modo, o sujeito aluno, não teria coragem a contrariar interpretações, seja do professor ou do LD.

Na perspectiva tradicional, tanto o sistema quanto o professor e o LD compactuam com essa modalidade de leitura, em que o sujeito aluno encontra-se imerso em uma determinada situação de submissão, sendo modelado a aceitar as conjunturas que lhes são apresentadas sem questionar, sem criticar, sem pensar.

Quando à leitura é apenas ligada aos preceitos do tradicionalismo, vive-se um processo de desvalorização dos sentidos, o sujeito apenas torna-se um reprodutor de ideias já prontas e acabadas. Para contribuir com a emancipação dos sujeitos, a leitura deve ser caracterizada como um instrumento para o processo de reconstrução da sociedade e tal mecanismo é constituído de condições para que o sujeito se aproprie do conhecimento historicamente construído. E, de posse desse

conhecimento, se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. Uma possibilidade é a leitura a partir de perspectiva discursiva, discutida a seguir.

1.3.2 A Leitura na Perspectiva Discursiva

No que diz respeito à leitura sob a perspectiva discursiva, o livro *Discurso e Leitura* (1999), de Eni Orlandi, um dos principais nomes da área do discurso, no Brasil, traz algumas contribuições acerca do ato de ler. Diferente da perspectiva tradicional, a perspectiva discursiva (do ponto de vista da análise do discurso, defendida pela autora) não se preocupa com os processos (como a linguagem, o texto, a leitura) significam e não tão somente com os produtos. Nessa segunda opção, o ser humano é visto como sujeito de interação, imerso em uma realidade social e a linguagem é transformadora, concebida como trabalho, produção social gera.

Desse modo, para a autora (1999) “[...] a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente.” (p. 11). Como se percebe ler vai além da aparência, do trivial, daquilo que o texto diz. O não dito é tão ou mais importante do que o dito.

Visto dessa forma, a leitura passa a ter outra função referencial, diferente da linguística clássica, cujo enfoque é a informação. “Na perspectiva da análise do discurso... tomar a palavra é um ato social...” (ORLANDI, 1999, p. 17) que vai além dos reducionismos impostos, ou seja, a questão da decodificação. Assim, é levado em consideração o processo de sua produção, sua significação.

Orlandi (1999) traz para a discussão a opinião de que a leitura deve ter na escola a função de trabalho intelectual, porém o que se verifica frequentemente na escola é uma visão que ela chama de *pedagogismo* (a leitura apenas com propósitos pedagógicos). Assim, desvincula-se o caráter histórico-social da leitura para preocupar-se com técnicas, com o imediato, o que teria um fim em si mesmo. Isso remete a questão da metodologia utilizada pelos professores (as) nas aulas de LP e, sobre esse aspecto, a autora enfatiza que a problemática dos métodos nos estudos da linguagem é questão fundamental (ORLANDI, 1999).

Ao se debruçar sobre uma determinada forma de ver a leitura (sentido único), o professor (a) constrói, na aula de leitura, uma única visão da realidade. E essa escolha contraria a afirmação de que, as diferentes perspectivas pelas quais se observa um determinado fato, ou acontecimento, dão origem a uma variedade de objetos de conhecimento, cada qual com suas características e propriedades (ORLANDI, 1999).

O que se percebe na escola é a institucionalização de métodos de leitura que, embora não sejam admitidos, funcionam amparados por discursos autoritários, devido à postura metodológica tradicional⁴, adotada pelo educador (a), como por exemplo, ver no LD um conhecimento já pronto. Talvez seja por isso que os educandos, muitas vezes, atribuam a leitura realizada na escola o rótulo de atividade enfadonha, sem gosto, sem significados para eles, sem que seja possível atribuir sentidos a essas leituras.

Para Hashiguti (2009, p. 28)

Ler significa interpretar com base em posições discursivas, isto é, um texto não contém em si, sentido nenhum. Os sentidos são produzidos pelo trabalho do leitor com a memória discursiva na sua relação com as condições de produção.

Assim, trabalhar a leitura enfocando o discurso numa perspectiva que privilegie as condições de produção, a atribuição de vários sentidos, a presença dos não ditos, parece ser um caminho palpável, desde que se reconheça que o discurso é “uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social”, (MUSSALIM, 2009, p. 128).

A escola, portanto, como aponta Fiorin (2009), não pode se resumir a trabalhar o texto como se esse fosse apenas uma frase longa e posteriormente cobrar que os educandos apliquem esses conhecimentos em suas produções, sejam orais ou escritas. Pois se não houver um desenvolvimento ligado à ampliação da criticidade do sujeito em relação à leitura, sua capacidade de interagir com a língua também pode ficar comprometida.

⁴ Utilização de antigas práticas metodológicas, petrificadas pelo tempo e poucos produtivas nos dias atuais. No caso da leitura: ler, interpretar, encontrar a mensagem do texto, dando pouco ou nenhum espaço para a discussão de outros sentidos possíveis nos textos. Não levantando reflexões sobre determinadas leituras propostas pelos livros didáticos, aceitando-as como única verdade.

A leitura na escola tem que estar atrelada a metodologias que permitam uma apropriação da língua, por parte do educando e que esse fenômeno possa estar associado a seu desenvolvimento crítico enquanto ser. Pois “só há prática através de e sob uma ideologia”, do mesmo modo que, “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 1997, p. 149).

Desse modo, a educação deve promover atividades de leitura que distancie o indivíduo do assujeitamento discursivo, posto que, esse assujeitamento tende a limitar o indivíduo a ser apenas um reproduzidor de discursos de outros, não privilegiando a exposição de sua postura social e seus pontos de vista, portanto, restringe sua capacidade de expor seus posicionamentos críticos-reflexivos sobre o mundo. Tal assujeitamento é decorrente de vários fatores, mas em especial, resulta do autoritarismo discursivo presente na postura de alguns educadores e endossado pela escola, como se encontra descrito por Hashiguti (2009, p. 23).

O discurso escolar configura-se como autoritário porque tende a interditar a circulação de diferentes sentidos, privilegiando a produção de um único [...] No discurso autoritário não há, de fato, interlocução entre os sujeitos envolvidos, e os sentidos que circulam para o referente são determinados por um deles, segundo a posição que ocupa na hierarquia de poder [...]

Assim, para evitar esse autoritarismo, essa interdição de sentidos, se faz necessário um empenho em desenvolver estratégias de ensino, em especial na disciplina de LP que privilegiem um aprimoramento da criticidade do aluno, principalmente, no que concerne às produções de sentidos. Se esse posicionamento não for contemplado em âmbito escolar como recurso para o desenvolvimento reflexivo, sem dar os devidos espaços para a exposição de marcas de sua personalidade discursiva, pode-se estar atrofiando a autonomia do sujeito aluno quanto ser consciente, ativo e capaz de interagir e modificar a realidade social.

Nesse contexto, a escola deve apresentar o compromisso de tornar a leitura discursiva uma prática mais consciente para o aluno, onde ele possa estar esclarecido de sua responsabilidade perante a construção dos sentidos nos discursos. Dar a ele possibilidades de ampliar sua participação na tessitura textual e fazê-lo sentir parte determinante nesse processo.

Dessa maneira, um texto deixa de ser apenas uma forma de se comunicar e, através da leitura, o indivíduo pode se estabelecer como sujeito, capaz de se

reconhecer, de observar como cada discurso, em cada contexto, o afeta. Fazendo-o ver o mundo de outra forma, compreendendo melhor os mecanismos sociais através dos quais os discursos se manifestam, se posicionando perante esses, tornando-se gradativamente mais autônomo sobre a complexa e intrincada contextualização social de classes que o rodeia.

De fato, o sujeito pode sentir-se apto a participar ativamente dos processos sócio-históricos cotidianos e se fazer instrumento comprometido em ver o coletivo sem se entregar ao assujeitamento discursivo, que desde os primórdios da sociedade foi um instrumento de agenciamento da exclusão, impossibilitando uma integração social verdadeiramente mais justa.

Acredita-se então, que trabalhar a leitura na perspectiva discursiva, ou seja, constituir um modelo que dê conta de promover nos educandos uma postura mais proficiente e autônoma em relação aos processos de leitura no âmbito escolar demanda ainda, uma caminhada bastante árdua, mas necessária. Assim, no próximo tópico, aborda-se a possibilidade de ampliação dos sentidos da leitura na sala de aula, através do gênero discursivo crônica.

1.4 A AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS: A LEITURA ATRAVÉS DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

Embora a educação escolar tenha conseguido progredir em relação a vários fatores, apresenta ainda uma grande dificuldade em fazer com que os educandos possam atingir a proficiência em relação à leitura e, por consequência, a escrita. Como afirmam Schneuwly e Dolz (2004, p. 10), “as práticas escolares [...] tendem a formar leitores, com apenas capacidades mais básicas de leitura, ligadas à extração simples de informação de textos relativamente simples”. Postura inaceitável constituída pela prática de exercícios mecânicos de metalinguagem, transformando a leitura em uma prática destituída de sentido.

Essa questão tem comprometido não apenas a dinâmica do processo ensino/aprendizagem de leitura e escrita, tendo em vista que essas duas modalidades são habilidades incondicionais na aquisição e ampliação do saber. Como também, remetem a uma má apreciação do processo de formação crítico e reflexiva do sujeito, pondo em risco muito mais do que seu sucesso escolar, mas, sobretudo, sua integração social e seu desenvolvimento autônomo. Ao afirmar que a

escola tem a função de letrar e não apenas alfabetizar os sujeitos, Kleiman (2003, p. 91), traz a seguinte preocupação:

A escola está cada vez mais encurralada entre o contexto opressivo da violência, do desemprego, dos desmandos da administração pública; seu campo de manobra tem sido bastante diminuído por tais pressões. A leitura é uma das maneiras que a escola tem que contribuir para a diminuição da injustiça social desde que ela forneça a todos as oportunidades para o acesso ao saber acumulado pela sociedade.

A escola tem, portanto, a grande responsabilidade social, a partir do letramento, tornar os sujeitos aptos a entender e lidar com os múltiplos problemas de ordem social. A leitura discursiva certamente pode ser uma das ferramentas que permitem transformar os indivíduos em cidadãos autônomos. Para tanto, a educação deve libertar esses sujeitos das convenções, do autoritarismo, das ideias que oprimem, da obediência cega e do comodismo. Deve estimular a ação do sujeito para a construção de conhecimentos e propiciar a criticidade e a reflexão.

Essa possibilidade deve passar essencialmente, a partir de gêneros textuais como apregoam os PCN (1998), tendo em vista que se vive um período em que a grande variabilidade de gêneros se configura como um desafio à compreensão humana, ao mesmo passo que, instiga nossa criatividade a ponto de permitir um linear crescimento dos usos textuais em âmbito escolar e social.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

É nesse ambiente de diversidade textual que ganha destaque o estímulo e a tendência de se trabalhar com a teoria dos gêneros textuais em sala de aula, pois estes permitem uma ampla sincronia envolvendo os textos e as situações concretas do uso da língua, possibilitando uma integração mais positiva entre os sujeitos e o contexto social.

Assim, é imprescindível realizar aulas que possibilitem a realização de leituras de variados gêneros textuais discursivos, privilegiando, em suma, a atribuição e a ampliação de sentidos, bem como, a promoção nessa atividade, das circunstâncias que provoquem no educando análises mais criteriosas e apuradas na

percepção da discursividade e, por consequência, possibilitando e instigando uma ampliação na captação dos sentidos presentes na materialidade discursiva, tendo em vista que estes sentidos não estão presentes no texto, mas se constroem no curso de uma interação (KOCH, 2000), entre autor e leitor, numa parceria dialógica. Tal possibilidade se inicia com a escolha por parte do professor (a), de gêneros textuais que efetivem o processo de leitura.

Com o propósito de promover um trabalho com a leitura discursiva dos gêneros textuais, o professor (a) deve estimular a condição crítica do sujeito para que ele consiga posicionar-se perante o espaço sociocultural que está inserido, permitindo ao indivíduo uma percepção de que o trabalho discursivo com a leitura perpassa as questões curriculares disciplinares e abarca uma gama de possibilidades sociais de uso da língua. Para isso, deve partir de um gênero textual que favoreça a proximidade entre o mundo do sujeito leitor e o mundo do sujeito autor (a):

Um gênero textual com possibilidades de abrir esse caminho é a crônica. Por apresentar uma linguagem moderadamente elaborada, mais tendente à informalidade; forma breve, estilo próximo ao da conversação, ora lirismo, ora humor, refletindo sobre fatos do cotidiano, a crônica facilmente se aproxima dos leitores. Além de ser um gênero híbrido que informa e diverte, a crônica (no momento adequado) pode encaminhar ao trabalho com outros gêneros textuais que, na maioria das vezes, são introduzidos na sala de aula secamente, provocando de certa forma o desinteresse dos alunos pela leitura. (LIMA, 2010, p. 6).

Como se vê, a crônica pode aproximar o leitor do autor através da linguagem, da cotidianidade, da diversão. Além de estar mais ligada ao poder da reflexão discursiva, devido sua forte ligação com o momento histórico, possibilitando assim, uma maior ampliação no processo de atribuição de sentidos ao texto e permitindo uma leitura mais perceptiva no que diz respeito à captação das marcas ideológicas presentes nos discursos textuais. Por isso esse gênero chamou a atenção desse pesquisador e tornou-se integrante dessa pesquisa, fazendo-se necessário, caracterizá-la.

A palavra crônica é derivada do latim *Chronica* e do grego *Khrónos* (tempo), o significado principal que acompanha esse tipo de texto é exatamente o conceito de tempo. Nesse sentido, a crônica é o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo. A

quantidade de personagens é reduzida, podendo inclusive não haver personagens. É o relato de um fato cotidiano, apresentando lirismo, reflexão, e certo tom de ironia e humor. (LIMA, 2010, p. 2).

O gênero descrito, a crônica, pode significar para os leitores contemporâneos um espaço ao mesmo tempo de reflexão e deleite sobre os fatos cotidianos, habilmente captados pelo autor, de forma bem humorada e crítica. Destacando-se também, por apresentar geralmente, uma linguagem que se aproxima da linguagem coloquial, o que favorece a interação entre o cronista e os leitores.

É seguindo essa premissa que a crônica torna-se um gênero discursivo propenso a estabelecer relações envolvendo a realidade social do indivíduo e a atribuição de sentidos que ele confere a leitura. E nesse gancho, o trabalho com o desenvolvimento crítico-reflexivo torna-se mais produtivo, principalmente levando em consideração os processos ideológicos que forjaram sua estrutura socio-histórica. Pereira (2004, p. 22), defende que a crônica “perfaz um caminho de criação e recriação dos eventos sociais, colocando o homem como condutor de um ciclo de várias ações que podem ser determinadas pelo tempo histórico em que habita”.

Nessa ótica, sócio-histórica, pode-se através do trabalho da leitura discursiva de crônicas, fazer com que o educando se inscreva numa profunda reflexão acerca de seu próprio lugar no mundo, refletindo sobre sua postura social, econômica, intelectual, etc. Assim, ganha mais autonomia não apenas em relação ao seu progresso escolar, mas principalmente, posicionando-se de modo mais consciente em relação a sua constituição enquanto sujeito, agente de transformações sociais. A esse respeito, Cândido (1992, p. 19) argumenta:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça própria da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar, de modo persuasivo, muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

Esse amadurecimento pode surgir a partir das articulações através das análises discursivas advindas do processo interativo envolvendo o texto (discurso) e às concepções de mundo do sujeito, favorecidas pela leitura do cotidiano propiciado

por gênero discursivo. Levando o aluno a refletir as circunstâncias em que aqueles discursos e formações ideológicas se originaram e quais objetivos busca atender quando se manifesta através da leitura.

Nessa mesma linha de pensamento, Cursino e Prados (2010) acreditam que um estudo da crônica realizado na escola pode contribuir para a apreciação de um saber sobre o mundo, possibilitando uma ampliação da compreensão dos sistemas de valores presentes no contexto sociocultural. E assim, gerar frutos produtivos na constituição de uma formação educacional mais cidadã e justa.

Acredita-se que através do desenvolvimento crítico-reflexivo propiciado pelo uso da crônica em sala de aula, o educando estará munido de elementos sócio-interativos e culturais relevantes para compreender sua relação com o mundo, constituindo-se enquanto sujeito de mais leituras. Mantendo-se consciente a respeito de sua parcela de responsabilidade em relação à sua ascensão educacional, cidadã, sociocultural, etc. Ao interagir socialmente, o sujeito observa que influi e é influenciado pelo meio.

Escolhido o gênero, no capítulo seguinte apresentamos a metodologia da pesquisa: caracterizando sua natureza, espaço, sujeitos, instrumentos e procedimentos; Aportes necessários para efetivar a intervenção na realidade escolar, objeto desse estudo.

II APORTES METODOLÓGICOS

No capítulo anterior, a pesquisa tratou de expor a fundamentação teórica que fomentou a pesquisa, nessa etapa, o foco de atenção será o aporte metodológico e, por se tratar de uma pesquisa em que o ponto principal recai sobre a execução de uma prática de intervenção pedagógica, inicialmente, tratar-se-á da natureza da pesquisa, demonstrando sob quais meandros de abordagem técnica o trabalho se adequou, em seguida serão considerados os contextos em que a pesquisa se pautou, evidenciando o local da pesquisa, tendo em vista a obrigatoriedade da execução da intervenção ser em um estabelecimento de ensino. Subsequentemente serão descritos os sujeitos envolvidos, assim como, os instrumentos utilizados na operacionalização além de descrever sob quais procedimentos metodológicos sua execução se construiu.

2.1 A NATUREZA DA PESQUISA

Para que uma pesquisa possa enquadrar-se no campo científico torna-se necessário, *a priori*, enquadrá-la em um tipo de pesquisa. Assim, essa pesquisa manifesta-se através do método qualitativo, que para Gil (1999) é uma modalidade de pesquisa em que há uma busca pelo aprofundamento das causas que envolvem o fenômeno estudado, não se limitando a quantificação estatística, mas, sobretudo, na compreensão dos significados do problema investigado – as propostas de leitura veiculadas nas aulas de LP, no ensino básico, nosso objeto de estudo.

Compreender/interpretar como se dá esse fenômeno na sala de aula a partir da observação, da coleta de dados e da intervenção. Esse pensamento é corroborado por Lohn (2010, p. 6) que compreende que o método qualitativo conduz seus esforços em interpretar valores, opiniões e atitudes a fim de adquirir ou ampliar a compreensão dos fenômenos estudados, não se limitando apenas a quantificar ou medir.

Seguindo as orientações de Gil (2002), esse trabalho, também se qualifica como uma pesquisa de cunho bibliográfico e exploratório, primeiro porque se utiliza de estudos bibliográficos para a promoção de um amadurecimento acerca da temática, ou seja, “tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (CAJUEIRO,

2013, p. 17). E segundo, por visar identificar ou explicar porque determinados fatores ocorrem em determinados contextos tomando-se como base a técnica da experimentação que nesse caso será através da pesquisa-ação.

E ainda, por tratar-se de uma Pesquisa de Intervenção, utiliza como procedimento técnico a pesquisa experimental, devido promover-se um estudo através de métodos pedagógicos educacionais visando enfrentar a problemática. Como afirma Cajueiro, (2013, p. 23), nesse tipo de estudo se “prioriza as percepções de atitude e aspectos subjetivos dos objetos de pesquisa interagindo em seu grupo”, do mesmo modo, torna-se descritiva por que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo”. Por fim, a pesquisa utilizar-se-á da prática da pesquisa-ação para o provimento da intervenção na escola. Thiollent (2005, p. 16) afirma que a pesquisa-ação:

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. O que qualifica uma pesquisa como sendo “pesquisa-ação” é a presença efetiva de uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema proposto como alvo de intervenção. Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas identificados, no acompanhamento e na avaliação das ações desenvolvidas para sua realização.

Tal procedimento permite que o pesquisador interaja com os sujeitos da pesquisa e os problemas existentes na sala de aula de LP, facilitando, dessa forma, a aplicação de uma proposta de intervenção de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos no ambiente da pesquisa. A pesquisa, portanto, vislumbra um amplo delineamento metodológico visando um aprofundamento das principais circunstâncias que se desenvolvem perante o fenômeno pesquisado, a fim de compreender teórico e empiricamente, de que modo, se desenvolve o processo de leitura em uma turma de (8º) oitavo ano de uma escola pública de Araruna – PB.

2.2 O LOCAL DA PESQUISA

A instituição escolhida para a realização da pesquisa e posterior intervenção, foi uma Escola Estadual de Ensino Fundamental da cidade de Araruna no estado

Paraíba, o qual atende educandos matriculados na educação fundamental I e II nos turnos manhã e tarde e Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite.

A unidade de ensino aludida, teve sua construção iniciada, de acordo com Lucena (2004, p. 53), “em 1932, no governo Antenor Navarro, sua construção foi concluída no ano seguinte, no Governo Gratuliano de Brito, quando foi criada oficialmente, pelo Decreto nº 388, de 16 de maio de 1933, (...) cuja inauguração se deu no dia 28 de maio daquele ano”.

Atualmente atende cerca de 600 crianças, adolescentes e adultos que se encontram cursando o ensino fundamental na modalidade regular, e outros no ensino fundamental e médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apresenta seu expediente dividido em três turnos: na parte diurna – o ensino fundamental e na parte noturna atende aos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Araruna é uma cidade pertencente a microrregião do Curimataú Oriental na Mesorregião do Agreste Paraibano. Localizada sobre o Planalto da Borborema, apresenta uma altitude média de 580m. Abaixo podemos observar a imagem do mapa da Paraíba destacando ‘em vermelho’ o município de Araruna.

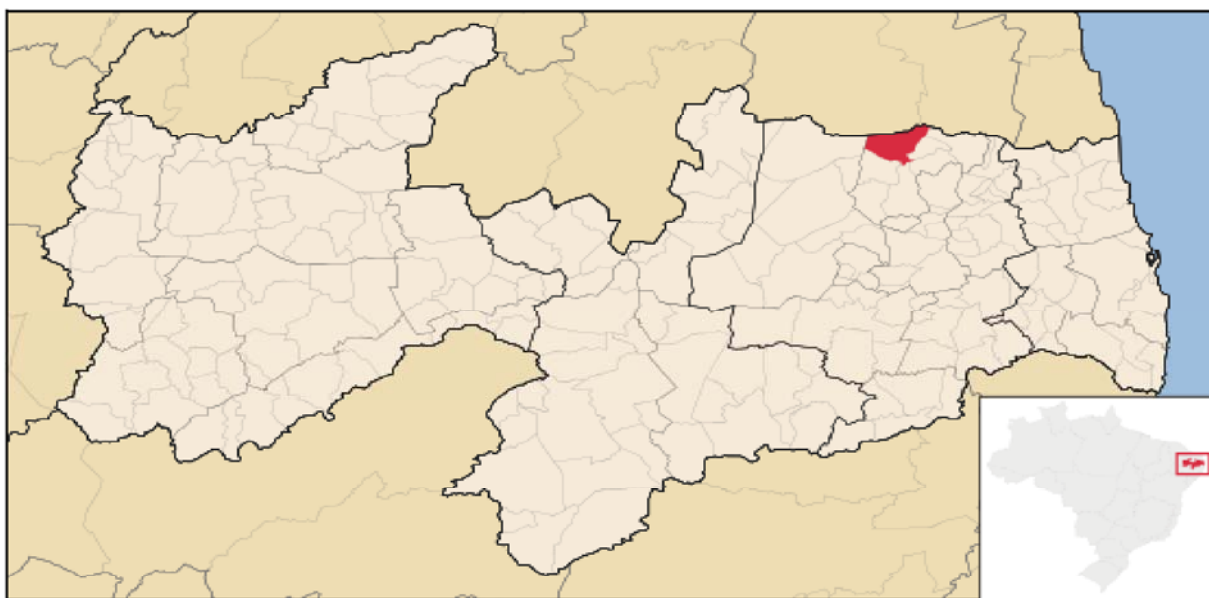


Imagem 1 – Localização da cidade de Araruna no mapa da Paraíba.

Fonte: <http://www.wikiwand.com/pt/Araruna>

A cidade de Araruna, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta uma área territorial de 241,302km², e na atualidade,

estima-se uma população de 20.051 habitantes. Limitando-se ao norte com o município de Passa e Fica no Estado do Rio Grande do Norte, ao sul e oeste com o município de Cacimba de Dentro e a leste com os municípios de Campo de Santana e Riachão. (RODRIGUES, 2001). Na seção a seguir serão apresentados os sujeitos da pesquisa.

2.3 SUJEITOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os sujeitos submetidos à pesquisa são educandos matriculados em duas turmas do (8º) oitavo ano, as quais foram escolhidas para a prática de intervenção. Foi ainda parte fundamental dessa pesquisa a participação de uma professora de LP, mais especificamente, a que lecionava em uma das turmas escolhidas.

Através de dados coletados junto ao corpo de gestão da escola conclui-se que no ano letivo de 2016, existem duas turmas do oitavo ano, uma funcionando de manhã com (24) vinte e quatro educandos a qual será privilegiada pela prática de intervenção através de uma sequência didática e a outra turma é do turno tarde e é composta por (27) educandos a qual foi acompanhada para observação. Os alunos matriculados de modo geral, apresentam idades entre, 12 (doze) e 15 (quinze) anos. Agora se apresentam os instrumentos para operacionalização da pesquisa.

2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os procedimentos foram definidos em quatro etapas: Primeira – o levantamento, leitura e sistematização dos dados bibliográficos (etapa teórica) para fundamentar as etapas posteriores (práticas): observação e análise de (3) três aulas que contemplem a leitura, realizadas nas aulas de LP; Análise da leitura do LDLP, para o (8º) oitavo ano (as que foram utilizadas pelos professores ou, outras, caso os professores tenham optado por outras leituras) e, elaboração e aplicação de (01) uma proposta de intervenção através de atividades didáticas.

Em princípio, foram realizadas visitas à escola campo de estudo com finalidade de proporcionar uma abertura e apresentação do projeto aos membros da gestão escolar, aos professores, à coordenação pedagógica e por último aos educandos envolvidos na pesquisa, visitas estas, que também serviram de suporte

para a identificação da escola por meio de um levantamento, visando reconhecer melhor sua realidade estrutural, social, pedagógica, etc.

Em seguida, acompanhamos (03) três aulas em que as propostas de leituras do LD foram desenvolvidas, analisamos tais propostas e, logo após, os alunos e professores envolvidos foram contemplados com a prática de intervenção através de uma sequência didática onde os processos de leitura utilizados apreciavam o gênero discursivo crônica.

A proposta de intervenção pedagógica, construiu-se pautada sob a perspectiva discursiva e foi subsidiada por (3) três seções, na primeira, há uma descrição de como uma proposta de leitura pode vir a exaltar o processo da discursividade, utilizando como instrumento de apoio a AD em detrimento do gênero discursivo crônica, na seção seguinte, é evidenciada a sequência didática seguida para obtenção dos resultados da pesquisa.

Essa seção encontra-se disposta em módulos, os quais visam: Ativar os conhecimentos prévios dos sujeitos envolvidos; Realizar o processo de leitura do gênero discursivo escolhido; Aplicar os exercícios de fixação com intuito de fazê-los refletir criticamente sobre a leitura; Realizar exercícios de produção textual e; Avaliar os resultados obtidos. Finalmente, a seção terceira, traz a análise da aplicação da proposta de intervenção pedagógica.

Já, no próximo capítulo, são apresentados e discutidos esses dados da pesquisa, enfocando as propostas de leitura adotadas pela professora e as análises dos processos de leitura utilizados nas aulas observadas, do mesmo modo que, são apreciadas e analisadas as propostas de leitura presentes no LDLP indicadas para a turma acompanhada.

III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo serão descritos como se desenvolveram as etapas de acompanhamento e análises das aulas de leitura observadas na escola campo de estudo trazendo em seu escopo as descrições e análises acerca dos métodos de leitura de gêneros discursivos adotados pelo LDLP, destarte, essa fase da pesquisa encontra-se segmentada em (4) quatro subcapítulos.

A princípio, há uma descrição acerca dos procedimentos metodológicos utilizados pela professora de LP em aulas que contemplaram o trabalho com a leitura de gêneros discursivos, sendo, complementada por uma análise acerca das propostas de leitura adotadas em tais aulas. Posteriormente, a pesquisa traz a descrição das propostas de leitura evidenciadas pelo LDLP encontrando-se automaticamente integrada à análise das propostas de leitura adotadas pelo LDLP.

3.1 AS PROPOSTAS DE LEITURA DAS AULAS OBSERVADAS

Tendo em vista a necessidade de coletar dados acerca de como é trabalhada a leitura em uma das turmas do ensino fundamental em uma escola pública tornou-se necessário o acompanhamento de (3) três aulas de LP de uma turma do ensino fundamental (II) dois em que um profissional de educação da disciplina de LP faça uso de práticas de leitura.

Para tanto, a turma escolhida para acompanhamento das aulas foi o (8º) oitavo ano B, do turno tarde. O principal motivo da escolha por essa turma é o fato de que a prática de intervenção devia ser realizada em uma turma da mesma série e escola, no caso, do turno manhã. A turma observada apresenta um total de (27) vinte e sete educandos, dos quais, um deles apresenta-se portador de necessidades especiais⁵, segundo laudo médico constante no arquivo da escola, ser portador de deficiência mental acompanhado pelo Centro de Atendimento a Portadores de Necessidades Especiais de Araruna – Paraíba (CAPS).

⁵ Esse fenômeno não encontra-se detalhado nessa pesquisa, muito embora, tal episódio levante reflexões pautadas principalmente no fato de que nem os professores nem a escola receberam treinamento especializado para realmente promover práticas reais de inclusão que beneficiem esse indivíduo.

Embora os sistemas educacionais tenham a intenção de realizar intervenções pedagógicas que propiciem às pessoas com necessidades especiais uma melhor educação, sabe-se que a própria sociedade ainda não alcançou níveis de integração que favoreçam essa expectativa. Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada, devendo firmar a convivência no contexto da diversidade humana, bem como aceitar e valorizar a contribuição de cada um conforme suas condições pessoais. (BRASIL, 1998, p. 18).

Dando prosseguimento aos trâmites da pesquisa, foi solicitado a permissão a direção da escola campo de estudo para o acompanhamento das aulas, do mesmo modo que, foi explicado a professora titular da disciplina de LP o motivo do acompanhamento das aulas citadas, a qual de imediato, atendeu à solicitação. A Professora 'X' em questão, já acumula experiência como docente há (10) dez anos e apresenta, como já esperado, formação profissional com graduação em Letras, além de ser Especialista em Linguagem, Literatura e Ensino.

As aulas observadas foram realizadas no período compreendido entre as datas de 11 de julho de 2016 a 13 de julho do mesmo ano, sendo duas aulas no dia 11 e uma aula no dia 13 de julho. Na primeira aula a professora trabalhou com o texto: 'Confuso' encontrado na página 103 e 104, constante no LD adotado pela escola para o ano letivo de 2016, e antes de iniciar a leitura em si, a educadora solicitou que os alunos antes de abrir o livro, respondessem algumas perguntas que ela iria fazê-los. Os alunos ainda com os livros fechados, a professora iniciou lendo uma parte da introdução do texto.

Na parte lida pela docente, ela questionava se algum aluno já tinha tido problemas com algum aparelho eletrônico. Nesse instante, alguns alunos alegaram que não, porém ela continuou perguntando se eles saberiam manipular qualquer aparelho eletrônico, sem titubear. Responderam que sim. Ela então tirou seu celular do bolso e perguntou se todos saberiam utilizar de forma imediata seu aparelho celular de modo tranquilo.

Percebe-se que ao realizar tais discussões a professora conseguiu uma integração confortável com a turma. Nesse ato dialógico, tende-se a promover no sujeito educando a interpretação de ser parte determinante no processo de ensino/aprendizagem, possibilitando a ele a compreensão de estar produzindo também o conhecimento. O (a) sujeito educador (a) ao utilizar essa metodologia promove "um processo envolvendo atos de estabelecer contato, perceber,

reconhecer, posicionar-se, pensar alto, reformular, desafiar e avaliar” (ALRO; SKOVSMOSE, 2006, p. 135).

Através desses questionamentos algumas dúvidas apareceram, pois até então os sujeitos educandos ainda não tinham se dado conta que existem muitos aparelhos e realmente não há como o ser humano saber manipular tantas invenções de modo imediato. Assim, começaram uma discussão, acerca do que sabiam e do que não sabiam manipular em seu dia a dia, desse modo, citaram vários objetos, como celular, *notebook*, *tablets* etc. sendo possível observar certa competição entre eles.

A professora falou ainda de algumas invenções importantes para a humanidade e que a determinado tempo ainda não existiam, como: avião, celular, *internet*, TV, etc. nesse momento lembrou como era a vida há cerca de (100) cem anos atrás e mais uma vez os alunos pontuaram o quanto a tecnologia promoveu mudanças na humanidade. Durante essa etapa os educandos participaram de modo muito ativo, posicionando-se em discussões acerca desse tema, alguns diziam que não iriam sobreviver naquela época, outros alegaram ser chato viver naquele período, etc.

Após essas discussões, a professora pediu que eles abrissem os livros na página onde se encontrava o texto e solicitou que eles observassem o título do texto e as duas imagens que se encontravam presentes em torno da leitura, pedindo que eles explicassem o significado dessas imagens e quais as relações que existiam entre o título e o texto.

A princípio ninguém respondeu, por isso, deu continuidade perguntando se apenas através do título e das imagens daria para saber sobre o que trata o texto e, quase todos os alunos responderam ou acenaram que sim. Ela prosseguiu e perguntou então do que tratava o texto. Alguns alunos ficaram indiferentes, outros tentaram explicar, porém não articularam muito bem as ideias em relação a esse questionamento.

Seguindo seu planejamento a docente solicitou que os educandos acompanhassem a leitura que ela oralmente iria iniciar. Esse tipo de leitura proposta pela professora, de certa forma, é um tanto quanto controladora, pois

Permitir que alguém pronuncie as palavras de uma página para nós é uma experiência, muito menos pessoal do que segurar o livro e seguir o texto com nossos próprios olhos. Render-se à voz do leitor

(...) retira nossa capacidade de estabelecer um certo ritmo para o livro, um tom, uma entonação que é exclusiva de cada um. (MANGUEI, 1999, p. 146).

Seria mais interessante ouvir um pouco de cada aluno (a), sentir a forma como cada um desenvolve a sua leitura. Logo após essa leitura em voz alta, já estávamos na segunda aula, a docente pediu que os alunos respondessem algumas perguntas presentes no LD. Essas perguntas faziam parte do Estudo do texto do LD, porém, a professora optou por não obedecer a sequência em que essas atividades eram administradas pelo LD.

Em especial, de imediato a docente rejeitou a seção: *Conversando sobre o texto*, que tratava da proposta de discussão oral acerca da leitura transcorrida. E foi direto para a seção: *Escrevendo sobre o texto*. Essa fase apresentava (6) seis questões, das quais, descartou a (4) quatro e a (6) seis, as demais questões foram lidas e explicadas pela professora.

Os alunos iniciaram a realização das tarefas, enquanto isso a professora deixou claro que se alguém tivesse dúvidas podiam chama-la. Desse modo, como até o final dessa aula a maioria ainda não tinha finalizado a atividade, a realização da atividade ficou para ser realizada em casa.

Na terceira aula observada, a professora iniciou corrigindo a atividade de quem tinha feito e negociou as respostas com os alunos que ainda não tinham realizado a atividade, deixando também, que os alunos que tinham realizado o exercício, pudessem contribuir com a resolução dos exercícios daqueles que ainda não tinham terminado.

Em seguida, administrou duas seções já presentes no LD, de modo simultâneo aplicou a seção: *Discutindo ideias construindo valores* com duas questões a serem trabalhadas através da oralidade e a seção: *Explorando a linguagem*, composta por (3) três questões. Mais uma vez, a professora leu oralmente as questões e pediu que os alunos as respondessem. Essa etapa tomou todo o resto dessa aula.

Assim, do mesmo modo como ocorreu na aula anterior, o tempo determinado para a realização do exercício de fixação não foi suficiente para que todos os alunos pudessem realiza-la em sala de aula, por isso, os alunos ficaram com a incumbência de finalizá-la em casa. Encerrando também o ciclo de observação de aulas pretendido por essa pesquisa. Na próxima seção

apresentaremos uma análise acerca das propostas de leitura das aulas acompanhadas da etapa da observação.

3.2 A ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE LEITURA DAS AULAS OBSERVADAS

Um dos maiores desafios do professor como profissional responsável pelo desenvolvimento da formação socioeducacional dos indivíduos, sem sombra de dúvidas, assenta-se sobre a problemática de fazer com que os educandos não apenas aprendam a ler, mas o façam de modo proficiente, pois alcançando esse nível, o sujeito estará mais apto para enfrentar os desafios que a escola e a sociedade lhe apresentam.

A própria sociedade define a escola como o lugar da aprendizagem da leitura e o professor como promotor dessa ação. Dessa forma, a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais de leitura que vinculam o leitor a outros espaços sociais. (SOUSA, 2008, p. 4).

Dito isso, fica claro que trabalhar com a leitura não é apenas um desafio para os docentes, mas parte *sine qua non* para a realização de qualquer atividade de interação educacional e sociocultural. Assim, o acompanhamento das aulas em que a leitura de textos foi contemplada, como já era esperado, foi realizada por intermédio de leituras presentes no LD da coleção *Vontade de Saber Português* do (8º) oitavo ano. Esse acompanhamento nos direcionou para reflexões bastante oportunas em relação às metodologias de trabalho prescritas no LD e as adotadas pela professora de LP nessa turma.

Como essa pesquisa direcionou-se para a leitura e, de forma mais específica, àquelas realizadas utilizando o gênero textual crônica, como caminho para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos sujeitos, tornou-se necessário aguardar oportunamente que a professora fosse fazer uso do gênero textual em suas aulas para que o acompanhamento e a análise das metodologias utilizadas pela docente pudessem ser observadas e analisadas.

Assim sendo, a professora seguindo o cronograma previsto no LD e no seu planejamento pedagógico, fez uso da crônica intitulada “Confuso” de autoria de um

dos maiores cronistas brasileiros, Luís Fernando Veríssimo. O texto, encontrado nas páginas 103 e 104 do LD, basicamente trata da marcante dependência e intervenção promovida pelos aparelhos eletrônicos em nossas vidas na contemporaneidade.

Antes de iniciar a leitura em si, a professora utilizou uma estratégia que fugia das metodologias previstas pelo LD para essa leitura, pois, visando à ativação dos conhecimentos prévios, iniciou algumas perguntas acerca da temática ordenando que os sujeitos alunos não abrissem o LD, fenômeno que certamente corroborou para que a curiosidade dos indivíduos em relação à leitura prevista fosse ampliada. Utilizando essa metodologia, a professora aproxima-se da noção de que “a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor” (KOCK & ELIAS, 2014, p. 11).

Pelo exposto percebe-se que a leitura não pode estar atrelada a distrações inúteis para o propósito da aula, como poderia ter ocorrido se a professora permitisse que os educandos já estivessem com seus livros abertos no momento das perguntas realizadas por ela, pois certamente a atenção dos sujeitos estaria dividida entre às ilustrações, partes do texto, etc. podendo perder-se ou minimizar-se o foco nas perguntas orais em relação à temática.

Havemos de concordar com Miras (2006), quando ele exalta a importância da ativação dos conhecimentos prévios diante de uma leitura, pois sua colocação aponta que esse acionamento é condição imprescindível para que o processo de leitura se torne amplamente mais significativa frente ao novo objeto textual. Essa postura da educadora em relação abertura de diálogo em relação à leitura vindoura, certamente contemplou mecanismos de inferência extraordinários na ativação de processos que viabilizem uma melhor assimilação e familiaridade em relação a leitura.

Logo após a fase de acionamento dos conhecimentos prévios a professora iniciou oralmente a leitura do texto enquanto os educandos acompanhavam silenciosamente a leitura. Quanto a essa metodologia adotada, preferimos nos posicionar pautados na compreensão de Colomer e Camps (2002) em que a leitura em voz alta seja realizada apenas quando os demais sujeitos não tenham acesso à materialização textual, ou seja, só deve ser realizada com o intuito de levar a informação a quem não a tem.

Convenhamos que caso todos possuam o material impresso, exigir que os educandos apenas acompanhem a leitura os remetem a passividade por fazê-los depender estritamente da postura vocal da professora, até certo ponto, renegando ou subestimando sua competência perante essa tarefa. Se o indivíduo também apresenta a competência de realizar tal tarefa de leitura, torna-se, nas palavras das autoras supracitadas um “absurdo” o fato de serem obrigados a ouvir a execução oral de algo que eles mesmos poderiam executar e, através desse processo, já ir abrindo conexões com suas próprias entonações vocais, exercitando assim a prática de leitura oral e interpretativa.

No que concerne ao estudo textual, etapa iniciada imediatamente após a fase de leitura, algumas reflexões tornam-se oportunas. Primeiramente há de ser observada a postura adotada no que tange à escolha por algumas questões presentes nesse estudo textual. Em especial, chamou-nos atenção o fato de que se descartou a seção: *Conversando sobre o texto*, a qual, encontra-se melhor apreciada na análise do LD nos próximos tópicos da pesquisa. Mas que em suma, visa criar e/ou ampliar, com o uso da oralidade, o ambiente de interação envolvendo os sujeitos, promovendo-se a aprendizagem através da troca de ideias entre os educandos e o professor.

Ao abrir mão dessa seção, assim como não propor nenhuma atividade que contemple a oralidade, dificulta-se ou impossibilita-se a exposição dos sentidos em relação ao posicionamento que os sujeitos defendem no contexto imediato, não que esse posicionamento deva se perpetuar a partir do contato inicial com o texto, mas que ao final das discussões, tenha gerado reflexões mais profundas e corroborem para uma aprendizagem mais metacognitiva.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC), através dos PCNs, compactua com a ideia de Bernard Schneuwly quando em entrevista à Revista Nova Escola em 2002, afirmou que caberia à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais. Em relação à escolha pela leitura oral em voz alta, como afirma Alves (2011, p. 87)

[...] não é durante a leitura silenciosa ou em voz alta que a compreensão é alcançada, mas durante a discussão acerca dos aspectos relevantes ao texto. Sendo assim, há necessidade de um jogo interativo que concilie o que está no texto com os novos conhecimentos dos alunos.

Ao não empregar o uso da oralidade para discutir o texto, perdeu-se a oportunidade de promover uma interação mais ampla entre os sujeitos e a leitura realizada, pois na atividade havia um espaço de reflexão. Ao direcionar o trabalho com a leitura na seção: *Escrevendo sobre o texto*, mais uma vez a professora demonstrou que embora utilizasse o LD para guiar seus procedimentos metodológicos, não se apresentava totalmente submissa aos seus preceitos e nessa seção dispensou os alunos da resolução das questões (4) quatro e (6) seis. O material didático propunha para esse exercício de fixação um total de (6) seis questões.

As questões recusadas, claramente não exigiam muita reflexão dos alunos e podem ser qualificadas respectivamente, segundo Marcuschi (2008, p. 271), como: A cor do cavalo banco de Napoleão e vale-tudo, sendo no primeiro caso uma pergunta que geralmente já é respondida pela própria formulação da questão e, no segundo caso, vale-tudo, que se trata de uma pergunta que aceita qualquer resposta e não há como o sujeito equivocar-se, ou seja, não oferece desafios à compreensão.

O exercício mencionado encontra-se presente na página 106 do LD analisado e pode ser observado na imagem (2) dois, destacada abaixo.

Escrevendo sobre o texto

Anote no caderno

- 1** O texto lido é uma crônica, gênero que se caracteriza por apresentar uma extensão curta, semelhante à do conto lido na **Leitura 1**. Porém, ao contrário do conto, que gira em torno de um personagem, a crônica gira em torno de uma situação que desencadeia toda a história.

 - a) Explique qual é a situação em torno da qual se constrói a crônica.
 - b) A situação apresentada é ficcional, ou seja, criada pela imaginação do autor. No entanto, ela tem o objetivo de mostrar o que sobre os eletrodomésticos?
- 2** Nessa crônica foi empregado o humor para provocar no leitor a reflexão sobre os fatos apresentados. O que causa humor nela?
- 3** Releia o seguinte trecho:

Quando girou o disco do telefone a televisão a cores começou a funcionar. Pensou com rapidez. Foi até o televisor e, no selecionador de canais, discou o número do Amigo. Saiu laranja do telefone.



- a) Por que o consumidor acreditou que o selecionador de canais pudesse ter adquirido as funções do telefone?
 - b) O que a sequência de acontecimentos mostra com relação à troca de funções entre objetos?
- 4** O personagem principal da crônica é o Consumidor. Por que essa palavra foi grafada com letra inicial maiúscula na crônica?
- 5** A crônica de Verissimo é marcada pelo exagero. Com que intenção esse exagero foi empregado?
- 6** O desfecho da crônica deixa claro para o leitor se houve, ou não, solução para os problemas?

Imagem 2 – Proposta de atividade oral presente no LD, página 106.

Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª ed. São Paulo, 2012.

As demais questões administradas foram lidas e explicadas pela professora de modo a esclarecer exatamente o que cada questão solicitava, diminuindo assim, a capacidade de reflexão dos educandos acerca da leitura.

Em relação a essa postura da professora, nota-se uma flexibilização exacerbada em relação à intervenção no que concerne ao auxílio aos educandos, pois ao ler e explicar as questões facilita-se muito à compreensão das propostas de atividade, subestimando o poder de compreensão dos educandos ao passo que compromete ou limita o raciocínio deles além de não permitir uma abertura mais expressiva na atribuição de sentidos por parte dos sujeitos.

A esse respeito concordamos com Sales (2011, p. 131) quando assevera que “é preciso que a escola confie na capacidade de reflexão do aluno para atribuir sentidos a esse tecido significativo que é o texto”. Para a constituição de um sujeito autônomo é preciso que se dê a esses sujeitos uma liberdade de expressão que extrapola o texto lido e o permite criar inferências partindo das mais variadas contextualizações ideológicas (ORLANDI, 1999).

Ao utilizar a seção *Discutindo ideias, construindo valores*, a qual o LD destina à promoção de discussões orais, a professora preferiu solicitar que os educandos a realizassem de modo escrito junto à seção *Explorando a linguagem*. Portanto, mais uma vez a seção destinada à prática oral sugerida pelo LD não foi contemplada pela professora de modo integral.

A atividade relatada encontra-se na página 106 do LD e pode ser observada na imagem (3) três demonstrada a seguir.


Discutindo ideias, construindo valores

Responda oralmente

1 No texto o nome do personagem principal revela que há uma situação de consumo exagerado. Cada vez mais a sociedade é dominada por esse comportamento.

a) Em sua opinião, quais são as formas de evitar o consumismo?

b) Por que você acha que as pessoas se tornam extremamente consumistas? Comente.



Estúdio Orangotango

2 O século XX foi um período de grandes avanços tecnológicos. As vantagens que as tecnologias trouxeram ao ser humano acarretaram mudanças no dia a dia, garantindo mais conforto e comodidade. Em sua opinião, além desses aspectos positivos, a tecnologia pode apresentar pontos negativos? Quais? Comente.

Tendo como apoio o pensamento de Alves (2011, p. 90), entendemos também que há certo prejuízo no processo de interação envolvendo o texto e os educandos, quando da omissão discursiva por parte da docente, no que concerne ao processo interativo envolvendo os sujeitos e o texto.

O distanciamento discursivo entre os entes envolvidos nessa contextualização torna o texto apenas um meio através do qual os alunos devem buscar respostas para a resolução de atividades, podendo despertar neles a noção de que o texto é apenas um objeto a ser utilizado como meio para atender as necessidades básicas do próprio exercício proposto pelo LD. Faz-se necessário assim, de acordo com Orlandi (1999), não se submeter a esse reducionismo e discutir com o aluno as possibilidades além do exercício pedagógico.

Quando se promove uma discussão mais completa em torno da leitura envolvendo o professor, os educandos e o contexto sócio-histórico, se ganha muito no aspecto interativo, pois ao discutir os contextos em relação ao texto, vêm à tona perguntas e respostas dos mais variados aspectos, que conferem de forma bem sólida ao professor “uma avaliação do que foi compreendido”, (SOLE, 1998, p. 35), pelos seus educandos.

Seguindo a mesma linha de pensamento torna-se importante salientar que “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa muito complexa de produção de sentidos”. (KOCH & ELIAS, 2014, p. 11).

Através da leitura do gênero crônica – Confuso – realizada pela professora, observamos que na seção: *Explorando a linguagem*, mais uma vez, a professora leu oralmente as perguntas e deu o comando para que os educandos realizassem-na.

Vejamos na imagem (4) evidenciada abaixo como essa atividade, presente na página 106, encontra-se disposta no LD.

Explorando a linguagem

Anote no caderno

- 1** Na crônica lida há uma breve descrição tanto do espaço quanto dos personagens. No entanto, outro elemento é apresentado com evidência. Que elemento é esse? Considerando a crítica da crônica, por que esse elemento é importante?
- 2** A crônica é narrada em um tom de “conversa” com o leitor. Explique o efeito de sentido desse “diálogo” no texto.
- 3** Na crônica, o narrador emprega em cinco momentos diferentes o termo **confuso** para fazer referência a como os personagens se sentiam nas situações apresentadas. Que efeito essa repetição gera?

Imagem 4 – Proposta de atividade escrita presentes no LD na página 106.
Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

A princípio, torna-se oportuno seguir as premissas de Solé (1998, p. 118), em relação às estratégias de leitura mais eficazes para que a compreensão textual se torne mais proveitosa. Por isso, concordamos com ela quando destaca que é necessária a utilização de quatro estratégias básicas de leitura na apreensão dos sentidos de um texto, sendo assim é imprescindível: Formular previsões sobre o texto a ser lido; Formular perguntas sobre o que foi lido; Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto e Resumir as ideias do texto.

Através dessas estratégias, os educandos tornam-se ativos no processo de construção interpretativa do texto desde o instante em que é submetido a leitura, e como pode ser concluído, essas estratégias não se desenvolveram de modo claro nas propostas evidenciadas no trabalho realizado perante a leitura apreciada durante as observações.

Solé (1998, p. 173) é muito feliz ao defender que o professor, visando a realização de um trabalho com a leitura realmente eficaz, deve “promover atividades em que os alunos tenham que perguntar, prever, recapitular para os colegas, opinar, resumir, comparar suas opiniões com relação ao que leram”.

Como pôde ser visto, o trabalho com a leitura realizado nas aulas observadas, apresentou características ligadas a mecanização e com déficit em relação à produção de discussões que contemplem a atribuição de sentidos ‘outros’ que não os esperados e guiados pelo LD acerca da leitura, por existir ainda uma forte pressão subconsciente no educador, implementada pelo sistema educacional, de que para se ter uma educação sistemática e segura ele tem de apenas seguir os preceitos do LD, o qual, nem sempre traz atividades que contemplem uma profunda reflexão em relação as leituras trabalhadas com o propósito de tornar o educando mais crítico e reflexivo.

Seguindo apenas o método que privilegia a extração de significados prontos da leitura, fenômeno que parece ser um parâmetro em todas as disciplinas e escolas, perdeu-se oportunidades salubres de “produzir atividades que levassem os seus alunos não só extrair os conteúdos dos textos lidos, mas a interagir com o texto na busca da construção de sentido”. (ALVES, 2001, p. 90).

Nessa concepção, no LD as leituras e suas respectivas atividades, orientam o professor e conseqüentemente os educandos a focarem demasiadamente no texto, sem promover-se uma interação envolvendo autor-texto-professor-aluno por conceber-se a ideia de que os implícitos não são tão importantes para o processo

ensino-aprendizagem, a leitura torna-se extremamente singular, como diria Koch e Elias (2014, p. 10), “uma vez que tudo está dito no dito”, sobra para os discentes apenas a árdua e enfadonha tarefa de captar os sentidos já predeterminados pelo LD e endossados pelos professores.

No entanto, seria interessante pensar nas condições que esse texto foi produzido – “o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos e etc.” (ORLANDI, p. 85). Enfim, situar o texto no mundo e no mundo dos sujeitos. Consciente dessa necessidade, no próximo tópico descreve-se as propostas de leitura previstas no LD.

3.3 AS PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA – DESCRIÇÃO

O LD, sem sombra de dúvidas, é uma ferramenta essencial para a manutenção e fomento do desenvolvimento educacional escolar. Lopes (2007, p. 208) atribui ao LD a definição de ser “uma versão didatizada do conhecimento para fins escolares e/ou com o propósito de formação de valores” o qual, na atualidade, ostenta *status* de guia seguro no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem em âmbito escolar.

Tal contexto nos remete ao esclarecimento acerca da utilização do LD da Coleção: Vontade de Saber Português, mais especificamente o livro destinado às turmas do (8º) oitavo ano do ensino fundamental, de autoria das professoras Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, lançado em São Paulo no ano de 2012, pela editora Frère Théophane Durand (FTD), sendo adotado pela Escola campo de estudo para a manutenção das aulas do ensino de LP no ano letivo de 2016, o qual serviu como suporte para essa pesquisa com o fim de subsidiar as análises acerca do trabalho realizado com o processo de leitura em uma turma do (8º) oitavo ano do ensino fundamental na escola aludida.

O LD em questão se constitui de 255 páginas, complementado por uma seção de mais 80 páginas destinada as orientações para os professores, totalizando 335 páginas. Esse livro é contemplado por seções e subseções, as quais apresentam boxes informativos, imagens e glossários. Encontrando-se dividido em

(6) seis grandes unidades: 1 – Vida de adolescente; 2 – Uma viagem pelos clássicos; 3 – Tempos modernos; 4 – A arte de fazer poesia; 5 – O dia a dia no trânsito e por último a unidade 6 – A alegria do fazer rir. As quais se subdividem em (2) dois capítulos cada.

O LD apresenta em todas as suas unidades curriculares uma abertura constituída por imagens acerca da temática a ser trabalhada nessa unidade e por um tópico intitulado: *Conversando sobre o assunto*. Ambos têm o intuito de abrir um diálogo sobre a temática a ser trabalhada na unidade, nessa seção, propõe-se a abertura para a apreciação dos conhecimentos prévios visando promover ainda uma interação envolvendo a temática, o professor e os alunos. Tal atividade torna a participação do docente, enquanto mediador, extremamente importante para atender os objetivos esperados para essa etapa, sendo necessário que o educador mantenha-se focado nesse processo de interação para que o trabalho de iniciação a unidade obtenha o êxito esperado.

Na abertura de cada capítulo o LD traz a possibilidade de uma leitura, onde geralmente apresenta um texto permeado por imagens para despertar a interação envolvendo a linguagem verbal e a não verbal. O livro é subsidiado por duas grandes leituras em cada capítulo e vários outros textos.

Entre os gêneros textuais presentes na obra destacam-se: crônica, poema, artigo de opinião, história em quadrinho, reportagem, conto de fadas, conto, resenha, peça teatral, sinopse, apólogo, anúncio, tirinha etc. Os quais, segundo as autoras, têm o objetivo principal de propiciar o desenvolvimento de habilidades de leitura através de metodologias que permitem uma conexão direta com seus conhecimentos prévios dos alunos. Tal proposta tende a fomentar uma ampliação da capacidade do sujeito em interpretar contextos e relacioná-los aos seus conhecimentos de mundo.

Nesse contexto, é perceptível certa integração com o que propunha Paulo Freire (1989, p. 13) acerca da contextualização de leituras, quando defende que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Há uma tentativa de trazer essa leitura de mundo e, a partir dela, trazer uma leitura específica.

Após a leitura de abertura de cada capítulo, o material didático traz a seção intitulada: *Estudo do texto*, onde de acordo com as autoras, objetiva-se “levar o aluno a perceber o aspecto interativo dos textos lidos e a função social deles”.

Nessa seção, o aluno é submetido a exercícios que propõem uma melhor assimilação do texto através de questões que o instigam a captar as ideias do texto e corroborem para uma gradativa ampliação das competências dos alunos na compreensão e produção de textos.

Esse estudo textual é ainda subdividido em subseções, as quais buscam sistematizar a aprendizagem. A primeira subseção é denominada: *Conversando sobre o texto*, onde há claramente a tentativa de promover atividades que contemplem a discussão oral. Visa promover certa interação envolvendo os discentes acerca da leitura realizada. A segunda subseção é denominada: *Escrevendo sobre o texto*, nela o trabalho é realizado através de questionários que tendem a desenvolver a interpretação e a reflexão acerca de questões no que concerne a estrutura textual, funções sociais e situações singulares ao texto.

Na seção *Discutindo ideias, construindo valores*, o LD visa submeter os educandos às experiências que contemplem a formação cidadã, embasada nas questões de formação de caráter e/ou personalidade do sujeito. Em suma, essa etapa do trabalho pedagógico é direcionada a fazer com que os indivíduos possam relacionar a leitura e as discussões produzidas através dela, as suas práticas cotidianas de entes sociais. Na última etapa do estudo do texto apresentada no LD encontra-se a subseção: *Explorando a linguagem*. Sua função é permitir aos alunos a contextualização da linguagem ao passo que proporciona a atribuição de significados às questões de ordem gramatical.

Além das proposituras salientadas, o LD é munido de outras seções, tais como: *Interação entre os textos*, que objetivam criar mecanismos de articulação entre textos; *Ampliando a linguagem*, que tem como finalidade explorar os aspectos estruturais, linguísticos, estilísticos e funcionais das leituras propostas; *Produção escrita*, que possibilita um trabalho privilegiando a reflexão acerca das principais características do gênero em estudo a fim de promover-se uma produção textual dentro dos padrões do gênero discursivo estudado; *Produção oral*, onde através dos gêneros discursivos, os alunos são convidados a externar de modo oral as suas inquietações e aprendizagens perante a sociedade, fazendo um uso coerente do gênero solicitado; e por último, *A língua em estudo*, que se encarrega de possibilitar uma reflexão acerca da construção metacognitiva da aprendizagem em relação aos aspectos gramaticais da língua. A seguir procede-se a análise das propostas de leitura trazidas pelo LDLP examinado.

3.4 A ANÁLISE DA PROPOSTA DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

No LD utilizado como fonte de análises acerca dos processos de leitura há a ocorrência de estratégias de leitura que contemplam vários gêneros textuais, que podem promover uma infinita possibilidade de usos da língua em seus contextos de uso, e por isso, tendem a proporcionar uma manutenção da formação autônoma do sujeito perante as situações cotidianas em que esses gêneros se apresentem. Sobre os gêneros textuais Marcuschi (2008, p. 161) defende que eles são meios pelos quais o indivíduo se integra ao contexto social e através deles encontra meios de produzir ação e controle social, os quais corroboram para uma sólida inserção do sujeito à realidade que o cerca.


Assim, nessa perspectiva o LD estudado, trabalha a leitura textual através de gêneros textuais abordando o tema de cada unidade, permeados por imagens, discussões e atividades que privilegiam os aspectos estruturais e linguísticos gramaticais, pragmáticos e semânticos. Desse modo, cada leitura proposta é acompanhada de uma seção inicial intitulada, “*Conversando sobre o assunto*”, que até é uma estratégia pedagógica interessante, contudo, nem sempre atende os objetivos propostos de viabilizar uma abertura à discussão privilegiando os conhecimentos prévios acerca da leitura que irá se iniciar, pois depende estritamente da intervenção do docente e às vezes distancia o foco da leitura em si.

Esse método pode ser observado na imagem (5) cinco a seguir, a qual é a abertura da unidade (2) dois do LD, intitulada: *Uma viagem pelos clássicos*, que traz na abertura do capítulo, a caricatura de alguns grandes nomes da literatura mundial, presente no LD, e tenta através dessa estratégia, ativar os conhecimentos prévios dos sujeitos acerca da temática a ser tratada nesse capítulo.


unidade 2

Uma viagem pelos clássicos


Observe algumas caricaturas de escritores conhecidos da literatura brasileira e universal. Assim como William Shakespeare e Lewis Carroll, que você verá nesta unidade, os autores a seguir escreveram obras que continuam atuais e ainda encantam os leitores.




A Caricatura de Castro Alves (1847-1871), escritor brasileiro.




C Caricatura de Guimarães Rosa (1908-1967), escritor brasileiro.




E Caricatura de Virginia Woolf (1882-1941), escritora inglesa.



B Caricatura de Cecília Meireles (1901-1964), escritora brasileira.



D Caricatura de Fernando Pessoa (1888-1935), escritor português.



F Caricatura de Dante Alighieri (1265-1321), escritor italiano.

Conversando sobre o assunto

- Você conhece algum dos escritores representados nessas caricaturas?
- Você já leu ou ouviu falar de alguma obra escrita por eles? Cite-as.
- Esses autores ficaram muito conhecidos pela importância que suas obras tiveram para a literatura. Para você, a literatura é importante? Por quê?
- Algum livro marcou sua vida? Comente com os colegas.

Imagem 5 – Atividade de discussão oral, proposta como tentativa de acesso aos conhecimentos prévios em relação a leitura a ser trabalhada, página 52.

Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

A leitura a ser executada após as discussões dessa página, visando prover o acesso para uma abertura aos conhecimentos prévios, é o texto: ‘O campo de croquet da rainha’, que é um fragmento da história de Alice no país das maravilhas, retratando o momento em que Alice conhece a terrível Rainha de Copas. No entanto, pode ser observado, que tanto as imagens quanto as atividades propostas, encontram-se totalmente desconectadas com a leitura que deveria instigar.

Assim, levando em conta o que Marcuschi (2008, p. 239) aponta, “Os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande ao compreendermos um texto. São estes conhecimentos os responsáveis básicos pela nossa compreensão”. E por isso, esse despertar deve seguir uma sequência lógica e

motivadora, pois se corre o risco de fazer com que o educando perca o foco da leitura por não conseguir relacionar a linguagem verbal utilizada nem as questões propostas, ao texto a ser apreciado, podendo frustrar assim, seu gosto pela leitura proposta.

As leituras (textos) mais significativas são divididas de modo a ficarem dispostas de modo a serem administradas duas em cada um dos doze capítulos constantes desse material. Uma das leituras vem logo na abertura do capítulo, a outra se dispõe em seguida e visa promover a interação entre ambos, por assim ser, atende bem a esse propósito.

As leituras propostas pelo LD, de fato podem ser consideradas instigantes para o público destinado, contudo, nota-se que ao final desse processo, o aluno é colocado de imediato com a seção Estudo do texto, e não há espaço para que o sujeito possa ostentar uma autonomia na construção de perguntas e suas respectivas respostas em relação ao texto, nem antes da leitura, nem durante ela e muito menos ao finalizá-la.

A respeito da importância de utilizar-se essa estratégia de leitura, Solé (1998, p. 155) nos remete à compreensão de que “Ensinar a formular e a responder a perguntas sobre um texto é uma estratégia essencial para uma leitura ativa.” E quando ela se refere à formulação de perguntas e ao autoquestionamento, quer lembrar não da mera atividade mecânica de responder o que lhe é proposto e sim da efetivação das conexões feitas envolvendo o sujeito e o texto, situação que certamente pode oferecer espaço para responder mentalmente questões que surgiram durante e depois da leitura.

Como já citado, após a leitura de um dos gêneros textuais os alunos são submetidos à realização de atividades constantes na seção: Estudo do texto. Nela é possível encontrar questões compostas apresentando certo grau de automatismo, fenômeno que em nosso ponto de vista é corroborado por Kleiman (1995) quando endossa que essas atividades automáticas pouco auxiliam no desenvolvimento das concepções de mundo dos sujeitos e na sua construção autônoma.

Pois nesse tipo de atividade, basicamente o leitor não exerce muito esforço para chegar às respostas, muitas vezes, sendo necessária apenas uma pequena olhada no texto para se chegar à resposta pronta, devido decodificar determinadas palavras constantes na pergunta e que se relacionam diretamente com o trecho do texto solicitado como resposta.

Esse item pode ser observado em algumas questões constantes em uma das leituras analisadas no LD, como por exemplo, na pergunta 1 do exercício da página 12, mais especificamente nas letras 'I' e 'J', que respectivamente questionam se o texto é de longa ou de curta extensão, não instigando ao educando nenhum tipo de reflexão, como pode ser visto na figura abaixo, imagem (6) seis, extraída do LD.

Leia as informações a seguir e copie as que se referem ao texto lido.

A Apresenta um registro formal.	F É um texto descritivo.
B Possui um registro informal.	G Apresenta um assunto importante, com uma dose de humor.
C Os fatos são relacionados à vida cotidiana.	H Apresenta um assunto sem importância, de forma séria.
D Os fatos não se relacionam à vida cotidiana.	I É um texto de longa extensão.
E É um texto narrativo.	J É um texto de curta extensão.

1. B: possui um registro informal; C: os fatos são relacionados à vida cotidiana; E: é um texto narrativo; G: apresenta um assunto importante, com uma dose de humor; J: é um texto de curta extensão.

Imagem 6 – Proposta de atividade da seção *escrevendo sobre o texto*, questão 1, página 12. Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

Do mesmo modo, pode ser observado na imagem (7) sete, encontrado na página (12) doze do LD, onde há a solicitação de que o educando informe qual é o fato que ocorre na história e onde ele ocorre.

A crônica que você leu narra um fato que pode acontecer com qualquer pessoa. Ele foi construído a partir de uma situação do dia a dia.

a) Que fato é esse e onde ele ocorre?

O fato é o aparecimento de uma espinha no rosto de Tiago.

Imagem 7 – Proposta de atividade da seção *escrevendo sobre texto*, questão 3 item 'A', página 12. Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

Sobre a formulação dessas questões e o que se entende por compreensão de texto, Marcuschi (2008, p. 266), assevera que:

A compreensão é considerada, na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de decodificação de um conteúdo objetivamente inscrito no texto ou uma atividade de cópia. Compreender texto resume-se, no geral, a uma atividade de identificação e extração de conteúdos.

Esse tipo de questionamento repete-se ainda na questão 5 da página 13, em suas letras 'A e C' que solicita ao aluno que informe como a mãe do menino tenta ajudá-lo e se suas orientações eram satisfatórias. Percebe-se uma ausência de estratégias que possam fomentar uma reflexão mais apurada nos sujeitos, havendo uma clara manutenção da passividade em que são submetidos os educandos, pois se resume a captação das ideias explícitas do texto. Como pode ser visualizado nas imagens (8) oito e (9) nove, respectivamente destacadas abaixo.

Ao identificar seu problema, Tiago decidiu conversar com a mãe, a fim de que ela pudesse ajudá-lo.

a) De que forma ela tenta ajudá-lo? Dizendo-lhe que a situação pela qual ele estava passando era comum a todas as pessoas, pois caracteriza uma determinada fase da vida, a adolescência.

c) As orientações da mãe eram satisfatórias para o menino? Por quê?

Não. Porque Tiago ficava ainda mais nervoso, especialmente nos momentos em que sua mãe era irônica com a situação.

Imagens 8 e 9 – Proposta de atividade da seção *escrevendo sobre o texto*, questão 5, itens 'A' e 'C', página 12.

Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano. Alves e Bruanerotto. 1ª edição. São Paulo. 2012.

Marcuschi (2008, p. 241-242) aponta que “a escola, trata o texto como um produto acabado funcionando como um *container*, onde se ‘entra’ para pegar coisas”. Esse fato reforça apenas a ideia errônea de que a compreensão de um texto é simplesmente localizar e reescrever trechos presentes nele.

A esse respeito, Marcuschi (2008, p. 257) cita que persiste ainda na contemporaneidade situações em que a prática de trabalho textual apresentada pelos livros didáticos em sua maioria absoluta de exercícios de fixação ainda resumem-se a perguntas e respostas. O autor conclui ainda que “Poucas são as atividades de reflexão. Em geral, trata-se de perguntas padronizadas e repetitivas, feitas na mesma sequência do texto”.

Ainda seguindo as propostas de atividade embasadas como fixação da leitura presentes no LD, há a seção: *Explorando a linguagem*, que se torna chamativa. Nela, os alunos deveriam utilizar os processos de contextualização para conseguir a atribuição de sentidos.

Porém, algumas ressalvas também devem ser abordadas nessa seção, pois se presencia um tratamento que certamente nos remete a uma visão equivocada acerca do estudo linguístico, pois coloca o estudo vocabular como um instrumento meramente representacional.

Até parece que sabendo o léxico, entende-se o texto. No entanto, é necessário ter claro que o conhecimento do léxico de uma língua é apenas uma condição necessária, mas não suficiente para a compreensão de um texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 274).

A esse respeito, pode ser observado na questão (2) dois, um fenômeno bastante recorrente nos manuais didáticos ainda hoje, que é o fato de trazer uma série de perguntas que Marcuschi denomina de “cópias”, as quais trazem questionamentos com intuítos de destacar palavras, expressões ou trechos de um texto.

Essas perguntas em sua maioria não remetem a muita reflexão, pois se contenta apenas em ocupar o aluno para a realização de treinos caligráficos como prática mecânica de transcrição. Como pode ser observado na imagem (10) dez abaixo, que se encontra presente na proposta de atividade da seção: *explorando a linguagem* no item ‘A’ da questão 2, constante na página 14 do material consultado.

A crônica traz marcas de oralidade, pois retrata uma conversa do dia a dia.

a) Copie do texto palavras que ilustrem isso.

Pô, aí, nunquinha, ó, chiiii.

Imagem 10 – Proposta de atividade da seção *Explorando a linguagem*, questão 2 item ‘A’, página 14.

Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

Outro fato bem marcante que pode ser observado no material didático abordado e que nos remete uma profunda reflexão, assenta-se sobre a questão 5, mais especificamente no item ‘A’ da seção *explorando a linguagem*, pois é possível

encontrar um sério problema, não exatamente em relação a pergunta, mas sim em relação à resposta sugerida pelos autores para a pergunta proposta.

Nessa parte do exercício, a questão foca mais uma vez no contexto vocabular e solicita que o educando identifique com qual sentido a expressão “morrendo de inveja” foi utilizada no texto, porém um deslize ocorre quando os próprios autores se confundem e ofertam como resposta, que o próprio menino Tiago é que está com inveja, quando na verdade, o texto deixa muito claro que Tiago que os meninos de sua sala ficarão morrendo de inveja e não ele. Contexto confirmado na própria pergunta proposta pelas autoras.

Como pode ser constatado na imagem (11) onze, destacada abaixo, presente no LD, mais especificamente na parte destacada em vermelho, a qual, é a resposta sugerida pelas autoras para a questão proposta.

Tiago usa a expressão **morrendo de inveja** para se referir ao sentimento de seus colegas de sala, que não tiveram a mesma oportunidade que ele de fazer o trabalho com Daniela.

a) Qual é o sentido dessa expressão no texto?
A expressão indica que Tiago estava com muita inveja.

Imagem 11 – Proposta de atividade da seção *explorando a linguagem*, questão 5 item ‘A’, página 14.

Fonte: Vontade de Saber Português: 8º ano, Alves e Brugnerotto, 1ª edição, São Paulo, 2012.

Nota-se aí um dos problemas que acometem as atividades propostas sobre o texto, apenas como pretexto para a realização de tarefas alheias a ele, pois se corre o risco desnecessário, de se trabalhar tanto questões externas a leitura em si que se acaba distanciando o sujeito educando da contextualização, fenômeno que certamente implica em uma leitura fragmentada e sem muitas preocupações com real valor expressivo do objeto lido.

Enfim, o LD analisado segue, de modo geral, a tendência de avanços no que diz respeito à contextualização e a diversidade textual, a interatividade, discursividade e outros propósitos recomendados pelos PCNs (1988). No entanto, além dos problemas já apresentados, um dos grandes problemas é que a leitura ainda cumpre uma tarefa pedagógica, a fixação da aprendizagem. Essa atividade é realizada através da reprodução de um modelo, geralmente acompanhado de

exercícios escritos por levarem ao entendimento de que a compreensão e interpretação do texto, mencionada naquele documento oficial, se dê apenas por vias da produção de exercícios que priorizam a escrita e o gramatical, fato que pode diminuir ou impossibilitar uma leitura puramente ligada ao prazer pelo próprio ato.

E assim, segue, a cada capítulo, o mesmo “modelo” deve ser seguido, independente do gênero textual que inicia o capítulo. Incutindo no aluno a compreensão de que não há diferenças entre as leituras de diferentes gêneros textuais. Para Orlandi (1999, p. 91):

A reprodução de modelos é previsível e até desejável em certas situações de linguagem que definem tipos como: cartas, ofícios, discurso jurídico, etc. Mas quando se trata, por exemplo, de literatura já entram outros fatores importantes, como a estética e invenção. Não se deve, pois, perder de vista que temos diferentes relações com as diferentes formas de linguagem em termos de modelo. A escola tem igualado tudo.

A autora defende diferentes modelos de atividades para o tratamento de diferentes gêneros textuais, pois embora haja elementos comuns, entre os gêneros, há especificidades próprias que pedem um tratamento específico. Essa prática, associada ao ato mecânico, repetitivo e porque não dizer enfadonho de se tratar a leitura dos gêneros certamente pode estar municiando o subconsciente dos sujeitos para fomentar certa aversão à leitura, devido essa, apresentar-se sempre como pretexto para uma realização de uma atividade, melhor dizendo, a mesma atividade em cada capítulo.

Obviamente não defendemos a teorização de que as leituras realizadas em sala de aula estejam dissociadas de exercícios que contemplem a interpretação e compreensão textual relacionando à temática às suas concepções de mundo e sim endossar a teoria de que “é possível ensinar aos alunos outras estratégias que propiciem a compreensão leitora e a utilização do que foi lido para múltiplas finalidades” (SOLE, 1998, p. 36). Posicionando-se na defesa de que as leituras promovidas em âmbito escolar não estejam ‘sempre’ atreladas a questionários, por entendermos que a leitura por si só já é mais do que suficiente para abrir um leque de oportunidades na construção, atribuição e captação de sentidos.

Tal postura dirige a leitura de modo a se perceber no objeto lido apenas o que interessa ao sistema de ideias ao qual o leitor se liga.

Muitas vezes se usa, então, o *texto como pretexto* para avaliar e até provar asserções alheias a ele, frustrando o conhecimento daquilo que o individualiza. (MARTINS, 2006, p. 64).

Nessa estratégia ignoram-se as particularidades dos gêneros, as sensações emocionais e sensoriais privilegiando-se apenas a leitura ligada a racionalidade explícita do que se pede nas questões propostas. Essa prática é privilegiada no livro *Vontade de Saber – Português do (8º) oitavo ano* utilizado como fonte de análises nessa pesquisa, pois, inicia e finaliza cada texto presente no material didático com uma série de atividades nas mesmas sequências, impossibilitando uma abertura para uma leitura motivadora, uma apreciação mais estreita envolvendo as sensações oriundas da interação leitor e texto.

A esse respeito corroboramos com o pensamento de Solé (1998) quando afirma que as situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais, ou seja, são aquelas em que o sujeito lê para se libertar e, conseqüentemente para acima de tudo, realizar a leitura para saciar o prazer de ler.

Através dessas considerações acerca do material didático analisado, torna-se mais do que clara a urgência em se desenvolver um trabalho sistemático com a leitura que possa perpassar as práticas automatizadas e repetitivas. Não as substituindo, todas, mas complementando-as. Tornando necessário, portanto, utilizar a leitura integrada ao estudo textual, apenas, quando esses exercícios estiverem marcadamente conectados com processos de formação que contribuam para a ampliação da autonomia discursiva dos sujeitos e somente ocorram em detrimento de metodologias que apreciem o desenvolvimento crítico através da prática da leitura reflexiva.

O capítulo seguinte traz uma proposta de sequência didática para trabalhar a leitura na perspectiva discursiva, uma possibilidade de ampliar os sentidos das leituras realizadas nas aulas de LP de uma turma do ensino fundamental II, em uma escola pública.

IV A PROPOSTA DE LEITURA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Essa pesquisa se propôs apresentar um trabalho em que a proposta de leitura escolar pudesse fornecer melhores condições de desenvolvimento crítico-reflexivo aos indivíduos através de metodologias assentadas na perspectiva da Análise do Discurso, através da qual, a leitura deve priorizar a ampliação da possibilidade em se atribuir sentidos aos discursos.

Acreditamos que os sentidos atribuídos a um texto (discurso), por um leitor, são formados através das formações ideológicas que o indivíduo apresenta perante o ato da interação, portanto, para que possa haver uma compreensão da leitura, não deve ser levado em conta o princípio de que o educando possa simplesmente se apoderar da leitura através do processo de compreensão do texto seguindo o método da codificação.

4.1 A PROPOSTA DE LEITURA

Acreditando que a teoria de que a leitura, para tornar-se de fato produtiva perante o processo educacional, deve ir além da proficiência automática da leitura, ou seja, da habilidade de ler bem um texto no aspecto cognitivo. Propomos uma metodologia de leitura na educação básica que priorize a capacidade do indivíduo em atribuir significados que vão além do que o texto traz em sua parte estrutural e semântica imediata.

Nosso objetivo é estabelecer meios de fazer com que o leitor 'educando', possa estabelecer um diálogo mais consciente envolvendo ele, o emissor e suas concepções de mundo através da leitura trabalhada. Fomentando sua capacidade de atuar perante o texto na atribuição de sentidos, sempre levando em consideração os interlocutores e suas formações discursivas, sem deixar de lado, para uma apreensão mais sólida do discurso, suas crenças, valores, atitudes, nem as questões de situação como: lugar e contextos geográficos e históricos. Para tanto, propomos atividades priorizando a leitura discursiva em uma turma do (8º) oitavo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública da cidade de Araruna – PB.

O gênero textual utilizado para atingir os objetivos da pesquisa foi a "crônica", o qual, por si só, demonstra características discursivas interessantes em

relação às premissas da pesquisa, principalmente por ser um gênero discursivo que permite uma maior atitude de reflexão e criticidade por parte dos indivíduos e, portanto, enquadra-se com maior facilidade a perspectiva adotada na pesquisa, já que essa se orienta através da discursividade.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram uma professora de LP que leciona no (8º) oitavo ano e seus respectivos alunos, obviamente, também do (8º) oitavo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Araruna – PB. No caso da professora, sua participação na pesquisa se deu através das observações de aulas que contemplassem a aprendizagem da leitura por parte do pesquisador, enquanto que a participação dos educandos ocorreu por meio da realização de atividades que contemplem a apreensão da leitura propostas pelo pesquisador.

Os participantes, ao final da prática de intervenção, devem estar conscientes de que todo texto, independente do gênero discursivo a que pertence, é uma materialização de um discurso ideológico, portanto, formado através de diferentes pontos de vista. Nesse caso, os sujeitos devem estar cientes ao final da aplicação da proposta de que suas posturas discursivas carregam posicionamentos que ultrapassam o nível linguístico puramente imediato e geralmente estão atravessados pelas posturas sociais pautadas em questões religiosas, políticas, culturais, sociais, históricas, geográficas, etc. e utilizar desses conhecimentos para se posicionar de maneira mais crítica em relação às leituras a que é submetido, assim como, nos contextos sociais em que se encontra inserido.

Com base no exposto, propomos na seção a seguir, a apresentação da proposta de intervenção a ser aplicada aos sujeitos educandos. Segue-se a proposta a partir de estratégias defendidas por Solé (1998), por acreditar que elas podem facilitar o caminho para a perspectiva discursiva.

4.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA (SEQUÊNCIA DIDÁTICA)

A proposta de intervenção pedagógica, foi construída tomando como aporte o método da sequência didática em especial, as estratégias de leitura de Solé (1998) em que há uma priorização em promover-se a utilização da leitura através de estratégias que permitam interpretações e compreensões de modo mais autônomo por parte dos sujeitos em relação aos textos lidos. Esse capítulo, portanto, traz (5)

cinco módulos, sendo o módulo I, onde há uma série de atividades orais discursivas que privilegiam a ativação dos conhecimentos prévios nos sujeitos educandos. O módulo II, foi construído visando a realização do processo de leitura e discussão do texto selecionado para a sequência didática.

No terceiro módulo, apresenta-se a Aplicação de exercícios de fixação em relação a leitura, esses exercícios por sua vez, encontram-se distribuídos em: Análise estrutural e composição do gênero trabalhado, a crônica; É ainda composto pela atividade denominada de Análise interpretativa do texto e pela Análise linguística Discursiva, essas fases da pesquisa encontram-se explicitadas em suas respectivas seções.

O módulo IV, é a fase de produção textual, em que os sujeitos envolvidos, foram imbuídos de produzir uma crônica levando em consideração os conhecimentos já produzidos durante a sequência didática e finalmente o módulo V, que é a fase de avaliação acerca dos conhecimentos gerados durante a realização da proposta de intervenção pedagógica.

Módulo I – Ativação de conhecimentos prévios

Para iniciar a proposta de intervenção se fez necessário uma discussão visando uma avaliação diagnóstica acerca dos conhecimentos prévios dos educandos no que tange ao gênero textual crônica, propondo-lhes uma ampliação desses conhecimentos através de diálogos que privilegiassem uma discussão pautada em algumas questões, por exemplo:

- Você já assistiu algum jornal onde há espaço para a crônica?
- Você já teve a oportunidade de ler uma crônica? Sobre o que ela tratava?
- Quando você tem acesso a um texto, consegue identificar se ele é uma crônica? Como?
- Em que veículos geralmente as crônicas são expostas ao público? Por que?

Logo após as discussões iniciais, apresentou-se a crônica a ser trabalhada, na ocasião, o texto escolhido foi, 'Na ponta do nariz' de Edson Gabriel Garcia, presente também no próprio LD adotado pela escola, nessa etapa, torna-se importante destacar as características do gênero trabalhado para que o indivíduo consiga compreender bem a dinâmica desse tipo de gênero textual, evidenciando

sua importância perante os trâmites sociais e sua participação diante da ampliação do senso crítico e reflexivo do sujeito leitor.

Assim, antes da leitura propriamente dita do texto, o educador pode desencadear uma série de aberturas para uma apreciação sistemática da temática abordada no texto visando estimular a leitura através de mecanismos que despertem os conhecimentos prévios dos indivíduos acerca da contextualização, ativando a curiosidade dos sujeitos, através de questões como as que estão dispostas a seguir:

- Muitas mudanças ocorrem no corpo dos seres humanos principalmente na fase da adolescência, algumas nem sempre são agradáveis, uma delas é o aparecimento de espinhas, você já enfrentou esse problema? Como reagiu?
- Muitas vezes os adolescentes recorrem aos adultos para a compreensão acerca das mudanças em seu corpo, a que se deve esse fato?
- Você conversa com seus pais sobre as mudanças ocorridas em seu corpo?
- Na atualidade os jovens têm se apresentado bastante autônomos em várias temáticas, porém, muitas vezes, encontram-se inseguros em relação a algumas mudanças corporais, por que será que muitas pessoas evitam falar nesse assunto?
- Você compartilha com seus colegas de suas dúvidas e aprendizados acerca das mudanças ocorridas em seu corpo? Por quê?
- Você já teve vergonha de seu corpo? A que se deve isso?
- Você utiliza a *internet* ou livros para tirar suas dúvidas perante as mudanças corporais? Justifique.

Como pode ser observado nas questões apresentadas, seguimos as orientações de Solé (1998, p. 42) quando aponta que “O fato de saber por que fazemos alguma coisa [...] saber o que se pretende que façamos ou o que pretendemos com uma atuação é o que nos permite atribuir-lhe sentido”. A seguir temos a leitura propriamente dita do texto proposto.

Módulo II – Leitura textual

Inicialmente, a leitura do texto foi trabalhada de modo individual, assim como, realizada de forma silenciosa, permitindo-se um momento íntimo entre o texto e o leitor. Logo após essa apreciação, visando obter-se uma maior participação

propôs-se uma leitura oral compartilhada do texto trabalhado, essa leitura foi realizada de modo aleatório, incentivando a participação dos sujeitos a fim de que todos os educandos pudessem sentir-se a vontade para ler o texto, sem que o pesquisador necessitasse indicar alguém.

Por se tratar de um texto com a presença de falas curtas, o pesquisador foi intervindo com comandos para que o próximo leitor pudesse participar desse processo evitando que alguém participasse de modo muito simplório, como também evitando que alguém se excedesse na leitura. Para evitar, interrupções o educador se conteve apenas à utilização do termo indicando a sequência da leitura, nesse caso o comando para prosseguimento da leitura era acionado utilizando a expressão: “Próximo!”.

A crônica utilizada, intitulada: “Na ponta do nariz” de Edson Gabriel Garcia, traz as aflições de Tiago, um menino que por estar na fase da adolescência encontra-se enfrentando o temível problema do aparecimento de espinhas, exatamente no momento em que é contemplado em fazer um trabalho de classe com a menina mais cobiçada de sua turma escolar. Vejamos abaixo o texto de Garcia (1992, p. 7-10) na íntegra, trabalhado nas aulas em que a intervenção pedagógica foi aplicada.

Na ponta do nariz

Tiago chegou perto da mãe, irritadíssimo.

– Tinha de ser comigo mãe!

A mãe virou-se para o menino.

– Tinha que ser o quê Tiago?

Olhe bem! Você não vê nada? – Completou, mais irritado ainda.

A mãe encarou o filho.

Ver eu vejo. Um menino bonito...

– Pô, mãe! Assim não dá! Eu te trago um problema, pedindo ajuda, e você responde desse jeito?...

– Ora, filho, não vejo nada de mais, nenhum problema excepcional com você.

Tiago enfureceu-se.

– Você nunca vê nada. Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...

lara, a mãe, cheia de paciência, aproximou-se do menino, tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

– Filho, isso acontece com todo mundo, seja menino, seja menina. Já aconteceu comigo, com seu pai, com sua irmã, com o padre, com o prefeito, com o presidente...

Inconformado, Tiago prosseguiu seu desabafo:

– Mas não podia acontecer comigo. E ainda por cima justo hoje!

– Mas aconteceu e pronto! Tem coisas nessa vida de Deus que nada mundo resolve.

– Mas, justo hoje, mãe?

– E o que tem hoje, Tiago?

– Terei visita.

– Visita? Visita de quem? Não estou sabendo de nada! Quem é?

Calma, calma, dona lara, É só a Daniela da minha classe.

– E o que ela vem fazer aqui?

– Trabalho de classe.
 – É sua amiga?
 – É
 – Então ela vai entender...ela também já deve ter passado por isso!
 – Claro que não! E ela não vai entender coisa nenhuma! Vai rir de mim.
 Ele fez uma tremenda expressão de sofrimento e em seguida choramingou:
 – Justo comigo! Justo hoje!
 A mãe, tentando ajudar:
 Bem... a única saída é anular a visita... eu invento uma desculpa qualquer...
 – Você está louca, mãe!? Nunca! Nunquinha! Dei a maior sorte do mundo quando fui sorteado para fazer o trabalho com ela. Se você visse... metade dos meninos da classe queria estar no meu lugar. Devem estar morrendo de inveja!...
 – Ótimo! Então, aproveite...
 – Como? Desse jeito?
 A mãe, querendo aliviar Tiago:
 – Filho, pense no lado bom da coisa.
 – Que lado bom, mãe?
 – Essa menina, Daniela. Se é tão querida assim na classe, você deve estar se sentindo superimportante.
 Tiago estufou de leve o peito, impondo respeito:
 – Ah! Isso é verdade! E aqui, na minha casa! André, Zé Renato, Paulo, Duda... estão ó... chupando o dedo.
 – Então, nem tudo é ruim assim...
 – Bem... até que não!
 Quando a mãe, dando por resolvido o problema, ia se afastando, Tiago voltou à carga:
 – Se a senhora pensa que está me convencendo, enganou-se. E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.
 Ela quase riu. Disposta a continuar a conversa com o filho, dona Lara aproximou-se dele:
 – Está bem, Tiago. Vamos resolver seu problema!
 – Como?
 – Não sei. Talvez passando um pó... ou algo parecido.
 – Você está louca?
 – Um pedaço de esparadrapo. Ou bandeide.
 – Ficou pior.
 – Quer que eu te leve ao médico?
 – Também não é tão grave assim!
 – Que tal pegar um lençol e fazer dois furos?
 – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!
 Ela não respondeu. Silêncio. Momento de decisão.
 – Você quer que eu resolva? (mostrando os polegares), Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez!
 Nesse momento, um som estridente de campainha invadiu o cômodo onde conversavam, interrompendo-os.
 – Chiii... É ela!
 Silêncio.
 De novo a campainha irritante.
 – Quer que eu vá lá e diga que você não está?... Que você não está bem e não pode fazer o trabalho?...
 Ele arregalou os olhos e respondeu apressadamente:
 – De jeito nenhum! Por nada deste mundo!
 Em seguida foi ao banheiro, aproximou-se do espelho e mirou-se desanimado.
 Seu rosto redondo, cheio de saúde, apareceu refletido no cristal. E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido; na ponta da estufada e redonda espinha vermelha, uma pontinha amarela. Bonita até, se não fosse no nariz dele.
 Tiago respirou fundo, acariciou levemente a saliência e saiu em direção à porta.
 – Com espinha ou sem espinha, lá vou eu.
 E foi. Carregando consigo seu enorme problema, uma primeira e saliente espinha na ponta do nariz. Junto do problema, uma grande delícia: fazer um trabalho de classe com a menina mais querida da turma. (GARCIA, 1992, p. 7-10).

Após a leitura do texto, Na ponta do nariz de Garcia, partiu-se para a fase de análise textual ofertando-se espaços para que houvesse uma ampliação dos sentidos no texto, como preconizado na Análise do Discurso de linha francesa, onde o sujeito pode expor suas marcas ideológicas e demonstrar liberdade em exercer sua autonomia discursiva (ORLANDI, 1999). Essa etapa encontra-se melhor descrita no módulo a seguir.

Módulo III – Aplicação de exercícios de fixação

A aplicação de exercícios de fixação pautada no texto escolhido foi dividida em seções, onde cada uma dessas direcionava-se de modo mais particular a determinadas especificidades da língua, e desse modo, as atividades em relação ao texto, foram topicalizadas em: Análise estrutural e composição do gênero crônica; Análise interpretativa do texto; Análise Linguística Discursiva e Produção textual.

Análise estrutural e composição do gênero trabalhado

Nessa fase da aplicação da intervenção pedagógica, as questões propostas objetivam abrir uma série de conhecimentos acerca do gênero discursivo trabalhado, “crônica”, no entanto, não é o ponto mais específico da pesquisa por tratar-se de contextos que contemplam basicamente as especificidades estruturais, embora sigamos a linha de pensamento de Bakhtin (1997), em que considera que os gêneros são tipos “relativamente estáveis” de enunciados construídos através das mais variadas contextualizações da atividade humana. Espera-se que os sujeitos educandos possam nessa fase da pesquisa, poder refletir e sanar suas dúvidas em relação ao gênero discursivo apresentado. Sendo assim, foram apresentadas as seguintes questões:

- 1) Com base nas discussões acerca do texto lido, crie uma definição para o gênero discursivo crônica.
- 2) As crônicas são também veiculadas em jornais escritos ou televisivos, reflita e explique por que esse tipo textual é tão utilizado perante os meios de comunicação.

- 3) A crônica geralmente é um texto baseado em acontecimentos do dia a dia da sociedade, portanto, trata de vários temas como religião, futebol, política, sociedade, etc. Por que esses temas são tão utilizados nas crônicas?
- 4) Você acha adequada a utilização de crônicas em ambientes escolares? Por que?
- 5) Geralmente os cronistas ofertam sua atenção a fatos comuns do dia a dia ou fatos da atualidade que despertam interesse da sociedade e os registra com pitadas de humor, sarcasmo, crítica, etc. Ao trabalhar dessa forma qual o principal objetivo o cronista visa atender?
 - (a) Informar sobre algum fato ocorrido com determinadas pessoas.
 - (b) Dar oportunidade ao indivíduo de saber proceder em determinadas situações do cotidiano.
 - (c) Utilizar o texto como meio de argumentação para mudar o pensamento do leitor.
 - (d) Entreter o leitor ao passo que oportuniza a possibilidade de fazê-lo refletir criticamente perante os acontecimentos sociais e comportamentos humanos.
- 6) Levando-se em conta a questão anterior, você acredita que o autor conseguiu atender seus objetivos iniciais? Justifique sua resposta.
- 7) Ao escrever um texto, naturalmente a temática direciona-se a determinado grupo de leitores, em sua opinião esse texto se direciona mais a que público? Explique sua resposta.
- 8) Que outras situações do cotidiano poderiam ser transformadas em crônicas?

Visando complementar esse módulo, tornou-se interessante a realização da etapa de análise do texto, o qual será apresentado a seguir.

Análise interpretativa do texto

Na seção destinada à análise do texto, embora seja de fundamental importância para o desenvolvimento do processo de intervenção pedagógica também não é catalogada como parte crucial dessa pesquisa, pois, visou-se apenas fazer com que os sujeitos educandos pudessem se posicionar em relação as questões que circundam a tessitura semântica textual, e por conseguinte, acionar no

sujeito uma abertura para análises críticas e reflexivas acerca da interpretação abrangente do texto.

As questões apresentadas em suma, tendem a fornecer uma abertura ao dialogismo, envolvendo o texto e o educandos; os educandos e o professor; o educando e o autor do texto, assim como, confrontar os conhecimentos prévios e os conhecimentos gerados pelas discussões acerca do texto, do mesmo modo que, refletir acerca de sua formação ideológica em relação aos conhecimentos gerados através das discussões. Assim, as questões utilizadas nessa etapa da pesquisa podem ser observadas abaixo.

- 1) Você achou essa crônica interessante? Explique por que.
- 2) Existe alguma relação entre a problemática vista no texto e sua vida? Pontue-as.
- 3) O acontecimento narrado ocorreu em que ambiente? Descreva como você imagina esse local.
- 4) Descreva como você imagina que são as características físicas e psicológicas de Tiago e de Lara a mãe dele.
- 5) Que outro título você daria para a crônica aludida?
- 6) Baseado na crônica: Na ponta do nariz, responda:
 - a) O que aconteceu?
 - b) Com quem aconteceu?
 - c) Como ocorreu?
 - d) Por que ocorreu?
- 7) Se você estivesse no lugar de Tiago, como agiria em relação ao problema enfrentado?
- 8) Você acredita que as soluções sugeridas pela mãe de Tiago foram válidas? Justifique.
- 9) Que sentimentos rondam a vida de Tiago perante seu problema?
- 10) Por que será que Tiago rejeitou as soluções dadas por sua mãe?

Após a realização dessas atividades pelos sujeitos educandos, promoveu-se a etapa que talvez seja a mais expressiva no que concerne a proposta de intervenção pedagógica, a análise linguística discursiva, a qual encontra-se explicitada a seguir.

Análise Linguística Discursiva

A etapa de análise linguística discursiva é a fase de maior importância dessa pesquisa por permitir aos sujeitos educandos participar de um trabalho pedagógico que contemple suas mais profundas necessidades de reflexão crítica perante a tessitura textual, procurou-se fazer com que os sujeitos educandos pudessem “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Para tanto, as atividades apresentadas nessa fase da proposta de intervenção, seguem a interpretações de que “O elo que liga as significações de um texto as suas condições sócio-históricas, não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” (Pêcheux, 1971, p. 147), e, portanto, não há como em sala de aula, trabalhar-se o processo de leitura, de modo, a contemplar o desenvolvimento crítico e reflexivo produzindo-se uma apreciação da autonomia dos sujeitos sem que estes requisitos sejam colocados como parte fundamental do processo de ensino/aprendizagem no que concerne à leitura. Assim, as questões que privilegiam essa abordagem, podem ser observadas abaixo.

- 1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de ‘Dona Iara’, essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.
 - a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.
 - b) No texto, a palavra ‘Dona’ é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.
- 2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nele? Justifique sua resposta.
- 3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?
- 4) Sabendo que todo texto traz certa função social, qual função social você atribui a esse texto?
- 5) Observe o trecho onde se percebe que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que sua mãe oferece mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”.

- a) Assinale a opção em que a palavra ‘precisa’ foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.
 - () A médica foi precisa na realização da cirurgia.
 - () Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.
 - () Minha mãe foi precisa na resposta, não!
 - b) No trecho, ‘Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!’, Quais sentidos você atribui a essa postura do menino?
 - c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência?
 - d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes?
- 6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona lara no trecho abaixo.
– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares).
Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez!
- 7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.
- a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.
‘E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.
 - b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.
- 8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres.
- 9) Em determinada parte do texto, Dona lara diz, ‘– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve’, demonstrando certo apelo religioso.
- a) Quais significados você atribui a essa frase?

- b) Você concorda com essa compreensão?
- 10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.
- a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?
- b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?
- 11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.
- (a) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.
- (b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.
- (c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.
- 12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre enquanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois enquanto entidades do poder político/econômico.
- a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?
- b) Você concorda com esse posicionamento dela?
- 13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer". Como você analisa essa postura de Dona Iara?
- 14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?
- 15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.
- 16) Em dois trechos da crônica, Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.
- 17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"

- a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta.
- b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

Como proposto pela sequência didática, essa fase foi realizada de modo muito tranquilo, pois os sujeitos educandos conseguiram em sua maioria, realizar todas as tarefas, de modo a fornecer o material necessário para a fase de análise das respostas. A seguir, apresentamos uma outra fase da pesquisa, a produção textual.

Módulo IV – Produção textual

Tendo como intuito a finalização da proposta de intervenção, tornou-se oportuna a realização de uma produção textual contemplando o gênero discursivo crônica, o qual foi utilizado diante a proposta pedagógica, assim, foi solicitado que os educandos, de modo individual, produzissem um texto seguindo as premissas do gênero discursivo crônica.

Para executar essa etapa da intervenção, os educandos foram instruídos a escolher uma situação cotidiana que pudesse servir como temática para a produção textual sugerida, atentando para as especificidades adequadas ao gênero discursivo crônica, sempre fornecendo aos alunos, espaço para que pudessem sanar eventuais dúvidas em relação a produção textual junto ao aplicador da proposta.

Após a realização de seus respectivos textos 'crônicas', foram montados grupos de modo aleatório, esses grupos foram compostos inicialmente por três componentes. Os educandos que formaram cada grupo selecionaram com auxílio do aplicador, entre suas produções, a melhor crônica produzida por cada grupo.

Assim que cada grupo fez a escolha de uma das crônicas, lhes foi dada a função de elegerem um dos membros de cada grupo para realizar a leitura oral da crônica escolhida perante toda a classe, afim de que todos os alunos da turma pudessem conhecer as crônicas escolhidas por cada grupo e entre elas, elegerem os três melhores textos da turma para serem lidas na Rádio local, a Rádio Serrana, em um programa intitulado, Isso é Nordeste, do mesmo modo como serão publicadas em web portais do município de Araruna.

Antes da publicação serão realizadas revisões gramaticais nos textos selecionados, enquanto que todas as outras, serão expostas no mural da escola para que outros alunos possam ter acesso aos textos produzidos. A seguir trazemos o módulo que preceitua os métodos de avaliação adotados pelo pesquisador em relação a execução da proposta de intervenção pedagógica.

Módulo V – Avaliação

O processo avaliativo decorrente da proposta de intervenção ocorrerá pautado no método qualitativo, onde o educador, busca perceber os avanços dos educandos em relação a leitura levando em consideração as discussões e questionamentos propostos de modo a identificar a evolução do desenvolvimento crítico e reflexivo desses indivíduos através das constatações percebidas pelo educador/pesquisador.

Cabe ainda ao pesquisador, na intervenção pedagógica, como já ressaltado, observar a participação dos sujeitos em meio as discussões orais propostas em sala, aproveitando também a produção final dos educandos como meio de identificar a compreensão dos indivíduos em relação ao gênero textual trabalhado durante a intervenção pedagógica. As análises da aplicação da proposta de intervenção em relação as respostas dos sujeitos diante as atividades apresentadas encontram descritas na seção seguinte.

4.3 A ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA

A realização da análise da intervenção pedagógica foi talvez a fase mais desafiadora diante essa pesquisa, e como já era de se esperar, algumas dificuldades ocorreram durante sua realização, obviamente, embora algumas delas serem generalidades da nossa educação básica, outras se tornam mais salientes em determinadas unidades educacionais.

Nesse caso específico, um dos itens iniciais para realização da pesquisa em loco foi a dificuldade em se reunir os educandos da turma nas aulas em que a pesquisa foi executada e um dos fatores determinantes para que houvesse essa dificuldade foi a ausência dos diários de classe na escola, fenômeno que incutia o aluno de que sem os referidos documentos eles não poderiam receber faltas nas

aulas em que estivessem ausentes e conseqüentemente não teriam problemas quanto a descontos em relação ao auxílio do Bolsa Escola e Bolsa Família que a maioria dos alunos da escola recebem do Governo Federal.

Outro fenômeno bastante relevante assenta-se sobre a exigência, por parte dos educandos, de que o pesquisador lesse cada uma das questões presentes na proposta de atividade de intervenção, tornando-se claro que havia por parte deles uma dependência extremamente nociva em relação a interpretação, pois as dificuldades que os educandos apresentavam perante a interpretação das questões propostas não estava de fato ligada a dificuldade das questões e sim ao hábito de que sempre explicassem a eles o que fazer.

Obviamente, não houve deferimento positivo a essa solicitação dos educandos exatamente por que, esse é um dos problemas que essa pesquisa objetiva amenizar, principalmente devido estarmos integrados a compreensão de Lodi (2004, p. 45), que defende que ler é antes de tudo buscar sentido no que se lê e não permitir-se a uma espera de que o enunciado possa ser entregue com todos os sentidos já explícitos, assim, o leitor não deve tornar-se passivo ao enunciado, nem simplesmente acostumar-se a submissão em relação à leitura por parte de terceiros de modo a prender-se apenas a compreensão dos outros acerca de uma questão, texto etc.

Uma outra circunstância a ser explicitada aqui decorre do fato de que não houve uma apreciação mais profunda acerca das análises direcionadas a etapa: Análise estrutural e composição do gênero trabalhado, pois esse, trata basicamente da compreensão estrutural e ativação de conhecimentos prévios acerca do gênero discursivo crônica e, portanto não encontra-se pautado em nossa pesquisa como o foco principal.

Assim como, embora sua participação diante a pesquisa tenha sido indispensável há também uma menor participação nas análises da fase ligada a interpretação textual, pois embora, essa fase até permita uma reflexão acerca do texto em si, não contemplou de modo integral a discursividade por exigir certos traços ligados à interpretação do texto como unidade que privilegia muito mais a sintaxe e a semântica, não permitindo uma profunda análise reflexiva dos sujeitos em relação a língua e seu contexto de uso pragmático.

Entretanto, a etapa de Análise Linguística Discursiva, encontra-se apreciada de modo mais firme nessa contextualização por permitir de fato um estudo textual

que contemple o desenvolvimento crítico e reflexivo do sujeito em relação não apenas ao objeto textual mas a toda uma gama de contextos socioideológicos nas interpretações das questões e no retorno dessas em forma de respostas.

Os contextos socioideológicos mencionados são, portanto, atributos indelévels na corroboração para a formação do indivíduo e, conseqüentemente, respingam diante das respostas dos sujeitos alunos em relação as questões propostas na intervenção, ao ponto que o permite ampliar a atribuição de sentidos e suas visões de mundo através da metacognição, fenômeno tão apreciado nessa pesquisa devido encontrar-se amplamente integrada à análise discursiva.

Nesse contexto, para que a pesquisa pudesse ser concluída, tornou-se necessário selecionarmos uma amostragem que pudesse vislumbrar de modo mais fiel possível as especificidades ocorridas durante o período de aplicação da proposta de intervenção, para tanto, visando uma melhor viabilização utilizou-se as atividades respondidas por 10 dez sujeitos educandos.

Desse modo, o processo de seleção das atividades para a amostragem, contemplou os trabalhos dos sujeitos educandos que acompanharam todas as etapas da proposta de intervenção, partindo do momento inicial em que houve a apresentação do pesquisador para a turma até a fase em que foi recolhida as produções textuais dos indivíduos.

Assim, as questões propostas aos sujeitos educandos encontram-se elencadas abaixo. Após cada uma dessas questões, encontram-se dispostas as respectivas respostas dos sujeitos educandos, sendo que os recortes das respostas dos indivíduos serão transcritas respeitando os possíveis “desvios gramaticais” produzidos por eles, contudo esses desvios não serão analisados de modo profícuo devido essa pesquisa estar direcionada a analisar outros aspectos da língua.

Os sujeitos educandos foram identificados através de um sistema de numeração, entre (1) um e (10) dez. Em seguida faremos uma breve análise acerca das respostas em relação aos pressupostos da pesquisa.

Questão 1 – Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de ‘Dona Iara’, essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

Pergunta A – Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

Respostas:

Sujeito educando 1: “Por que ele estava muito irritado”;

Sujeito educando 2: “Porque ele estava bravo com sua mãe, porque ele tinha pedido ajuda e ela não ajudou ele como queria”;

Sujeito educando 3: “Porque ele estava muito irritado por isso que ele chamou sua mãe de dona lara”;

Sujeito educando 4: “por que ele falou muito rápido e também Tiago ficou ansioso”;

Sujeito educando 5: “Pois no ponto de vista da lingua Portuguesa a presenta um significado e no dito popular outro sentido”;

Sujeito educando 6: “Por que Tiago estava irritado com a espinha no seu nariz e chamou sai mãe de Dona lara”

Sujeito educando 7: “Porque Tiago estava num momento de irritação por isso chamou sua mãe de dona lara”;

Sujeito educando 8: “... pelo ato de estar chateado”;

Sujeito educando 9: “Porque Tiago estava muito chateado...”;

Sujeito educando 10: “Porque ele estava com raiva e queria expressar o nome dela pra ela se acalmar”.

Diante do questionamento presente na questão ‘a’ os educandos responderam de modo geral que o fato decorre de o menino estar muito “Chateado, irritado, bravo, com raiva”. Os sujeitos, portanto, conseguiram identificar que o principal motivo estava ligado a raiva, fenômeno que comprova haver uma atribuição de sentidos bastante coerente entre eles, no entanto, ao mencionar que a fala do menino é decorrente também do fato de ele ter falado demasiadamente rápido e ansioso, nos remete a interpretação de que esse sujeito, aluno (5), consegue ir além do que o texto traz em sua postura imediata, fazendo com que ele se distancie do limiar meramente textual fazendo uma ligação imediata com outros “sentidos”, pois compreende que quando se está ansioso, algumas palavras ou ações fogem de nosso domínio de controle.

O aluno (5), também foge do senso comum, e por isso, observa que a Língua Portuguesa apresenta-se de modo diferente. Talvez, o que esse sujeito atribui à língua seja referente a norma padrão e o que ele define como dito popular seja referindo-se ao modo coloquial. Já o aluno (10) ultrapassa o senso comum e ancora-se em aspectos psicoafetivos ao mencionar que o menino utilizou a estratégia de chamá-la pelo nome como meio de tranquilizá-la.

Pergunta B – No texto, a palavra ‘Dona’ é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.

No que concerne à pergunta (b) da questão 1, todos os educandos identificaram que ao utilizar o termo ‘Dona Iara’ o menino estava utilizando um pronome de tratamento, ou seja, nenhum dos alunos da amostragem confundiu-se na utilização do termo “Dona” que poderia ser entendido como substantivo, demonstrando que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo” (PÊCHEUX, 1997, p. 160), dependem portanto, de toda uma gama contextual e ideológica, por isso, alegam ainda que o uso dessa expressão no contexto do texto advém do respeito do menino direcionado à sua mãe.

Questão 2 – O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.

Respostas:

Sujeito 1: “Não porque esse titulo poderia estar identificando outro assunto”;

Sujeito 2: “Não, porque pode está se referindo a outra coisa...”;

Sujeito 3: “Não porque o título é ‘Na ponta do Nariz’ e não fala o que tem no nariz.”;

Sujeito 4: “Na ponta do nariz por que fala sobre uma espinha na ponta do nariz em Tiago”;

Sujeito 5: “... pode levar a vários significados”;

Sujeito 6: “... não esclarece o que acontece...”;

Sujeito 7: “Não, pois imaginamos muitas coisas ao ler o título”;

Sujeito 8: “Não, por que pode esta falando de qualquer ato acontecido”;

Sujeito 9: “Não. Porque não esclarece o que acontece com Tiago e sim esclarece o que acontece no texto”;

Sujeito 10: “não, porque o titulo não explica o que esta na ponta do nariz de Tiago”.

Nessa questão, esperava-se que os sujeitos educandos pudessem observar que o título de um texto, nem sempre consegue dar conta do que trata em sua carga significativa, porém almejava-se que na parte da justificativa eles pudessem observar que o título não tem apenas esse intuito, mas também, atrair a atenção do leitor, contudo, nenhum deles apontou essa função do título, apenas se apegaram ao senso comum.

Observa-se, portanto, que os educandos 4 e 9, parecem não ter compreendido bem o que se pedia, pois fogem do contexto da pergunta ao responderem, embora fugindo de uma rotulação, há em nossa sociedade uma parcela educacional que apresenta algum nível de analfabetismo funcional, assim, embora a questão seja bem objetiva, esses sujeitos não conseguem dar conta do que se pede, por isso, apresentam características compatíveis com a definição de Moreira (2006, p. 8), pois apresentam “limitada capacidade de compressão” daquilo que leem.

No entanto, os sujeitos educandos 1, 2, 5 e 7, apresentam respostas guiadas por uma reflexão ligada à polissemia, pois compreendem que o título do texto, pode levar o sujeito à vários sentidos. Esses educandos apresentam através de suas respostas a compreensão de que “os títulos são chaves para a construção dos sentidos dos textos” (GUIMARÃES, 1997, p. 27).

Questão 3 – A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?

Respostas:

Sujeito 1: “Sim, eu aprendi mais sobre adolescência”;

Sujeito 2: “...nós faz refletir sobre as mudanças que acontecem no nosso corpo”;

Sujeito 3: “... nos ensina a refletir sobre as fases na adolescência”;

Sujeito 4: “Sim por que fala sobre adolescência”;

Sujeito 5: “Sim, saber que todas as Pessoas tiveram ou vam ter espinhas.”;

Sujeito 6: “Retrata a vida de Tiago que vive a Pré adolescência”;

Sujeito 7: “Sim, me fez refletir que na vida passamos por muitas situações que as vezes achamos que não tem jeito, mais sempre tem um jeito de resolver.”;

Sujeito 8: “Sim. Porque apresenta reflexões pelo ato de estarmos crescendo e nos tornando adolescente.”;

Sujeito 9: “Sim. Porque indica que ele está na fase da adolescência e começa a mudança no corpo da gente.”;

Sujeito 10: “Sim, porque fala de um assunto que pode acontecer comigo e ajuda a refletir”.

Perante esse questionamento amparamo-nos em Orlandi (2014, p. 13) que assevera que perante a Análise do Discurso praticamos uma relação de consciência

com nossa própria história. Esse aspecto foi um dos pontos cruciais na escolha do tema para a intervenção, pois ao apresentá-los um texto que dialogue com a fase humana em que vivem os compromete a refletir e analisar seus próprios contextos de vida. Assim, nove sujeitos alegaram que a temática contribuía para sua formação crítica e reflexiva e, de modo geral, refletiram acerca da pergunta e conseguiram identificar que o fenômeno o fato de relacionarem a temática às suas vidas por estarem também passando pela fase da adolescência.

Questão 4 – Sabendo que todo texto traz certa função social, qual função social você atribui a esse texto?

Respostas:

Sujeito 1: “Para que nós adolescentes não fiquemos com vergonha do nosso corpo.”;

Sujeito 2: “Conscientizar os adolescentes...”;

Sujeito 3: “Mostra que é normal na adolescência ter essas mudanças no corpo.”;

Sujeito 4: “Era um assunto sobre um menino que estava na fase adolescência”;

Sujeito 5: “Ajudar a compreender que as espinhas são totalmente natural do corpo Humano.”;

Sujeito 6: “Para ensinar os jovens que todo mundo passa pela Pré adolescência”;

Sujeito 7: “Nos ensinar que não devemos ter vergonha de ter uma espinha, pois não é defeito nem doença. E que devemos nós aceitar do jeito que estamos ou somos.”;

Sujeito 8: “Conscientizar os adolescentes que as espinhas no rosto fazem parte do desenvolvimento corporal...”;

Sujeito 9: “...trata de um problema ocorrido com muitas pessoas”;

Sujeito 10: “sua função é ajudar a refletir sobre uma fase da adolescência que pode ocorrer com várias pessoas”.

Nessa questão, o intuito principal era fazer com que os sujeitos refletissem que cada texto, “tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação [...] todos os gêneros têm uma forma e uma função [...] mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.” (MARCUSCHI, 2008, p. 150).

Observa-se que os sujeitos conseguiram captar e atribuir sentido à função social do texto, pois se posicionaram de modo geral, alegando que o texto apresentava como função social à conscientização dos adolescentes para as mudanças ocorridas nessa fase. Suas respostas também deixam transparecer que esses indivíduos, ideologicamente, encontram-se de certo modo, seguros acerca das mudanças resultantes na fase da adolescência.

Questão 5 – Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

Pergunta A – Assinale a opção em que a palavra ‘precisa’ foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

- A médica foi precisa na realização da cirurgia.*
- Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.*
- Minha mãe foi precisa na resposta, não!*

No pergunta ‘A’, (8) oito sujeitos marcaram a segunda alternativa; (2) dois assinalaram a terceira opção e nenhum deles assinalou a primeira opção. Nesse contexto, nem todos se apresentaram seguros na identificação de que embora a atribuição de ‘outros sentidos’ seja uma marca extremamente positiva na aceção de formações ideológicas, às vezes, o sentido deve trilhar um sentido mais restrito para que à mensagem possa ser de fato compreendida. Contudo, Marcuschi, (2008, p. 233) relata que “entender um texto, não equivale a entender palavras ou frases”, assim, certamente se embasada em um contexto mais amplo essas dúvidas certamente não progrediriam.

Visando uma melhor integração, resolvemos agrupar as respostas ‘B e C’ um único tópico de análise, devido as perguntas se complementarem, assim as respostas encontram-se respectivamente juntas.

Pergunta B – No trecho, ‘Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!’, Quais sentidos você atribui a essa postura do menino?

Pergunta C – Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência?

Respostas:

Sujeito 1: “Ele quiz dizer que iara da mais atenção a adriana do que a ele mesmo / Porque a menina é mais virada do que o menino”;

Sujeito 2: “...porque ela precisa de mais atenção do que os meninos / `Porque os meninos tem mais liberdade social do que as meninas”;

Sujeito 3: “Ele sentiu ciúmes por a mãe se preocupa más com a aparência da irmã dele / Porque a sociedade é machista e geralmente os meninos são mais independentes”;

Sujeito 4: “porque dona lara ver o que não pode... ver as partes intimas de Adriana / porque os menino sabe mais das coisas sobre o mundo”;

Sujeito 5: “Porque ela tem medo de Adriana aranjear um namorado... / Porque elas tendem a começar a aranjear namorados nessa fase”;

Sujeito 6: “ele quiz diz que a mãe tem mais intimidade com a irmã do que ele / Porque os meninos tendem a desenvolver a mudanças do corpo mais tarde do que as meninas”;

Sujeito 7: “Ele quis dizer que a mãe dele ver até as coisas mais intimas em Adriana, mais nele não ver nem as coisas mais importantes... / ... as meninas estão engravidando na adolescência e deixando os estudos de lado”;

Sujeito 8: “Que sua mãe, não esta preocupada em resolver os problemas de Tiago, só o de sua irmã Adriana / Pelo ato de as meninas estarem crescendo, presenciando coisas novas e nelas pode haver graves consequências”;

Sujeito 9: “... o que não é pra ver nela ela ver e o que é pra ver nele ela não ver. / ... quando as meninas vai para a vida da adolescência a mãe começa a pegar no pé das meninas pra elas ter cuidado.”;

Sujeito 10: “... Donalara vê coisas na menina que não precisava ela vê e acaba vendo coisas inúteis.”.

Nas perguntas ‘B e C’ o intuito foi fazê-los refletir acerca dos comportamentos sociais ligados à falta de igualdade entre gêneros, posto que em sua maioria, as mulheres recebem um tratamento efetivamente mais discriminatório.

Assim, os sujeitos educandos se posicionaram de modo a deixar transparecer seus pontos de vista, que obviamente vem à tona, carregados de traços ideológicos, por isso, houve uma grande variedade de sentidos nas interpretações. Aqui um dos fatores determinantes foi o fato de serem (5) cinco meninos e (5) cinco meninas respondendo as questões. Esse fenômeno torna-se

interessante para podermos observar certos traços ideológicos em suas respostas, que obviamente foram guiadas através de seus lugares ideológicos.

Isso ocorre porque “A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências).” (KOCH & ELIAS, 2014, p. 21).

Como exemplo mais significativos temos as respostas dos meninos: Sujeitos 1, 2, 4, 5 e 10. Pois em suas respostas, reproduzem também certos traços ligados ao preconceito, como o sujeito 1 que utiliza o termo ‘virada’ para se referir a menina como sendo alguém que foge dos padrões estereotipados pela sociedade; O sujeito (2) cita que as meninas precisam “de mais atenção do que os meninos”, assim como, o sujeito (4) ao relatar que “os menino sabe mais das coisas sobre o mundo” como se as mulheres fossem por natureza inferiores aos homens; Já o sujeito (10) ao defender que “as meninas são mais sensíveis e podem engravidar”, parece atribuir apenas as mulheres o advento da gravidez.

Em contrapartida, os sujeitos 3, 6, 7, 8 e 9 que pertencem ao gênero feminino, apresentam respostas que naturalmente diferem do campo de visão dos meninos. Como exemplo mais saliente podemos destacar o que diz o sujeito (3): “a sociedade é machista”, demonstrando certo incômodo em relação aos aspectos sociais vigentes no que tange ao modo de tratamento entre homens e mulheres.

Nessa mesma premissa o sujeito (7 e 8) ao relatarem respectivamente que “as meninas estão engravidando na adolescência e deixando os estudos de lado” e “Pelo ato de as meninas estarem crescendo, presenciando coisas novas e nelas pode haver graves consequências”, deixam claro que encontram-se cientes que se caso haja uma gravidez involuntária, sempre serão as meninas que serão mais prejudicadas inclusive com o comprometimento de seu futuro tendo em vista que em caso de separação geralmente a criança fica com a mãe, a qual, tende a abandonar os estudos, sendo esse, mais um dos itens discriminatórios em meio ao contexto social de nossa época.

Em relação à atribuição de significados, é possível observar que o sujeito (4) fugiu ou não conseguiu atribuir sentido ao contexto da frase, pois cita que “Dona Iara ver o que não pode... ver as partes íntimas de Adriana” contexto que não condiz com os possíveis sentidos no texto trabalhado. Ao responder esses questionamentos de modo tão cheio de atribuições de sentidos fica evidente que há um

comprometimento por parte deles por tornar o sujeito peça crucial fazendo-o sentir-se “protagonista do processo de construção de significados” (SOLÉ, 1998, p. 173).

Pergunta D – Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes?

Respostas:

Sujeito 1: “Para Tiago não ficar com ciúmes da irmã”;

Sujeito 2: “Que ela também o amava...”;

Sujeito 3: “Sinal de respeito, é mostra que ela também se preocupa com ele”;

Sujeito 4: “pra Tiago não fica com ciúme e que ela gosta dele também”;

Sujeito 5: “Demonstrar que sente o mesmo afeto pelos dois”;

Sujeito 6: “Para que Tiago não fique com ciúmes de sua irmã e para ele fique mais calmo”;

Sujeito 7: “... carinho e de respeito pois ela é a mãe dele e o ama”;

Sujeito 8: “Ela quis mostra-lhe que se preocupa com ele também, mas por sua irmã esta crescendo, tornando-se adolescente, precisa mas dos seus concelhos”;

Sujeito 9: “é um significado de amor”;

Sujeito 10: “...ato de amor e carinho”.

Desse modo, as respostas atenderam bem ao que se propunha pois seu objetivo básico era fazer com que os sujeitos educandos, pudessem refletir acerca da atribuição de sentidos através também da linguagem não-verbal, além claro, de fazê-los perceber que “há lugar no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo” (KOCH & ELIAS, 2014, p. 11).

Questão 6 – Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

*– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares).
Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez!*

Respostas:

Sujeito 1: “...ele não queria que sua mãe estora-se a sua espinha”;

Sujeito 2: “... que ele refletisse sobre a espinha”;

Sujeito 3: “...fazer ele para de frescura e resolve de uma vez esse problema”;

Sujeito 4: “Ela queria estora a espinha dele”;

Sujeito 5: “... que Tiago ficasse calmo e parasse de abusala. E refletise que a espinha não o iria afetalo em nada”;

Sujeito 6: “...qui ele refletisse sobre o seu problema cam a espinha”;

Sujeito 7: “Tiago não queria que estorace a espinha dele, pois ele sabia que iria piorar e ficaria feia...”;

Sujeito 8: “...mostralhe que tinha outra solução para o problema de Tiago mas ele podia não querer para não sair machucado”;

Sujeito 9: “...ela quer estorar a espinha para resolver o problema de Tiago mais ele não que porque tem medo de machuca e doe”;

Sujeito 10: “ela queria estoura a espinha sabendo que Tiago não ai quere”.

Como sabemos, para entender uma pergunta retórica, o sujeito necessita também estar atento as pistas demonstradas pelo jogo de sinais, sejam verbais ou não verbais, explicitadas pelo interlocutor, ou seja, precisa estar integrado a leitura das intenções, por isso, deve fazer a leitura também do posicionamento ideológico do outro para que a atribuição de sentido possa ter coerência, sendo necessário compreender que “todo dizer ‘apresenta’ uma relação fundamental com o não dizer”. (ORLANDI, 1992, p. 12). Contudo, a maioria dos sujeitos educandos selecionados na amostragem encontraram certas dificuldades em relacionar os traços deixados com as suas respectivas intenções contextuais.

Questão 7 – A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

Pergunta A – Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

‘E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

Respostas:

Sujeito 1: Identificou como hipérbole: vermelha, exibida e enorme e Identificou como prosopopeia: na ponta de seu nariz, primeira espinha e enfeitar-lhe;

Sujeito 2: Identificou como hipérbole: enorme e Identificou como prosopopeia: vulcãozinho colorido e exibida;

Sujeito 3: Identificou como hipérbole: enorme e feito um vulcãozinho colorido e Identificou como prosopopeia: exibida;

Sujeito 4: Identificou como hipérbole: vermelha e enfeitar-lhe e Identificou como prosopopeia: vulcãozinho colorido e enorme;

Sujeito 5: Identificou como hipérbole: Bem na ponta de seu nariz e enorme e Identificou como prosopopeia: exibida;

Sujeito 6: Identificou como hipérbole: redonda e exibida, enorme e primeira espinha e Identificou como prosopopeia: enfeitar-lhe a extremidade, feito um vulcãozinho;

Sujeito 7: Identificou como hipérbole: bem vermelha, redonda, enorme e extremidade e Identificou como prosopopeia: vulcãozinho colorido, exibida;

Sujeito 8: Identificou como hipérbole: Bem vermelha, redonda e enorme e Identificou como prosopopeia: vulcãozinho colorido e exibida;

Sujeito 9: Identificou como hipérbole: ponta, redonda e extremidade e Identificou como prosopopeia: bem vermelha, um vulcãozinho colorido, exibida;

Sujeito 10: Identificou como hipérbole: exibida, enorme e vulcãozinho colorido e Identificou como prosopopeia: enorme, enfeitar-lhe e extremidade.

Perante as respostas recolhidas, observa-se que há certa insegurança na atribuição de sentidos em relação as figuras de linguagem trabalhadas, essas figuras de linguagem são utilizadas principalmente como estratégias para criar maior expressividade ao discurso ofertando-lhe um vasto repertório linguístico na atribuição de sentidos. Assim sendo, apenas o Sujeito (3), conseguiu de fato, responder essa pergunta corretamente enquanto que todos os outros, embora se aproximassem da resposta mais correta, ainda apresentavam desvios na apreensão e atribuição de sentidos.

Quando Kleiman (1995, p. 18) revela que “o texto não é apenas um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um para assim, cumulativamente, chegar à mensagem” reflete exatamente o que ocorreu perante as respostas analisadas dos sujeitos educandos selecionados perante a amostragem, pois se eximiram da responsabilidade de tratar o texto como uma tessitura significativa e tentaram chegar à resposta através do método de isolamento da palavra ou expressão, demonstrando assim, que ainda há um longo caminho para tornar os sujeitos mais reflexivos diante às possibilidades de análise textual, pois obviamente as palavras selecionadas por eles, se tratadas em outros contextos,

poderiam sim, se transformarem nas figuras de linguagem aludidas, porém, diante o contexto apresentado não se aplicavam.

Pergunta B – Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

Respostas:

Sujeito 1: “Ninha casa é enorme”;

Sujeito 2: “O meu cachorro é enorme”;

Sujeito 3: “Aí amiga você mim deixou careca”;

Sujeito 4: “estou morrendo de fome”;

Sujeito 5: “Estou morrendo de dor de cabeça...”;

Sujeito 6: “chorou rios de lágrimas”;

Sujeito 7: “Faz umas dez horas que essa menina penteia esse cabelo”;

Sujeito 8: “Ela tem uma unha enorme”;

Sujeito 9: “Ela é cheia de problemas”;

Sujeito 10: “na entrevista, eu morri de vergonha”.

No que concerne a atividade acima, complementa-se o que foi visto no item (A) desta mesma questão, pois os educandos embora tenham apresentado dificuldades, na identificação das figuras de linguagem solicitadas, não apresentaram as mesmas características, quando lhes solicitado que criassem uma frase representado a figura de linguagem hipérbole. Atribuímos, portanto, a esse fenômeno, o fato de ser mais fácil montar uma frase já tendo o estabelecimento de sentido pronto do que refletir acerca de uma atribuição de sentido. “Dessa forma, a compreensão da leitura só é possível se a base para os significados for trazida para o leitor, para a linguagem, a partir da teoria de mundo construída pelo sujeito no decorrer de sua vida.” (ALVES, 2012, p. 77).

Portanto, torna-se praticamente inútil o sujeito professor apresentar uma grande variedade de conteúdos aos seus sujeitos educandos se não houver de fato um trabalho que permita uma liberdade na atribuição de sentidos, pois como fica comprovado aqui, esse aprisionamento impossibilita um trabalho que contemple uma ampliação mais eficaz da capacidade do sujeito em refletir criticamente sobre uma leitura fazendo perceber que “o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico.” (BRANDÃO, 2015, p. 19).

Questão 8 – Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres.

Respostas:

Sujeito 1: “Porque ha muito tempo atrás os pais só deram liberdade para os homens...”;

Sujeito 2: “Porque nossa sociedade e muito machista [...] e diminui as mulheres”;

Sujeito 3: “Porque têm trabalho e esportes que as pessoas pensam que s’o os homens podem fazer ou praticalo, é quando uma mulher vai fazer ou pratica ums desses atos a sociedade crítica”;

Sujeito 4: “porque pode machucar os sentimentos das mulheres”;

Sujeito 5: “Mulheres trabalhando de pedreira, taxista, piloto, caminhoneiro”;

Sujeito 6: “Por que a sociedade e machista e os homens querem se melhores que as mulheres”;

Sujeito 7: “Meu pai quando sai de casa para ir para algum lugar com os amigos dele, não é questionado, mas quando a minha mãe sai com as amigas é motivo para os outros questionarem”;

Sujeito 8: “Traição. Se a mulher trai ela não vale nada. Se o homem trai ele é o garanhão que pega todas isso faz com que vivamos em uma sociedade machista”;

Sujeito 9: “Eu chamei um palavrão e a minha mãe não gostou ai ela foi e respondeu você tá uma moça não tem que ta com esse palavrão de o respeito”;

Sujeito 10: “Porque a sociedade é muito machista e os homens têm direito a quase tudo: em jogo de futebol, em pilota um avião.”.

Diante as respostas desses sujeitos, percebe-se claramente certos traços de posicionamentos ideológicos, pois as posturas dos meninos demonstra-se mais pacatas enquanto que as meninas deixam transparecer certa revolta ao responder essa questão. Isso pode ser refletido quando comparamos as respostas dos sujeitos do gênero masculino: Sujeitos 1, 2, 4, 5 e 10 e as respostas dos sujeitos do gênero feminino, Sujeitos 3, 6, 7, 8 e 9, percebe-se que as meninas demonstram, como já era de esperar, um maior teor de percepção de injustiça social envolvendo os gêneros.

Assim, visando uma reflexão mais profunda envolvendo os entes envolvidos, o sujeito professor pode criar em sua sala de aula um ambiente de diálogo envolvendo esses educados, pois através de um trabalho em grupo envolvendo pessoas de gêneros diferentes pode-se propor uma comparação e análise das respostas dos envolvidos e posteriormente promover um debate reflexivo acerca das

análises observadas pelos sujeitos, permitindo a eles uma análise produzida através da interação com outras formações discursivas.

Que nas palavras de Pêcheux (1988, p. 160 - 161) é

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] as formações discursivas representam na “linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Desse modo, os alunos poderiam perceber que não se pode dizer tudo, mas somente aquilo que é permitido por uma determinada formação discursiva. E mais, que não segue essa tendência e diz algo fora do contexto permitido, passa a ser interdito, socialmente.

Questão 9 – Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, ‘ – Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve’, demonstrando certo apelo religioso.

Pergunta A – Quais significados você atribui a essa frase?

Pergunta B – Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Respostas:

Sujeito 1: “Ela quis dizer que tudo que Deus faz ninguém pode resolver / Sim, porque só Deus para resolver algumas coisas”;

Sujeito 2: “Porque Deus é que quem fez as mudanças em nosso corpo e que nada e ninguém pode muda... / Sim, porque Deus e quem nos fez e tudo que existe”;

Sujeito 3: “... que tudo que Deus planejou pra nossa vida nada nesse mundo pode mudar / Sim, porque só Deus pode mudar ou opinar as coisas é que nada nesse mundo pode ser resolver ser não por ele quiser”;

Sujeito 4: “Sim porque ele é mais grande / Sim por que tem coisa na vida que as pessoas não dão jeito”;

Sujeito 5: “Ela quer dizer que ele não se preocupe pois e so uma fase da vida / Sim, porque o que deus fez ninguém pode mudar”;

Sujeito 6: “Proque deus fez a gente do jeito que nois somos / Sim, porque Deus feis a gente do jeito qui a gente e”;

Sujeito 7: "... é uma coisa natural das natureza e ninguém pode tirar dele, é uma coisa que o tempo vai desfazendo / Sim, por que tem coisas na vida que só pode ser resolvidas por Deus, são coisas só dele que são inexplicáveis";

Sujeito 8: "Que nem todo problema que tiago falasse a ela, poderia ser resolvido / Sim, porque as vezes temos que aceitar as coisas do jeito que elas são.";

Sujeito 9: "... ele não quiz ajuda de sua própria mãe / Sim. Deus tem um mistério de resolver os problemas sozinho";

Sujeito 10: "... que nada pode mudar o problema e Tiago / Sim, porque Deus criou o mundo do jeito que ele é e nada pode mudar".

As questões aqui apresentadas visavam ativar e evidenciar conhecimentos prévios acerca da temática religiosa, fazendo com que dentro das possibilidades, os sujeitos refletissem também em relação à questões e posturas religiosas que manifestam-se perante sua formação ideológica devido estar integrada ao trâmite social. Essa proposição baseia-se no fato de que "a religião constitui um domínio privilegiado para se observar esse funcionamento da ideologia dado, entre outras coisas, o lugar atribuído à Palavra" (ORLANDI, 2003, p. 242).

Assim, na pergunta (A) embora haja espaços para a compreensão de que o fato de ter nascido a espinha é algo natural e não há como ser resolvido de modo imediato, metade dos sujeitos optou por atribuir a Deus todo e qualquer problema e suas eventuais soluções, demonstrando assim, toda uma complexidade de ideológica ligada ao poder religioso principalmente de ordem cristã presente em suas áreas de vivência. Enquanto isso, a outra metade dos indivíduos conseguiram observar e atribuir sentidos mais próximos ao contexto da eventualidade natural do nascimento de espinhas devido o desenvolvimento humano.

Em relação a pergunta (B), apenas os sujeitos (4) quatro e (8) oito não se enveredaram através de discursos de ordem religiosa, demonstrando assim, que o poder do discurso religioso encontra-se tão impregnado no contexto social que impetra nos sujeitos uma demasiada subserviência e aceitação em relação a tudo que acontece em suas vidas. Portanto, não fica claro para o sujeito que são suas ações e posturas que fomentam seu desenvolvimento como ente social.

Como nos aponta Fiorin (2000, p. 32) essas posições refletem a "visão de mundo de uma determinada classe social". Nesse contexto, percebemos que seus dizeres são atravessados por outros discursos, formados a partir de convenções de ordem religiosa, evidenciando e fazendo-os refletir acerca de que esses

posicionamentos são resultado de suas formações ideológicas, as quais surgem em detrimento do contexto social onde vivem.

Questão 10 – No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

Pergunta A – Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?

Pergunta B – Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

Respostas:

Sujeito 1: "... a pessoa pode entrar em depressão e até morrer... / Porque ele proprio tem preconceitos e acredita que Daniela também”;

Sujeito 2: “O racismo, xingamentos, preconceito e depressão / Por que se a espinha fosse em daniela iria rir dela”;

Sujeito 3: “... as pessoas se sentem presas, vazias sem rumo por causa que algumas pessoas não aceitam suas escolha os seus pensamentos ou as vezes suas características. / ... na vista dele Daniele é bem perfeitinha não tem nenhum defeito...”;

Sujeito 4: “A pessoa pode entrar com a discriminação / pode ser que Daniela nãoria de Tiago poe não ser preconceituosa”;

Sujeito 5: “... as pessoas se sentir excluídas e isoladas da sociedade. / na mente dele, ele tinha preconceito”;

Sujeito 6: “...as vezes as pessoas podem sé mata com esse preconceito com a aparência”;

Sujeito 7: “... quem sofre com discriminação acaba se afastando das pessoas, e achando-se a pior pessoa do mundo, e ... entrar em depressão. / ... Tiago acredita que tem a coragem de rir de alguém...”;

Sujeito 8: “... pode causar desemprego diferenciação de tratamento entre ricos e pobres, onde pode levar ao racismo. / ... ele acredita que tem coragem de rir de alguém...”;

Sujeito 9: “Preconceito, depressão, racismo. / Tiago é muito preconceituoso...”;

Sujeito 10: “coisas ruins para a Sociedade... / ... pois se fosse ele iria rir de outra pessoa”.

Nessa questão, objetivou-se abrir nos educandos uma reflexão crítica acerca dos princípios morais e culturais no tocante ao preconceito e/ou discriminação

desenvolvido através dos processos sociais que privilegiam uma padronização estética socioeconômica estereotipada dos sujeitos pautada no modelo econômico capitalista, e através dessa reflexão, permitir aos sujeitos educandos uma análise acerca de suas próprias posturas em meio à esse contexto, onde a padronização resultante do capitalismo tem transformado os sujeitos em “algo” ou “coisa”, fazendo com que o sujeito se integre à determinados grupos sociais através do seu modo de vida em relação ao que consegue se estereotipar esteticamente ou economicamente.

Onde está a felicidade, hoje, para o jovem? Para aquele jovem daquele tempo e para o jovem de hoje? Está exatamente no ter, no poder, porque a consequência disso vem o prazer e a felicidade ilusória. O ter, o prazer, isso traz a felicidade, mas com certeza... Como aquele jovem que foi embora triste, porque era muito apegado aos seus bens, também, hoje há muito jovem... muita gente frustrada, porque busca todo o sentido da vida nessas coisas, no prazer, no poder, nos bens que podem ser possuídos a partir do dinheiro. E, no entanto, ainda sobra um grande vazio. (ORLANDI, 2003, p. 258).

Desse modo, levando-se em consideração as respostas dos sujeitos em relação a pergunta (A), percebe-se um posicionamento reflexivo pautado em suas formações ideológicas, extremamente contrário à prática da estereotipação socioeconômica estética, fenômeno provocado talvez, pelo fato de esses indivíduos fazerem parte de uma parcela social em que há certas restrições no acompanhamento em relação a essa padronização.

Já no que concerne à pergunta (B), provocou-se nos sujeitos, uma reflexão acerca da postura de Tiago, havendo, portanto, uma atribuição de sentido bastante coerente ao que fora proposto, fato observado principalmente na atribuição de sentidos evidenciada nas respostas dos sujeitos (1, 2, 4, 6 e 9), os quais conseguem ir muito além do que o texto carrega em sua carga significativa explícita, ao identificarem até alguns traços ideológicos da personagem Tiago, ao fazerem uma leitura social com base nos padrões estéticos provenientes da postura do protagonista do texto estudado, em relação à situação contextualizada.

Endossado pelo pensamento de Orlandi (1988) pontuamos que no momento da leitura não se deve apenas considerar o que está dito no texto, mas também aquilo que não está presente nele, ou seja, os implícitos.

Questão 11 – A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

(a) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) ... tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

Embora essa questão possa apresentar-se muito próxima do que foi trabalhado no item (A) da questão (7) sete, há diferenças salutaras entre elas, posto que, nesse caso, as respostas apontavam para sentidos já predeterminados, sendo necessário aos sujeitos apenas refletirem pragmaticamente sobre as respostas fornecidas pelo exercício para analisarem qual a mais adequada ao contexto.

Notemos que, apenas os sujeitos (7 e 9) não conseguiram captar de modo correto a identificação da figura de linguagem trabalhada, significando que, embora ainda existam barreiras no que concerne à análises reflexivas mais profundas por parte dos sujeitos alunos, em sua maioria, conseguem de fato realizar tais procedimentos quando lhes é fornecido pela escola e pelo professor uma liberdade na análise e atribuição de sentidos, obviamente “espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute [...] que dê sentido e significado ao que lê” (SOLE, 2003, p. 21).

Questão 12 – A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre enquanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois enquanto entidades do poder político/econômico.

Pergunta A – Por que será que ela se inferioriza em relação a eles?

Pergunta B – Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

Respostas:

Sujeito 1: “Pra Tiago entender que espinha não é um problema que só afeta ele. / não, Porque nós samos todos iguais”;

Sujeito 2: "... ela estava querendo explicar que a espinha faz parte da nossa vida e que não é só tiago que tem espinha / não, Porque todos iguais e ninguém é melhor do que ninguém";

Sujeito 3: "... que eles que são mais importantes autoridades tem ou já tiveram espinhas por isso ele ia ter também. / Não. Porque nada a ver ela se referir a eles, só porque eles são autoridades";

Sujeito 4: "... pelo ato deles serem de outra sociedade também enfrentava o mesmo problema / não porque ninguém é melhor que ninguém";

Sujeito 5: "Porque ela se acha inferior a eles por que eles tem poder na sociedade. / Não, Pois todos eles são iguais...";

Sujeito 6: "Para que Tiago Possa entender que ter espinha é normal Para todo mundo / Sim porque todo mundo tem espinha até as pessoas de classe alta...";

Sujeito 7: "Por que eles são importantes na sociedade. / Não concordo, pois o fato deles serem importantes não diminui nem aumenta agente, somos todos seres humanos enperfeitos.";

Sujeito 8: "...por eles serem de outra sociedade também enfrentaram o mesmo problema de Tiago. / Não porque eles não são melhores que ela.";

Sujeito 9: "Ela quer dizer que espinha não é um problema prque acontece em todo mundo... / Não concordo Porque o padre, prefeito e presidente não tem nada a ver com o problema de Tiago.";

Sujeito 10: "porque eles são mais ricos e importantes. / não, porque somos todos iguais so porque eles são ricos não que dizer que eles sejam mais importantes"

Perante essa questão o intuito foi criar possibilidades dos educandos refletirem acerca das diferenças em relação aos diversos sistemas de poder presentes na sociedade, garantindo a alguns um modo de vida e tratamento diferenciado por parte da sociedade devido às respectivas posições sociais que ocupam perante o povo, fazendo ainda, com que esses sujeitos educandos possam relacionar essas reflexões a sua vida e a de sua comunidade.

As respostas da pergunta (A) demonstram ainda haver certos traços de subserviência desses indivíduos perante essas entidades mantenedoras de poder mencionadas, contudo, na configuração das respostas da pergunta (B) temos um confronto com o que foi respondido na pergunta anterior, pois a grande maioria alegou não concordar com os benefícios direcionados a tais representantes,

demonstrando que a reflexão é uma importante ferramenta na aquisição de análises e posturas frente aos trâmites sociais.

Questão 13 – Em certo trecho da crônica a mãe diz: “...eu invento uma desculpa qualquer”. Como você analisa essa postura de Dona Iara?

Respostas:

Sujeito 1: “... ela como mãe não é para dar uma resposta dessa, pois ela tá ensinando a ele a mentir.”;

Sujeito 2: “não, porque ela esta ensinando ela mentir e fugir das consequencias da vida”;

Sujeito 3: “Ela tinha que ajudar ele a enfrentar o problema é não fazer ele se esconder”;

Sujeito 4: “Não porque está ensinando Tiago mentir”;

Sujeito 5: “Ela esta errada, Pois ela estaria ensinando Tiago a mentir”;

Sujeito 6: “ele como mãe não deve mentir porque ela está ensinando o seu filho a mentir”;

Sujeito 7: “A postura dela é errada, pois ela esta ensinando seu filho fugir das suas obrigações... e fazendo ele pensar que mentir resolve tudo mais so piora”;

Sujeito 8: “Errada. Por que pode estar influenciando Tiago a mentir e fugir de seus problemas.”;

Sujeito 9: “Sim. Por que sua mãe está ensinando Tiago a mentir”;

Sujeito 10: “Eu acho Errado essa postura, porque ela esta dando um ensinamento que pode fazer com que ele aprenda a mentir”.

Em meio às questões propostas no processo de intervenção buscou-se provocar nos sujeitos educandos reflexões oriundas dos mais variados posicionamentos ideológicos, nesse caso em especial, o intuito era fazer esses sujeitos posicionarem-se acerca do fato de Dona Iara ‘mãe do menino’ perguntá-lo se ele desejava que ela inventasse uma desculpa ‘mentisse’ para livrar o menino do problema.

As respostas dos sujeitos apontaram para uma postura interessante, pois após suas reflexões evidenciou-se que devido eles se encontrarem pautados na posição discursiva de filhos não aceitam que a mãe se comporte desse modo, tendo em vista que, o lugar social de mãe geralmente é ocupado por uma entidade cumpridora de deveres, detentora de respeito, justiça etc.

Questão 14 – Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?

Respostas:

Sujeito 1: “As mulheres antigamente e até hoje são tratadas como mercadorias”;

Sujeito 2: “isso ocorre porque as mulheres são tratadas como produto...”;

Sujeito 3: “Porque os pensamentos dos homens vão mais além, eles tem muito mais desejos que as mulheres...”;

Sujeito 4: “porque homem vê a mulher como produto...”;

Sujeito 5: “as mulheres são utilizadas como um produto da sociedade.”;

Sujeito 6: “Porque a sociedade é machista e os homens querem ser donos da vida das mulheres...”;

Sujeito 7: “Por que na sociedade homem gosta de mandar achar superior as mulheres passa a ser machista, só porque a mulher é mais frágil e censível...”;

Sujeito 8: “Que as mulheres são vistas como mercadorias...”;

Sujeito 9: “É porque nós vivemos em uma sociedade mais machista que tem muito preconceito”;

Sujeito 10: “porque a sociedade é machista, e a mulher serve como objeto para os homens”.

Nessa abordagem temos uma reflexão acerca da questão da diferença ligada ao desejo propriamente sexual perante as posturas masculinas e femininas, propondo uma análise por parte dos sujeitos educandos dos pressupostos que ensejaram para que esse contexto pudesse se solidificar na sociedade.

Embora haja discussões pautadas em Freud e Lacan em relação à fisiologia e as pulsões que determinam certos padrões psicológicos no gênero masculino em relação à sexualidade, o foco da questão foi fazê-los observar que há uma composição cultural que implementa e exige das mulheres uma posição inferior em relação aos homens, tornando-as ou viabilizando para que aceitem essa posição de objeto de desejo em âmbito social, objetivo alcançado se levado em conta as respostas dos indivíduos selecionados na pesquisa em relação a essa temática.

Questão 15 – A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte porque isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

Respostas:

Sujeito 1: "...pode levar a destruição da vida de uma pessoa...";

Sujeito 2: "Porque pode prejudicar o sentimentos das pessoas e as prejudicalas";

Sujeito 3: "... porque as pessoas são presas a um padrão de competitividade de ser melhor que o outro de conseguir aquilo que outro que más não consegue";

Sujeito 4: "Porque pode machucar os sentimentos das pessoas...";

Sujeito 5: "Porque pode machucar o sistema emocional da pessoa.";

Sujeito 6: "Vivemos em uma sociedade machista e competitiva e isso pode levar a destruição na vida de alguém.";

Sujeito 7: "Porque uma pessoa muito competitiva acaba fazendo coisas erradas para se dar bem e também prejudicando os outros...";

Sujeito 8: "Uma pessoa, muito competitiva pode acabar fazendo coisas erradas... e acaba fazendo com que outras pessoas se prejudiquem";

Sujeito 9: "... pode prejudicar as pessoas";

Sujeito 10: "poeque se tudo for competição pode prejudicar muitas pessoas como acontecer, brigas, perde os amigos...".

Através das respostas obtidas nessa questão é possível observar que os sujeitos educandos que compuseram a parcela participante da amostragem, como objetivado nessa fase da intervenção pedagógica, conseguem refletir criticamente acerca do fenômeno que implementa cada vez mais na sociedade uma competitividade que manipula seus modos de ser assujeitando-os a um sistema que modela vidas pautado na competitividade, e assim, concebe indivíduos apenas como seres passivos a aceitar, sem questionar, determinadas implementações executadas através da globalização que mascara certas faces nocivas do capitalismo, tais como: discriminação, injustiça social, segregação, exclusão social etc.

Questão 16 – Em dois trechos da crônica, Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.

Respostas:

Sujeito 1: "... é uma falta de respeito...";

Sujeito 2: “Ele está errado porque esta xingando e desrespeitando...”;

Sujeito 3: “... foi uma fada de respeito. Ele tinha que respeita más a mãe dele”;

Sujeito 4: “por que tem que Respeitar sua mãe.”;

Sujeito 5: “Ele esta errado, pois ele esta desrespeitando sua mãe”;

Sujeito 6: “Porque é uma falda de respeito com sua mães”;

Sujeito 7: “Esta errado esse postura, pois ela pode falara as coisas mais absurdas mais mesmo assim devemos ter cuidado com as palavras que sai da nossa boca, temos que sempre respeitar a nossa mãe é o próximo”;

Sujeito 8: “Errado. Porque ele pode está desrespeitando sua própria mãe.”;

Sujeito 9: “Porque Tiago deve ter mais respeito com sua mãe.”;

Sujeito 10: “... ele pode estar desrespeitando sua mãe”;

Nessa questão, os indivíduos foram convidados a refletir e se posicionar em relação a forma de tratamento de Tiago em relação a sua mãe, assim, acreditando que o fato de pertencerem a uma cidade pequena e inclusive alguns serem de comunidades rurais onde o modo de vida tende a ser mais ligado ao tradicionalismo, buscou-se provocar neles reflexões que encaminhassem para uma observação de que em outros contextos sociais algumas circunstâncias levam à ações ‘formações discursivas’ diferentes das que estamos acostumados a observar. Visando comprovar que o sentido não se encontra estático frente à sua composição concreta

[...] mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (PÉCHEUX, 1995, p. 160).

Seguindo essa ótica, as respostas dos sujeitos educandos, demonstram exatamente que a atribuição de sentidos realizada por eles frente ao diálogo, envolvendo o menino e sua mãe são captadas, com cargas significativas diferentes, devido haver formações ideológicas sendo confrontadas, ou seja, o que para o autor do texto pode ser algo comum, para os educandos participantes da pesquisa parece ser algo extremamente nocivo à hierarquia familiar.

Questão 17 – Observe o trecho e responda as questões: “– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

Pergunta A – Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta.

Pergunta B – No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

Respostas:

Sujeito 1: “Informal, Porque utiliza gíria, Exemplo gozação. / Zombando.”;

Sujeito 2: “informal Porque no lugar de colocar estou ele falou tô / zoação e brincadeira”;

Sujeito 3: “Informal. Porque ele está falando com gírias / brincadeira ou bagunça”;

Sujeito 4: “gozação / poderia muda para zoação”;

Sujeito 5: “A linguagem informal, Pois as frases não estão no padrão da língua Portuguesa. / Bagunçando.”;

Sujeito 6: “Informal porque ele está falando com gírias / ... brincadeiras de mal gosto”;

Sujeito 7: “Informal, pois usa palavra gozação que não é formal... / Sacanagem”;

Sujeito 8: “Informal. Pois tem palavras que não estão escritas formalmente... / Brincadeira.”;

Sujeito 9: “É informal. Porque Tiago está falando livremente. / Pode ser alguma brincadeira de mal gosto.”;

Sujeito 10: “Informal, porque é uma fala livre que fala com gíria. / zombarção, zoação...”.

Na questão vislumbrada acima, na pergunta (A), há a intenção de fazer com que os sujeitos educandos possam refletir e posicionarem-se pragmaticamente sobre o contexto das linguagens coloquial e culta, fornecendo a eles a possibilidade de analisar que os discursos quando pautados na coloquialidade tendem a tornarem-se mais espontâneos, devido encontrar-se mais próximo do imediatismo da vida cotidiana, pois, há certo desvencilhamento em relação a estrutura estática da língua geralmente aplicada na norma padrão, ofertando a língua maior expressividade discursiva pelo fato de conseguir imprimir marcas ideológicas mais próximas da realidade dos sujeitos diante de seus discursos.

Nessa mesma premissa, possibilita aos sujeitos refletirem acerca do uso da língua padrão, que em seu cerne, funciona como linguagem institucional do poder, seja ele, econômico, social, político, religioso etc. e que de certa forma, torna-se uma ferramenta também de exclusão social, porque impõe aos sujeitos a ideia de que “não usá-las em certos contextos implica censura, discriminação e bloqueio à ascensão social” (FARACO, 2001, p. 52).

Como observado nas respostas ofertadas pelos sujeitos educandos, apenas o sujeito (4) quatro não conseguiu identificar determinados contextos, pelo menos, é o que sua resposta nos remete. Já no que tange a pergunta (B), há espaço para que haja uma implementação do que fora discutido na pergunta (A), pois oferta-se a liberdade de colocar em uso essa mesma linguagem informal discutida anteriormente, sendo, portanto, perceptível notar que todos os sujeitos envolvidos nessa fase da prática de intervenção pedagógica conseguiram assimilar e atribuir sentidos contextualizados à frase apresentada, assim como, indicar outras palavras ou expressões mantendo uma base significativa contextualizada.

Desse modo, a análise da proposta de intervenção pedagógica se finaliza, demonstrando que os sujeitos educandos, embora, ainda apresentem certas dificuldades em relação ao trabalho norteado pela análise discursiva, encontram-se abertos a experimentar todos os benefícios gerados através dessa perspectiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos pressupostos discutidos ao longo da pesquisa, das observações e análises, podemos afirmar que ainda hoje, nas aulas de LP, se faz necessário, desenvolver nos sujeitos educandos, um trabalho que privilegie de modo mais produtivo o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo em relação à leitura. A fim de torná-los mais proficientes no que concerne a compreensão, apreensão e atribuição de variados significados aos discursos (textos) que lhes são apresentados em âmbito escolar, desenvolvendo assim, uma participação mais autônoma desses sujeitos no cenário contemporâneo.

Com esse novo olhar sobre a leitura de gêneros discursivos o sujeito poderá perceber as marcas ideológicas presentes nos mais diversos discursos e contextos e possibilitando-os não apenas a busca de significado, mas também, a atribuição de sentidos aos textos lidos, os mais variados possíveis. Nesse sentido, de que há modos diferentes de leitura de acordo com o contexto, que os sentidos que fazem parte do texto, passam pelo que contém ali nele, mas também, passam pela relação com outros textos anteriormente vistos, realizamos essa pesquisa, cujos resultados elencamos em seguida:

Pelas leituras, pela amostra da pesquisa e também pela experiência de educador, pode ser percebido que os professores de LP na escola pública, seguem, na maior parte das aulas, as metodologias de leitura propostas pelo LD. E estes, apesar dos avanços didáticos que empreenderam, nas últimas décadas, no que diz respeito às recomendações oficiais, ainda utilizam em suas aulas, textos sob a rotulação de “resultado final”, ou seja, possuidores de sentidos únicos, prontos e acabados, que devem ser apreendidos pelos sujeitos educandos, silenciando outros sentidos. Ele, desse modo, acaba desprestigiando a capacidade do aluno de atribuir amplos sentidos à leitura.

Devemos ressaltar que alguns textos e algumas propostas de leitura já contemplam a discursividade, no entanto, essas propostas, acabam sendo ofuscadas por outras que seguem em direções opostas – questões que enfatizam a tradicional busca de informações prontas, sentido único.

Se o professor, por sua vez não complementar as atividades do LD com propostas próprias, pode contribuir para a formação de alunos pouco reflexivos, participativos e autônomos. Nas aulas observadas, o (a) docente fazia suas

intervenções nas propostas, mas, de modo geral, seguia a tendência de trabalho do LD. Quando este favorecia a discursividade, através do tratamento dado ao texto proposto, ótimo, porém, isso nem sempre acontecia. Uma lacuna ficava em aberto.

Ainda sobre o LD, podemos afirmar que sua estrutura (a distribuição dos capítulos e as atividades previstas) desfavorece a ampliação do gosto pela leitura e também à ampliação dos sentidos. Em todos os capítulos, independente dos gêneros textuais previstos, as atividades seguiam o mesmo modelo: leitura, interpretação, análise linguística e produção textual, presente na maioria dos LDs distribuídos nas escolas, no país. Ou seja, prevalece uma leitura para fins didáticos mais do que uma leitura para desvendar o mundo, desvendar-se a si mesmo, enquanto sujeito de uma sociedade de classes.

Diante dessa necessidade de contribuir para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e partícipes dos rumos da sociedade aplicamos um conjunto de atividades que, complementarmente as propostas advindas dos LDs, utilizados pelos (as) docentes das escolas públicas.

A crônica, gênero escolhido, pareceu ser a opção adequada para essa finalidade, em virtude de sua aproximação com o contexto sócio histórico dos discentes. E realmente, houve uma boa aceitação por parte dos alunos. No entanto, trabalhar em uma perspectiva em que exige uma maior autonomia do professor e do aluno, não foi uma tarefa fácil. Primeiramente, para o professor, que sai das questões já prontas do LD e se vê na necessidade de pesquisar para propor alternativas diferenciadas para a formulação de questões, para preparação das discussões e para orientar os alunos.

Um outro fenômeno que tornou a pesquisa um tanto desafiadora foi compreender a proposta da AD e transformá-la em atividade didática. Esse fenômeno fez com que o trabalho se tornasse redobrado, talvez por isso, seja mais fácil para os sujeitos educadores seguir apenas ou principalmente o LD.

Quanto aos alunos (as) demonstraram dificuldades de lidar com atividades que exigiam mais reflexividade, haja vista, que estavam acostumados a reproduzir, mais do que pensar. Entretanto, estiveram dispostos a participar e, apesar das dificuldades, deram conta das suas atribuições na aula. Nem todos participaram com afinco, mas a participação discente contemplou, de modo geral, as expectativas da pesquisa.

Acreditamos que nossa contribuição pode trazer algumas reflexões sobre a possibilidade discursiva nas aulas de LP. Contudo, a questão necessita de maiores leituras e discussões, para que o professor amplie seu domínio sobre os usos discursivos e possa então, planejar suas aulas, realizar projetos que atendam as especificidades da análise do discurso: a articulação entre os sujeitos, a história e a ideologia, e assim, partir do sujeito que fala, que não está deslocado do mundo, que pertence a um tempo, um lugar, um espaço determinado e representa, portanto, uma determinada classe. Para que desse modo o aluno (a) perceba que no discurso estão presentes interesses, ideologia de um determinado grupo social.

E ainda, que o discurso, dessa forma, pode servir de tática para o controle social dos sujeitos, fazendo com que estes se acomodem, legitimem como verdadeiro aquilo que o discurso dominante repete para então assim, se criar uma massa de manobra, que tende a servir ao sistema sem questionar, agir ou problematizar as questões cotidianas. Talvez essa fosse realmente a grande contribuição desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALRO, Helle; SKOVSMOSE, Ole. **Diálogo e aprendizagem em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ALVES, Rosemeire; BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de Saber Português 8º ano**. São Paulo: FTD, 2012.

ALVES, Maria de Fátima. Leitura, compreensão de textos e formação docente. In: PEREIRA, Regina Celi M. (Org.). **Prática de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BARROS, Maria Emília de Rodat de Aguiar de Barreto. **A língua portuguesa na escola: percurso e perspectiva**. Revista Interdisciplinar. V. 6, n. 6, julho – dezembro, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina G. G. Pereira. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1985.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção de sentido. In: FIGARO, Roseli. (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC), 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC) / Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares**. / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC / SEF/SEESP, 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Decreto Nº 2.208, de 17 de abril de 1997. In: BRASIL/MEC. **Educação Profissional de nível técnico**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação e do Desporto – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – V. 2.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF). 2001.

BRITO, Daniele Santos. **A importância da leitura na formação social do indivíduo.** Periódico de Divulgação Científica da FALS Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X. Disponível em: <http://fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em: 15 jan. de 2016.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** 2ª edição, Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a Ler Ensinar a Compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CURSINO, José Fernando; PRADOS, Rosália Maria Netto. **Um estudo do gênero Crônica: Perspectivas Pedagógicas.** Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 06 n.12 - 1º Semestre de 2010 - ISSN 1807-519.

CURSINO, José Fernando. **Crônica na sala de aula: o estudo do gênero para a formação de um aluno reflexivo.** Disponível em: <https://linhamestra18.files.wordpress.com/2011/12/18-m5-cursino.pdf>. Acesso em: 20 jul. de 2016.

FARACO, C. A.; Tezza, C. **Prática de texto para estudantes universitários.** 8ª edição. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Elementos de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber.** 7ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ª edição. Coleção: Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Cortez, 1989.

FURLAM, Cássia Cristina; MEGID, Cristiane Maria. Língua e linguagem em movimento na sala de aula. In: BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Cláudia; LAGAZZI, Suzy. (Orgs.). **Práticas de Linguagem na Escola.** (Série – Discurso e Ensino). São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

GADOTTI, Moacir. (Org.) **Paulo Freire: Uma Biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GARCIA, Edson Gabriel. **Meninos & meninas: emoções, sentimentos e descobertas**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**. 4ª Edição, São Paulo: Ática, 2006.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª Edição, São Paulo: Atlas, 1999.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. In. Gregolin, Maria do Rosário. (2004). **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso** – diálogos e duelos – São Paulo: Claraluz. Rev. Anpoll, nº 19, p. 207-211, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/download/463/472>> Acesso em: 02 jul. 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, vol. 4, N.11, p. 11-25, Nov. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/6865/6201>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 1997.

HASHIGUTI, Simone T. Nas teias da leitura. In. BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Cláudia; LAGAZZI, Suzy. (Orgs.). **Práticas de Linguagem na Escola**. (Série – Discurso e Ensino). Campinas – SP: Mercado de Letras, 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades @. – Araruna/PB**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250100>>. Acesso em: 10 Jan. de 2016.

KATO, M. A. **O Aprendizado da leitura**. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas – SP: Pontes, 1989.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 1995.

_____. (1992). **Oficina de leitura: teoria & prática**. 10ª ed. – Campinas – SP: Pontes, 2004.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **O texto e a construção de sentido**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3ª Edição – São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Zilberman, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LIMA, Sandra Araújo. O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita. **Anais do V Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas. Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social.** Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Agosto 31 a 03 de setembro, 2010. Maceió, 2010. 1 CD-ROM; 4¾ pol.: il. ISSN 1981-3031.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos.** Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo: 2004.

LOHN, Joel I. **Conceitos e etapas em pesquisa.** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/joellohn/home/conceitos-e-etapas-em-pesquisa>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e Epistemologia.** Ijuí – RS: Editora Unijuí, 2007.

_____. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio: quando a integração perde seu potencial crítico. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **Disciplinas e integração curricular: história e políticas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUCENA, Humberto Fonseca de. **As Raízes do Ensino em Araruna.** João Pessoa / PB: Fundação Casa de José Américo, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do Discurso.** Trad. Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MELO, José Marques. Prefácio. In.: PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil.** 3ª ed. Revista e ampliada. Campina Grande – PB: Latus, 2014.

MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. **Sobre a Análise do Discurso.** Ourinhos – SP: Revista de Psicologia da UNESP, 2005.

MIRAS, M. O ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, C. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MOREIRA, Daniel Augusto. **Analfabetismo Funcional: o mal nosso de cada dia**. São Paulo: Pioneira, 2006.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. (Orgs.) **Introdução à linguística 2**. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Linguística I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2009.

NOVA ESCOLA. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Entrevista com Bernard Schneuwly. Editora Mercado de Letras, 2002. Disponível em: http://novaescola.org.br/template-busca.shtml?cx=013641630648223716833%3Aptv_gwbjonle&ie=UTF-8&q=Schneuwly&sa=>. Acesso em: 19 Ago. de 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In.: **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos**. 6ª/12ª Edições. Campinas – SP: Pontes Editores, 1996/2005/2015.

_____. **Discurso e Leitura**. (Coleção passando a limpo). 4ª edição. Campinas – SP: Cortez, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. 2ª edição. Campinas - SP: Pontes Editores, 2003.

_____. **Análise em Discurso – Sujeito, Sentido, Ideologia**. 2ª Edição. Campinas – SP: Pontes Editores, 2012.

OLIVEIRA, Ângela Araújo de; BORTOLETTO, Lucélia Aparecida; KINJO, Marina M. N; et'al. **Leitura na escola: Espaço para gostar de ler**. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7494522-Leitura-na-escola-espaco-para-gostar-de-ler.html>> Acesso em: 26 jan. de 2016.

PÊCHEUX, Michel. [1975 / 1988] **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução. Eni P. Orlandi; e outros. 2ª edição, Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Eni Puccinelli. Orlandi – 3ª Edição – Campinas – SP: UNICAMP, 1997. p. 61-161.

_____. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *Revue Languages*. 24, 1971. In.: **Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 1ª edição, São Carlos – SP: Pedro & João editores, 2007.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**; tradução: Eni Puccinelli Orlandi – 5ª Edição, Campinas – SP: Pontes Editores, 2008.

_____. **Análise do discurso**. Textos escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi – 4ª edição. Campinas – SP: Pontes Editores, 2014.

PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Prática de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. (Coleção Todas as Letras; 9).

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil: Ensaio sobre crônica no jornalismo impresso**. Salvador: Calandra, 2004.

_____. **Crônica: a arte do útil e do fútil**. 3ª ed. Revista e ampliada. Campina Grande – PB: Latus, 2014.

QUEIRÓZ, Sandra Regina de Bitencourt. **O papel do professor para orquestrar mediações como espaços de leitura crítica**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Janete Lins; et'al. **Conhecendo Araruna**. João Pessoa: GRAFSET, 2001.

SALES, Laurênia Souto. O leitor, a leitura: um caminho para a história do ensino da leitura. In: PEREIRA, Regina Celi M. (Org.). **Prática de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

SANTOS, Ancelmo Castro dos; MENEZES, Uilde de Santana; SOUZA, Vânia Batista de. **Análise do Discurso: Para entender os processos de leitura e escrita**. Itabaiana – SE: Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura (III ENILL), Vol. 3, 2012.

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escolar**. (Trad. E organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro). Campinas – SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Erivânia Machado da. **As atividades escolares e sua relação com as competências de leitura e escrita no 5º ano do ensino fundamental de uma escola do nordeste brasileiro**. Lisboa – Portugal: Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2ª edição – São Paulo: Editora Ática, 2002.

SIMAS, Thaynan Leal. **Análise do Discurso no Ensino de Língua Portuguesa**. Recife: Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), 2012.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling – 6ª Edição – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Maria Ester Vieira. **Leitura de professores e alunos: entre o prazer e a obrigação**. Trabalho apresentado no Encontro Internacional – Texto e cultura, Fortaleza: UFC, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, M. S. e ALVIM, M. T. F. **Metodologia e prática de ensino da Língua Portuguesa**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14ª Edição. São Paulo: Cortez, 2005.

VOESE, Ingo. **Análise do Discurso e o ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

WIKIWAND. Localização de Araruna (Paraíba). Disponível em: <[http://www.wikiwand.com/pt/Araruna \(Para%C3%ADba\)](http://www.wikiwand.com/pt/Araruna_(Para%C3%ADba))>. Acesso em: 15 Jan. de 2016.

APÊNDICES

1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8º "H"

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona Iara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

Porque ele estava muito irritado.

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.

Pronome de tratamento, porque é uma forma de respeito os mais velhos.

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.

Não, porque esse título poderia estar identificando outro assunto.

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?

Sim, eu aprendi mais sobre a adolescência.

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto?

Para que nós adolescentes não fiquemos com vergonha do nosso corpo.

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

"– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!..."

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

(X) Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Ele quis dizer que iara da mais atenção a adriana do que a ele mesmo.*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Porque a menina é mais virada do que o menino.*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Para Tiago não ficar com ciúmes da irmã dele.*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona lara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare de com isso de uma vez! *Porque ele não queria que sua mãe estora-se a sua espinha*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida uma enorme primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

hipérbole: vermelha, exibida e enorme.

Prosopopeia: na ponta de seu nariz, primeira espinha e enfeitar-lhe.

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

linha casa é enorme.

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Porque há muito tempo atrás os pais só deram liberdade para os homens e não para as mulheres.*

9) Em determinada parte do texto, Dona lara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase?

ela quis dizer que tudo que Deus faz ninguém pode resolver.

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Sim, porque só Deus para resolver algumas coisas.

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?

A pessoa pode entrar em depressão e até morrer por causa da discriminação.

b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?

Por Tiago entender que espinha não é um problema que só afeta ele.

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

Não, porque nós somos todos iguais.

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? *Porque ela como mãe não é para dar uma resposta dessa, pois ela tá ensinando a ele a mentir.*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?

As mulheres antigamente e até hoje são tratadas como mercadorias.

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

Porque pode levar a destruição da vida de uma pessoa por causa de uma competição.

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.

Porque é uma falta de respeito chamar sua própria mãe de louca.

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *Informal, porque utiliza gíria, exemplo gozação.*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

Zombando.

Letra D. Porque ele proprio tem preconceitos e acredita que Daniela também

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

"Dia de São João"

O São João para o meu avô era uma data mágica, mas não só o São João, o Santo Antônio e o São Pedro também, eram seus dias de festa, fogueira na véspera e no dia de cada santo. A madeira era espletada no quintal do meu avô.

A festa junina era sinônimo de fogueira, jogos, diversão e de ficar acordado até tarde. Os jogos eram comprados e divididos para cada dia, haviam os "peidos de vício", as colorinhas, os chuveirinhos e os apitos gaiatos. Estes eram vendidos pelo meu irmão, os vulcões (quem era vendido pelo coronel meu avô), que era para a rua ficar bem animada.

Naquela rua os vizinhos mentavam os "Arroaiás", as ruas ficavam espumagando com cheiro de São João. Nós íamos para a casa do vizinho para assar o milho no fogueira e ficar conversando e comendo comidas típicas como, a canjica, a pamonha e o pé de moleque.

No dia seguinte meu avô acordava mais cedo para ver se da fogueira ainda tinha brasa, que era para assar o resto do milho.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8^o A^r

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

- 1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona Iara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.
 - a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.
Não, porque ele estava bravo com a sua mãe, porque ele tinha pedido ajuda e ela não ajudou, ele, como ele queria
 - b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. *Pronome de tratamento, porque Tiago estava bravo e queria demonstrar respeito a sua mãe.*
- 2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.
Não, porque pode estar se referindo a outra coisa além da espinha
- 3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?
A crônica, pois faz refletir sobre as mudanças que acontecem no nosso corpo
- 4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? *Conscientizar as adolescentes que as espinhas fazem parte da adolescência*
- 5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.
"– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...".
 - a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.
 - () A médica foi precisa na realização da cirurgia.
 - () Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.
 - () Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, "Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!", Quais sentidos

você atribui a essa postura do menino? *Ele quis dizer que a sua mãe
se preocupa mais com a necessidade dele por que ela precisa
de mais atenção do que os meninos*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Porque os meninos
têm mais liberdade social do que as meninas*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Que ela também o amava e
gostava dele...*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

— Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já.

Venha cá e pare ~~de~~ com isso de uma vez! *Ela quis dizer que ele
refletisse sobre a espinha*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um volcãozinho colorido.

*Hipérbole: enorme
Prosopopeia: Vólcãozinho colorido, exibida*

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

O meu cabelo é enorme.

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Por que nossa sociedade
é muito machista e por que a nossa sociedade
diminui as mulheres*

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, "— Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve", demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase?

*Porque Deus é quem fez as mudanças na nossa vida
e que nada e ninguém pode mudar porque foi Deus quem fez isso.*

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

sim. Porque Deus é quem nos fez e fez tudo que existe

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

- a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?
O racismo, xingamentos, preconceito e depressão
- b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?
- 11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.
 (a) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.
 (b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.
 (c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.
- 12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.
- a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?
Porque ela estava querendo explicar que a espinha faz parte da nossa vida e que não é só Tiago que tem espinha
- b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.
Não, porque somos todos iguais e ninguém é melhor do que ninguém.
- 13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer". Como você analisa essa postura de Dona Iara?
Não, porque ela está ensinando ela mentir e fugir das consequências da vida.
- 14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?
isso ocorre porque as mulheres são tratadas como produto de compra e venda.
- 15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.
isso ocorre porque pode machucar o sentimento das pessoas e as prejudicar.
- 16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.
Ele está errado porque está xingando e desrespeitando sua
- 17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"
- a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta.
informal porque no lugar de colocar estou ele falou tô
- b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?
zoação e brincadeira

30) ultra (v) Por que se a menina Iara se em Daniela não rir dele?

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

Dois irmãos em apuros

Paulo e Antun viajavam para a floresta logo ao descer do carro paulo ouviu um barulho mais teve vergonha de perguntar a Antun, ele também ouviu mas não falou nada, depois de tirarem suas coisas do carro entraram na floresta Antun perguntou a paulo:

- Aqui é um ótimo lugar para acampar não acha?

Paulo respondeu: É sim. logo após disso Antun foi procurar lenha e paulo foi procurar os fósforos Antun escutou um barulho mais quando chegou não falou nada, Paulo escutou mais não falou nada a noite Paulo e Antun começaram e foram se deitar os dois escutaram o barulho e saíram para demonstra sua coragem e no final de tudo era apenas dois ratos nos seus mochilas, quando chegaram em casa todos riram da sua falta de coragem dos garotos.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8^o (A)

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona Iara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

Porque ele estava muito irritado por isso que ele chamou sua mãe de dona Iara

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. Pronome de tratamento. Com o fato de tratar a mãe dele, é uma forma de respeito e educado de ser criança.

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta. Não porque o título é "Na ponta do nariz" e não fala o que tem no nariz.

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais? Sim. Porque o texto nos ensina a refletir sobre as coisas na adolescência.

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? História que é normal na adolescência ter essas mudanças no corpo.

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

"– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!..."

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

- b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Ele sentiu ciúmes por a mãe se preocupar mais com a aparência da irmã dele.*
- c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Porque a sociedade é machista e geralmente os meninos são mais independentes.*
- d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Sinal de respeito, e mostra que ela também se preocupa com ele.*
- 6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona lara no trecho abaixo.
 – Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez! *A intenção era fazer ele parar de preocupar e resolver de uma vez esse problema.*
- 7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.
- a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.
 'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.
 hipérbole: enorme, ~~feito~~ um vulcãozinho colorido
 Prosopopeia: exibida
- b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.
Ai amiga não me dá o coroa.
- 8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Porque tem tricô e esportes que as pessoas pensam que só os homens podem fazer seu praticado, e quando uma mulher vai fazer seu prática sem os outros atos a sociedade critica.*
- 9) Em determinada parte do texto, Dona lara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.
- a) Quais significados você atribui a essa frase? *Ela quis dizer que tudo que Deus planeja faz a natureza e nada nesse mundo pode mudar.*
- b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.
Sim, porque no Deus pode mudar seu opinião os seres e que nada nesse mundo pode ser mudado sem a vontade dele.
- 10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

- a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação? *Muitos segos os pessoas não sabem pensar, começa sem nome por causa que algumas pessoas não aceitam suas opiniões e os seus pensamentos e os segos não conseguem pensar.*
- b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai ir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

- a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?

Porque ela quis dizer que eles que são mais importantes autoridades tem seu pai tiraram espinhas por isso ela se tem também.

- b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta. *Não. Porque nada*

ela quer ela se inferioriza a eles, não porque eles são autoridades.

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? *Ela tinha que ajudar ele a enfrentar o problema e não fazer ele se esconder.*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno? *Porque os pensamentos dos homens são mais além, eles tem muito mais desejos que as mulheres.*

elas não podem ter um companheiro, um gostinho bonito que foi ficando longe de casa tal.

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa. *Porque termo pode prejudicar muito a sociedade, porque as pessoas são presas a um padrão de competitividade de ser melhor que o outro e conseguir aquilo que outro que não consegue.*

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe. *isso foi uma falta de respeito. Ele tinha que respeitá mais a mãe dele.*

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *Informal, porque ele está falando com gozuras*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação? *Gozação pode significar brincadeira ou bagunça.*

10-b)

Porque na história dele Daniela é toda perfeitinha não tem nenhuma defeito e ele acha que ela não tem defeito só porque ele tá com uma espinha e por ele a espinha é um defeito.

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

"O maior riso"

Eu e minha amiga estávamos passeando pela rua quando de repente eu vi um acidente, alguém tinha sido atropelado, então pensamos, vamos ser mais de perto!

Aí minha amiga me falou: "Tem muitas gente lá!"

Então eu respondi: "gente fala que é parente da vítima!"

Os outros estavam lá também, deixem nós passarmos, vamos parentes da vítima! Somos parentes da vítima!

Quando chegamos lá perto, vimos que a vítima que tinha sido atropelada, era apenas um menino que tinha sido atropelado por um carro, aí minha amiga olha pra mim e começa a rir e fala amiga tem certeza que ele é nosso parente? E todo mundo começa a rir, eu pego na mão da minha amiga e não parando ela passando pelo meio de todo mundo com a maior zanyenba, mais danada zanyenba gangethadas!

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Aluno: _____ Turma: 8^a A

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona lara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

porque ele falou muito rápido e também Tiago ficou ansioso

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.

pronome de tratamento Tiago fala assim porque é um modo de respeito aos mais velhos

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.

na ponta do nariz porque fala sobre uma espinha na ponta do nariz em Tiago

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?

sim por que fala sobre adolescência

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto?

era uma crônica sobre um menino que estava na fase adolescente

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

() Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *por que dona lara não sabe o que ela pode ver os pontos íntimos de Adriana*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *por que os meninos sabe mais seus excessos sobre o mundo*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *para Tiago não ficar com ciúme e que ela gosta dele também*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona lara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já, Venha cá e pare de com isso de uma vez! *ela queria estora a espinha dele*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

*hipérbole = vermelha, enorme, enfeitar-lhe
prosopopeia = vulcãozinho, colorido*

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

estava maravilhoso de fome

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *por que pode machucar as mulheres e os homens*

9) Em determinada parte do texto, Dona lara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase? *sim porque ele é muito grande*

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta. *sim por que tem coisas na vida que os humanos não sabem fazer*

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?

A pessoa, pode entrar em depressão e em a desvalorização

b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

(X) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles? porque ela quis se inferiorizar para não sofrer com o problema de espinha

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

não porque ninguém é melhor que ninguém

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? não porque está enganando Tiago mentir

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?

para quem tem um mulherismo um padrão, mas de preferência com mulher um homem que um homem

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

isso porque pode machucar os sentimentos dos jogadores e jogar-lhes sempre

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.

por que tem que respeitar a sua mãe

17) Observe o trecho e responda as questões: "- Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... - Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. informal

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

poderia mudar para gozadas

18) pode ser uma humilhação não só de Tiago por não ser

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

Um velho segredo

O João foi embora para há mais de cinco anos numa cidade do estado da Paraíba e pela primeira vez ele havia recebido a oportunidade de ficar em casa por conta do indulto de graça assim que os inimigos saiu da cidade ele resolveu virar para uma pequena cidade do interior. Ali, não resistindo ao encanto, na primeira oportunidade que ele recebeu de um ser começou a gritar e pedir socorro, logo apareceu um policial para ajudá-lo imediatamente, e o policial saiu em perseguição dos rapazes depois de comer pão de mel por mais que João o policial ficou muito impressionado com a atitude daquela cidade e quando ele estava em reflexões de felicidade, estava fugindo do policial assim que ele entrou numa rua ele viu um muro grande pensando ser a casa de uma empresa ou outra propriedade quando ele rapidamente correu e se manteve para o outro lado do policial ao ver aquilo parou de correr imediatamente meio atônito e bastante surpreso com a atitude de João, o policial ainda não acreditando que estava acontecendo pois ali se perto daquela propriedade onde os marginais havia pulado para ver o que é que estava acontecendo, ao tentar sair chegou a primeira coisa que o policial viu foi que o muro já havia sido completamente vendido por policial.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Aluno: Y _____ Turma: 8ª ano A

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona lara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo. *Porém no ponto de vista do linguista português a presente um significado e no dito popular outro sentido.*

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. *Prônimo de tratamento. Porém é um modo dele conversar com a mãe dele.*

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta. *Não, pois a frase "no ponto do nariz" pode levar a varias significados.*

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais? *Sim, sobre que todos os pessoas vivem ou com ter espinhas.*

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? *Ajudar a compreender que as espinhas são totalmente natural do corpo humano.*

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

"– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!..."

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

(X) Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Porque ele tem medo de adolecer e abandonar um na mercado Deus do esto na adolescência.*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Porque elas tendem a começar a abandonar mamaradas nessa fase.*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Lembranças que sente o mesmo afeto pelos dois.*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez!

Ela queria que Tiago ficasse calmo e parasse de abusar. E talvez que o espírito não o via estado em mãos.

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a/enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

Hipérbole: Bem na ponta de seu nariz, enorme.

Prosopopeia: Exibida.

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

Estou matando de dor de cabeça, caso esta cor...

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres.

Ex: Mulheres trabalhando de pedreira, taxista, Piloto, caminhoneiro, etc.

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase? *Ela quer dizer que ele não se preocupa com pais e no uma fase da vida.*

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Sim, porque o que Deus fez ninguém pode mudar.

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação? *são os Pobres se sentem excluídos e isolados da sociedade.*

b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles? *Por que ela se acha inferior a eles por que eles tem poder na sociedade.*

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta. *Não, pois todos eles são iguais e são humanos.*

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? *Ela está elada, pois ela está ensinando a Tiago a mentir.*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?

as mulheres são utilizadas como um bledão da sociedade.

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa. *Por que pode afetar o sistema emocional do Pedro.*

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe. *ele está errado, pois ele está desrespeitando a sua mãe.*

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!"

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *A linguagem informal, pois as frases não estão no padrão da língua Portuguesa.*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

Balgançando.

Por que Pedro na mente dele, ele tinha necessidade.

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

o azar da curiosidade.

Pedro foi para o sítio de seus avós passar as férias.

- Vou ir me divertir com os garotos!
- Pode ir mas não vá correr dentro do terreno.
- Tá bom avô! Mas vamos brincar? Os meninos lá estão aí para nos irmos.
- Não porque estou lendo...
- Boa, cara!
- Vamos mais e de escondido-esconde.
- Certo

Em quanto eles só escondia Pedro viu que lá seus avós tinham porcos. Pedro em sua curiosidade foi tentar pegar um dos porcos. Ele correndo em volta do chiqueiro não um buraco onde se colocava a tábua dos porcos e Pedro atalou seu pé na lama.

- Meu azar, os meus pés estão cheios de lama. e perdi minhas sandálias.
- Deu aqui Pedro, se tu és muito azarado, cair na lama dos porcos! Doido.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8. A

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

- 1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona lara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.
 - a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.
Por que Tiago estava irritado com a espinha no seu nariz e chamou sua mãe de Dona lara
 - b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. *Pronome de tratamento e uma forma de resposta as mãis velho*
- 2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado, nela? Justifique sua resposta. *Por que o título da crônica não esclarece o que aconteceu com Tiago*
- 3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais? *Retrata a vida de Tiago que vive a Pré adolescência*
- 4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? *Para um sinal as jovens que todo mundo passa pela Pré adolescência*
- 5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.
 “– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”
 a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.
 A médica foi precisa na realização da cirurgia.
 Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.
 Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, "Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!", Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Ele quis dizer que a mãe tem mais inclinação com a irmã do que ele*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Por que as meninas tendem a desenvolver as mudanças do corpo mais tarde que as meninas*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Para que Tiago não fique com ciúmes de sua irmã e para ele ficar mais calmo*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já.

Venha cá e pare de com isso de uma vez! *ela queria que ele refletisse sobre o seu problema com a espinha*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.'

*hipérbole: redonda e exibida, enorme e primeira espinha
prosopopeia: enfeitar-lhe a extremidade, feito um vulcãozinho*

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

chorou rios de lágrimas

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres.

Por que a sociedade é machista e os homens querem se melhorar que as mulheres

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase?

Por que Deus fez a gente do jeito que é mais assim

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Sim por que Deus fez a gente do jeito que é a gente e

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

b) Porque ele acha que com a espinha ela vai achar ele feio

- a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação *às vezes as pessoas tem preconceito com a aparência do outros e às vezes as pessoas podem se mata com esse preconceito com a aparência*
- b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

~~(a)~~ Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?

Para que Tiago possa entender que ter espinha é normal para todo mundo

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

Sim porque todo mundo tem espinha até as pessoas de classe alta tem espinha

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Lara? *ela como mãe não deve mentir porque ela está ensinando o seu filho a mentir*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno? *Porque a sociedade é machista e as homens querem se dar as vidas das mulheres como fase micadônica que podem de vidas.*

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa. *vivemos em uma sociedade machista e competitiva e isso pode levar a destruição na vida de alguém.*

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe. *Porque é uma falta de respeito com sua mãe*

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *informal porque ele está falando com gírias*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

como brincadeiras de mal gosto

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

Eu vejo da minha janela

Eu acordo e abro meus olhos e levanto da cama deitar com muita preguiça e vejo quem está de manhã, ouço um som das passaras cantando, eu abro a janela. Bem perto do telhado vejo dois casais de passaras cantando alegremente, fazendo o seu ninho com alguns galhos e penas construindo o ninho, então olho para o outro lado e vejo as árvores e vejo a luz do sol passando entre as folhas das árvores fazendo uma pequena cor amarelada entre as folhas. E o vento soprando lentamente como estivesse sussurrando alguma coisa para as árvores. Vejo de longe um pequeno beija-flor com suas penas coloridas canto de verde e amarelo enfeitando o jardim perto de várias flores cada flor com seu aroma e suas cores diferentes com a cor de amarelo laranja e vermelha enfeitando os jardins com sua beleza e seus aromas. Olho para o alto vejo o nascer do sol, várias raias de sol passando entre as nuvens fazendo o céu ficar mais lindo e deixando o meu dia colorido e alegre.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8ª A

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona Iara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

Por que Tiago estava muito, muito irritado por isso chamou sua mãe de dona Iara.

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.

Pronome de tratamento, feita de brincadeira a palavra dona antes de nome dela, pois é uma forma de respeito com a mãe.

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.

Não, pois imagina-se muitas coisas ao ler o título.

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?

Sim, me fez refletir que na vida passa-se por muitas situações que às vezes achamos que não tem jeito, mas sempre tem um jeito de resolver.

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto?

Não sei, mas acho que não deveria ter vergonha de ter uma espinha, pois não é defeito nem doença, é que denotaria mais aceitação do jeito que estamos ou somos.

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

- b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Ele quis dizer que a mãe dele tem até as coisas mais íntimas, em fôlego, mais nele mas não tem nem as coisas mais importantes. Tiago quer saber o que ela sabe.*
- c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Nessa fase da vida, tem mais cautela com as meninas, por que no século atual as meninas estão em maior risco de ma adolecência e deixando as estudos de lado.*
- d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Um significado de carinho e de respeito para ela e a mãe dele e o ama.*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

- Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez! *Tiago não queria que a mãe dele se preocupasse com ele sócia. Tiago não queria que a mãe dele se preocupasse com ele sócia. Tiago não queria que a mãe dele se preocupasse com ele sócia.*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

hipérbole: bem vermelha, redonda, enorme, extremidade
prosopopeia: vulcãozinho colorido, exibida

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

Fiz umas dez horas que essa menina penteia esse cabelo.

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças, envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Meu pai quando sai de casa para ir pra um lugar com as amigas dele, não é quando ele sai, mas quando a mulher sai com as amigas dele. E quando ele sai, é quando a mulher sai com as amigas dele.*

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, '- Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase? *Ele quis dizer que a espinha que nasceu em seu filho é uma coisa natural da natureza e não queim. Peide do pai dele, e uma coisa que o tempo não desfaz.*

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta. *Sim, por que tem coisas na vida que não pode ser resolvido. Mas Deus, não é coisa do dele que não pode ser resolvido.*

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação? *Muita fofoca na cidade, ela é uma pessoa com discriminação social, se querendo das pessoas, e quando se a pisa no mundo, e a pessoa começa a entrar em depressão.*

b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

(a) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

~~(c)~~ E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles?

Por que eles são importantes na sociedade.

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

Não concordo, pois o fato dela se inferiorizar não diminui nem a importância dela, nem a importância de quem ela se inferioriza.

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? *A postura dela é errada, pois ela está enganando seu filho fugir das suas obrigações que ela quer um beijo dele com Daniela e fazendo ele falar que mentiu e resolve tudo mais se piora.*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a

menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno? *Por que na sociedade sempre gostamos de coisas melhores, as mulheres são mais bonitas e mais fofas e mais legais e mais legais.*

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser

perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa. *Por que uma pessoa muito competitiva acaba fazendo coisas erradas, se derdem e também prejudicando a outra, aí fica uma rivalidade entre um e outro e assim acaba fazendo uma sociedade injusta.*

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe. *Esta errada essa postura pois ela pode falar as coisas mais absurdas, mais mesmo assim diz sempre coisas bonitas que sai da mente dela, temia que sempre respeitava a mãe e o irmão.*

17) Observe o trecho e responda as questões: " - Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... - Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *Informal, pois usa a palavra gozação que não é formal e quando ele diz "eu tô sofrendo" esta má linguagem é informal.*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação? *Só como gozação.*

10) *Verão*. Por que Tiago acredita que é uma pessoa de rir de alguém, então Daniela vai rir dele.

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

Um aniversário a fantasia

Em uma tarde eu estava deitada na cama assistindo um filme de comédia, quando eu escutei campainha tocar e me levantei da cama, abri a porta, cheguei no portão e olhei, era Deliana, uma garota a qual não me conheço bem, ela estava me convidando para o aniversário dela, a fantasia. Fiquei surpresa!

Chegado o dia da festa, eu estava muito ansiosa, fui me arrumar, minha fantasia era de marimbeira, saindo de casa me bateu uma vontade de sair fantasiada, chegando na festa vejo todas fantasiadas e eu me meioduquei, parecia até que o circo tinha chegado e eu estava tudo muito lindo e ao mesmo tempo empuxo, lindo porque as cores da festa eram de urado e branco, a decoração estava brilhante, tinha uma pista de dança grande cheia de luzes es-laridas, empuxo porque não estava recalcando ninguém e tinha fantasias de todas as tipos. Em seguida fui até o aniversário entregar presentes, sentei na mesa com meus amigos e lá ficamos conversando até a metade da festa e de repente algo aconteceu. Um apagão que deixou todos assustados, quando a luz voltou percebi que toda comida tinha acabado, estavam todos meados de chantili.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Aluno: _____ Turma: B-1

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona lara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

Ele chama sua mãe de dona lara pelo ato de estar chateado.

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. *Pronome de tratamento. Uma forma educada de tratar as pessoas.*

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta. *Não. Por que pode estar falando de qualquer ato acontecido.*

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais? *Sim. Por que apresenta reflexões pelo ato de estarmos crescendo e nos tornando adolescentes.*

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? *Comunicar os adolescentes que as crianças no norte fazem parte do desenvolvimento corporal, estarmos crescendo e ainda vamos enfrentar mais surpresas pela frente.*

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

() Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

(X) Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!'. Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Que sua mãe, não está preocupada em resolver os problemas de Tiago, só o de sua irmã Adriana.*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *Pelo ato das meninas estarem crescendo, presenciando coisas novas e melar pode haver graves consequências.*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *Ela quis mostrar-lhe que se preocupa com ele também, mas por sua irmã está crescendo, tornando-se adolescente, precisa mais de seus conselhos.*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez! *Ela quis mostrar-lhe que tinha outra solução para o problema de Tiago mas ela podia não querer falar não sair machucada.*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

Hipérbole: Bem vermelha, redonda, enorme.

Prosopopeia: Vulcãozinho colorido, exibida.

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

Ela tem uma unha enorme.

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Traição. Se a mulher trai ela não vale nada. Se o homem trai ele é o garanhão que fazgo todos isso faz com que vivamos em uma sociedade machista.*

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase?

Que nem todo problema que Tiago falasse a ela, poderia ser resolvido.

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Sim, por que os vários temas que acitar as coisas do jeito que elas são.

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

- a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação? *Devido a sociedade ser machista e não aceitar a presença do filho que ela é, pode causar desamparo diferenciado de tratamento entre filhos e filhas, onde pode levar ao machismo.*
 b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

(~~X~~) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(b) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles? *Por que ela quer passar a visão para Tiago que por eles terem de outra sociedade também enfrentaram o mesmo problema de Tiago.*

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta.

Não. Por que eles não são melhores que ela.

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer".

Como você analisa essa postura de Dona Iara? *Errada. Por que pode estar influenciando Tiago a mentir e fugir de seus problemas.*

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno?

Que as mulheres são vistas como merecedoras para os homens por serem mais colicadas.

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

Uma pessoa, muito competitiva pode acabar fazendo coisas erradas para se dar bem e acabar fazendo com que outras pessoas se prejudiquem.

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe.

Errada. Por que ele pode estar desrespeitando sua própria mãe.

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. *Informal. Pois tem palavras que não estão escritas formalmente, por que no lugar dele colocou está ou colocou tô.*

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação?

Brineadeira.

Por que ela acredita que tem a coragem de rir de alguém por isso que ela tá de Daniela tá tá.

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

O São João de Zé e Maria.

Finalmente chega o dia em que todos esperavam com ansiedade o São João, fogueiras por toda parte, a galera festejando, o criameço do Avimeando, o público animado e lá no meio do povo estava o casal mais desajustado que alguém já teria visto. Zé e Maria o casal mais atrapalhado, mas acima de tudo que se amavam e eram felizes. Maria gosta de animais e plantações, também gosta de conflitos com seus vizinhos, tia e Luíza com Zé, seu marido, toda vez que ele chegava bêbado em casa. Zé também gostava de animais e plantações até que eles juntos chegaram a fazer um lugarzinho com um coqueado que tem de tudo um pouco. Um cantinho dos animais, eles nunca tiveram filhos, mas consideravam os animais como seus filhos, tanto que davam nomes a eles, a vacinha chamava-se Mel o boi, Zé e os três cachorros com o mesmo nome capivarita, os dois cachorros, Kiko e Kem. Eram felizes por serem desmanteleiros. Em pleno dia de São João, Zé chegou bêbado em casa com um mal-cheiro horrível perto de sua esposa, que estava agitando as coisas para a grande noite de São João. Maria que já estava irritada fala com o tom de brava: Já foi beber de novo no Zé? Mas não tem vergonha mesmo, já viu safofo com a cara raivosa, vai te embora tomar um banho vai de perto de mim com esse cheiro.

Zé falar: Mim respeito muito, eu não bebi no tomei uma dose de caetapa e eu tô cheiroso, é coisa da

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8^a

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona lara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo. *Porque Tiago estava muito chateado com a avózinha que tinha morrido no nariz dele foi por isso que ele chamou sua mãe de Dona e não de mãe.*

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta. *Forma de tratamento. Porque no texto ele estava um pouco chateado de não chamar de mãe e sim de dona e uma forma de respeito.*

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta. *Não. Porque não sabemos o que acontece com Tiago e não sabemos o que acontece no texto.*

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais? *Sim. Porque indica que ele está na fase da adolescência e começa a mudança no corpo da gente.*

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? *Ele trata de um problema ocorrido com muitas pessoas.*

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

- () A médica foi precisa na realização da cirurgia.
(X) Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.
() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino? *Ele quis dizer que o que mãe é pra um menino ela sabe e o que é pra um menino ela não sabe.*

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência? *É porque as meninas é diferente das meninos quando as meninas vai para a vida da adolescência a mãe começa a ficar no pé das meninas pra elas não se enfiarem.*

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes? *É um significado de amor.*

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Iara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já.

Venha cá e pare com isso de uma vez! *É porque ela quer mostrar a superioridade dela resolveu o problema de Tiago mais se não que não tem medo de machucar e dos.*

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.

Hipérbole: ponta, redonda, espinha.

Prosopopeia: bem vermelha, um vulcãozinho colorido, exibida.

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole *Ela é cheia de problemas.*

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres. *Eu chamei um pedreiro e a minha mãe não quis e eu fiz e quando eu voltei lá uma mesa não tem que tá com uma pedreiro e o resto.*

9) Em determinada parte do texto, Dona Iara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase? *Ela queria mostrar o problema de Tiago mais não adiantou fazer que ele não quis ajuda de sua própria mãe.*

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta. *Sim. Deus tem um mundo de resolver os problemas sozinho.*

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

9

a) Quais pontos negativos são gerados através da discriminação?

Preconceito, discriminação, racismo.

b) Por que será que Tiago acredita que Daniela vai rir dele?

11) A gradação é uma figura de linguagem em que há a utilização de uma sequência de palavras de maneira gradativa dentro de uma mesma ideia, ou seja, há uma ampliação ou diminuição na intensidade do contexto. Assim, aponte em qual das frases do texto é utilizada esse recurso linguístico.

(a) Já aconteceu [...] com o padre, com o prefeito, com o presidente.

(X) tomou o rosto dele entre suas mãos e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

(c) E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

12) A mãe tentando acalmar Tiago, diz que espinha é um problema que afeta a todos, porém, deu como exemplo o padre, o prefeito e o presidente, demonstrando assim, certa inferioridade dela e de seu filho em relação ao padre quanto exemplo da entidade do poder religioso e os outros dois quanto entidades do poder político/econômico.

a) Porque será que ela se inferioriza em relação a eles? Ela quer dizer que espinha não é um problema porque manei com todo mundo foi ferido que ela referiu ao padre, prefeito e presidente.

b) Você concorda com esse posicionamento dela? Explique sua resposta. Não concordo porque o padre, prefeito e presidente não tem nada a ver com o problema de Tiago.

13) Em certo trecho da crônica a mãe diz: "...eu invento uma desculpa qualquer". Como você analisa essa postura de Dona Lara? Sim. Porque sua mãe está enganando Tiago a respeito.

14) Na sociedade atual, geralmente as mulheres são alvos de cobiça mais do que os homens, fato destacado no trecho da crônica em que Tiago alega que Daniela é a menina mais cobiçada da turma. Qual sua visão a respeito desse fenômeno? É porque nós vivemos em uma sociedade mais machista que tem muito preconceito.

15) A crônica traz certa demonstração de competitividade dos meninos em relação a Daniela, fenômeno visto também em toda sociedade. Aponte por que isso pode ser perigoso para o desenvolvimento de uma sociedade justa. Porque a sociedade é muito competitiva isso pode prejudicar as meninas.

16) Em dois trechos da crônica Tiago questiona se a mãe está louca, analise essa postura do menino em relação a sua mãe. Porque Tiago diz ser mais perfeito com sua mãe.

17) Observe o trecho e responda as questões: "– Que tal pegar um lençol e fazer dois furos... – Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

a) Que tipo de linguagem é empregada nesse trecho, formal ou informal? Justifique sua resposta. É informal. Porque Tiago está falando simplesmente.

b) No mesmo contexto, que outra expressão poderia substituir o termo gozação? Pode ser alguma expressão de mal gosto.

10- Tiago é muito preconceituoso não porque manei uma espinha. B

Produção textual – Seguindo as análises discursivas e as atividades realizadas em relação ao gênero textual estudado, escolha uma situação do cotidiano e produza uma crônica.

O Delgado

La Tava eu brincando com a minha prima quando meu tio chegou e falou assim pra mim: - Você que im faz o pão João lá em casa? - Eu falei: - Quer, eu vou gostar muito. Quando estava na fogueira tinha um homem delgado ele não viu a fogueira e acabou caindo dentro do fogo queimou a roupa toda mais enojado foi quando a mulher tinha com um pedaço de madeira e bateu nele depois ela disse: - Sai daí esta malado, o delgado diz me ajude com favor, não vou te ajuda, eu vou é te mata, disse a mulher, mim-lanquei disse o delgado, depois o delgado foi para o hospital todo ferido da macha que tinha levado de Madalena. Além do delgado ter queimado a roupa toda ele ainda levou uma finta também com o feito que ele tinha era de enxada mesmo mais também foi enojado eu li tanto que acabei ficando com uma dor na cabeça pra esportiva mais tinha um menino tomando banho não viu a pedra tropeçou e bateu a cabeça no chão e ainda com uma queimou um dente ele ficou com vergonha que não quis falar com filho da casa do meu tio foi o João mais enojado que eu já vim com toda minha vida juntos a macha que o delgado tinha levado com a queda do menino.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Aluno: _____ Turma: 8º 'B'

Análise Linguística Discursiva do texto na ponta do nariz

1) Em uma das situações do texto o menino chama sua mãe de 'Dona Iara', essa expressão apresenta-se no contexto como sinônimo de mãe, porém não apresenta o mesmo valor semântico.

a) Explique por que o menino chamou sua mãe desse modo.

porque ele estava com raiva e queria expressar o nome dele pra ela se abalmar.

b) No texto, a palavra 'Dona' é utilizada como substantivo feminino ou como pronome de tratamento? Justifique sua resposta.

Pronome de tratamento, porque o pronome de tratamento refere como se fosse a pessoa tratada de modo de respeito, educado.

2) O título da crônica oferece significação suficiente para identificar sobre o que está sendo tratado nela? Justifique sua resposta.

não, porque o título não explica o que está na ponta do nariz de Tiago.

3) A temática retratada na crônica apresenta aspectos relevantes para sua formação crítico/reflexiva? Quais?

Sim, porque fala de um assunto que pode acontecer comigo e com todos os outros.

4) Sabendo que todo texto traz uma certa função social, qual função social você atribui a esse texto? Sua função é o ajudar a refletir sobre uma fase da adolescência que pode ocorrer com várias pessoas.

5) Observe o trecho onde percebe-se que Tiago apresenta certo ciúme de sua mãe alegando que ela oferta mais cuidados a irmã do que a ele, em seguida, responda as questões propostas.

“– Você nunca vê nada! Se fosse com a Adriana... aí sim. Nela você vê tudo: o que precisa e o que não precisa!...”

a) Assinale a opção em que a palavra 'precisa' foi utilizada com o mesmo valor de sentido que está presente nesse trecho do texto.

() A médica foi precisa na realização da cirurgia.

Hoje ela precisa de você com qualquer sorriso.

() Minha mãe foi precisa na resposta, não!

10

b) No trecho, 'Nela você vê tudo. O que precisa e o que não precisa!', Quais sentidos você atribui a essa postura do menino?

porque Dona Lara vê coisas na menina que não fala
ela vê coisas vendo essas coisas.

c) Em sua opinião, por que será que os pais geralmente tomam mais cuidado com as meninas do que com meninos na fase da adolescência?

porque as meninas são mais sensíveis e podem engravidar.

d) Quais significados poderiam ser dados ao ato da mãe de Tiago dá-lhe um beijo na testa após ele apresentar ciúmes?

para que ele pode significar um ato de amor
e carinho.

6) Em uma pergunta retórica, geralmente o objetivo não é obter uma resposta do indivíduo e sim estimular a reflexão no sujeito sobre determinado contexto, aponte quais eram as intenções de Dona Lara no trecho abaixo.

– Você quer mesmo que eu resolva? (Mostrando os dois polegares). Resolvo já. Venha cá e pare ~~com~~ com isso de uma vez!

ela queria estourar a espinha sabendo que Tiago não
quer.

7) A prosopopeia consiste na atribuição de ações e características humanas a seres não humanos, enquanto que a hipérbole se caracteriza pelo exagero na intenção de realçar uma ideia.

a) Na frase abaixo, circule e classifique as expressões que representam as figuras de linguagem hipérbole e prosopopeia.

'E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido.'

hipérbole: exibida, enorme, vulcãozinho colorido.

prosopopeia: enfeitar-lhe, extremidade.

b) Forme uma frase utilizando a figura de linguagem hipérbole.

na entrevista, eu morri de vergonha.

8) Acreditando que vivemos em uma sociedade basicamente machista, destaque situações do seu dia a dia que demonstrem haver certas diferenças envolvendo o modo de vida dos homens e o das mulheres.

porque a sociedade é muito machista e os homens
tem direito a quase tudo: em loja de eletrônicos, em lojas em geral.

9) Em determinada parte do texto, Dona Lara diz, '– Tem coisas nessa vida de Deus que nada no mundo resolve', demonstrando um certo apelo religioso.

a) Quais significados você atribui a essa frase?

Significa que nada pode mudar o problema de
Tiago.

b) Você concorda com essa compreensão? Explique sua resposta.

Sim, porque Deus criou o mundo do jeito que ele é e
nada pode mudar.

10) No mundo atual há certa padronização nos conceitos de beleza, fenômeno, que tende a criar preconceitos e ampliar a discriminação.

— Que quida, hin?

Numa quinta-feira estava zé subteino o homem mais pobre da cidade, não contava nem um pauco por ter sido enforcado numa caminhão de lixo e não sabia quem era sua mãe, então todo dia ele ia no praça da cidade e tentava procurar por um disastoso e aí ele saiu embolando pela ladica até que bateu no parede e ficou doído, falava com os bueiros e até com os cachorros, uma dia ele disse para um cachorro: "Deu um chute no cachorro que vou e bate em um caminhão, sai correndo sem vê de que a seolta entrando na frente de um ônibus, o motorista diz: Sai do meio doído, zé peço uma pedra e olta o vidro do carro, ele sai correndo e leva outra quida e volta a morrer."

ANEXOS

ANEXO A – Declaração de Aprovação no Exame de Qualificação



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS



DECLARAÇÃO

Declaramos, para fins de direito, que o(a) aluno(a) **JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO** foi aprovado(a) no Exame de Qualificação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, sob o título *O ensino de leitura no fundamental II: a busca de “outros” sentidos para a proposta de leitura do livro didático de LP*, com orientação do Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, no dia 15 de fevereiro de 2016.


Profª Dr. M. de Fátima de S. Aquino
Matrícula 322738-3
Coord. Mestrado PROFLETRAS/UEPB

Guarabira/PB, 15 de fevereiro de 2016.

ANEXO B - Parecer de Aprovação do trabalho pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UEPB



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS – CEP/UEPB
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA.

Marconi do Ó Catão.



PARECER DO RELATOR: 19

Pesquisador responsável: Jairo José da Silva.

Orientador: Prof. Dr. Juarez de Nogueira Lins

Número do parecer: 56163516.0.0000.5187

Data da relatoria: 17/05/2016.

Apresentação do Projeto:

O Projeto é intitulado "O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: A BUSCA DE "OUTROS" SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LP," encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, da Universidade Estadual da Paraíba, para análise e parecer com fins de desenvolvimento da pesquisa de conclusão do Curso de Pós-Graduação, nível Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da UEPB, Campus-Guarabira. Se apresenta quanto proposta e com o objetivo geral de: Analisar as práticas de leitura realizadas em aulas de língua portuguesa em uma escola pública do município de Araruna/PB, observando quais as estratégias didáticas utilizadas para realização de tais práticas

Objetivo da Pesquisa: A pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as práticas de leitura realizadas em aulas de língua portuguesa em uma escola pública do município de Araruna/PB, observando quais as estratégias didáticas utilizadas para realização de tais práticas

Riscos e Benefícios: A pesquisa não apresenta riscos consideráveis à sociedade nem aos sujeitos envolvidos, pois se trata meramente de uma pesquisa de cunho didático que visa analisar somente algumas práticas de ensino adotadas em determinado estabelecimento, não sendo intuito da pesquisa analisar ou expor os dados da pesquisa de modo individualizado, tendo em vista que o trabalho aprecia somente a análise coletiva. A pesquisa tende a apresentar análises e mecanismos que beneficiem um aperfeiçoamento do ensino de leitura na Educação Básica, mais especificamente, no ensino fundamental 2, possibilitando um desenvolvimento da prática da leitura amparada através de aspectos críticos/reflexivos, fornecendo aos professores, pesquisadores, educandos etc. uma ampliação dos processos de leitura em relação à construção de sentidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Trata-se de um estudo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa. Participarão da pesquisa os professores de Língua Portuguesa, mais especificamente, os que lecionam nas turmas do oitavo 8º (oitavo) ano do ensino fundamental na modalidade regular, nos turnos, manhã e tarde. Do mesmo modo, serão submetidos à pesquisa todos os educandos matriculados que estiverem frequentando as aulas de língua portuguesa de uma turma do 8º (oitavo) na escola aludida durante o ano letivo de 2016.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos obrigatórios encontram-se devidamente anexados.

Recomendações: Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto foi apresentado contendo todos os documentos obrigatórios, bem como todos os itens preconizados pela Resolução 466/12, do CNS/MS. Diante do exposto, somos pela aprovação do referido estudo.



Situação do parecer: **Aprovado.**

ANEXO C - Folha de rosto do CONEP para pesquisa envolvendo seres humanos



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: A BUSCA DE <i>OUTROS</i> SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LP			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 24			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Jairo José da Silva Gualberto			
6. CPF: 045.455.774-40	7. Endereço (Rua, n.º): Rua Perilo de Oliveira - 35 CENTRO Centro ARARUNA PARAIBA 58233000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 83999465705	10. Outro Telefone:	11. Email: jairogualberto@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>10</u> / <u>05</u> / <u>2016</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB	13. CNPJ: 12.671.814/0001-37	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (83) 3315-3373	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta Instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>MARIA DE FATIMA DE S. AQUINO</u>		CPF: <u>625.344.674-68</u>	
Cargo/Função: <u>COORDENADORA DE PROLETAS</u>		 Profª Dra. Mª de Fátima de S. Aquino Matrícula 322730-3 Coord. Mestrado PROLETAS/UEPB Assinatura	
Data: <u>12</u> / <u>05</u> / <u>2016</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO D – Termo de Autorização Institucional



**GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL TARGINO PEREIRA

Praça João Pessoa, nº150 – Bairro: Centro
Araruna – PB. CEP: 58233-000
CNPJ 01.686.271/0001 - 05
Inep: 25059017

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado **O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: A BUSCA DE “OUTROS” SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LP**, desenvolvido pelo professor JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO, aluno do Curso de Mestrado em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a orientação do professor Dr. Juarez de Nogueira Lins.

Maria Mônica da Costa Silva
MAT. 183670-6
GESTORA ESCOLAR

Maria Mônica da Costa Silva
Direção Escolar

Araruna – PB, 02 de maio de 2016.

ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para Alunos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

OBS: menor de 18 anos ou mesmo outra categoria inclusa no grupo de vulneráveis

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do _____ de _____ anos na pesquisa “O ensino da leitura no ensino fundamental II, na perspectiva discursiva: a busca de “outros” sentidos para propostas de leitura do livro didático de LP”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “O ensino da leitura no ensino fundamental II, na perspectiva discursiva: a busca de “outros” sentidos para propostas de leitura do livro didático de LP” terá como objetivo principal promover um estudo que priorize a leitura na perspectiva discursiva, através de um processo de ampliação de sentidos ao texto. E para tal, será proposta a aplicação de uma proposta de intervenção pedagógica com base no modelo de sequência didática em uma turma do 8º ano do ensino fundamental da E.E.E.F. Targino Pereira, localizada no município de Araruna – PB.

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá à autorização para o (a) menor responder (sem se identificar), as atividades de leitura e escrita propostas em sala de aula a partir do gênero Crônica privilegiando a perspectiva discursiva, e portanto, não apresenta nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, entretanto, quando for necessário, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O responsável legal do menor participante da pesquisa poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 99946-5705 com Jairo José da Silva Gualberto.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

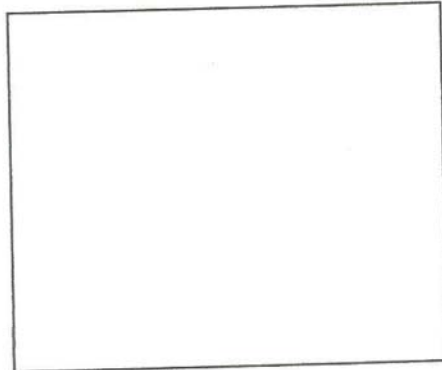
Assinatura do pesquisador responsável Jairio José da Silva Gualberto

Assinatura do responsável legal do menor _____

Assinatura do menor de idade _____

Assinatura dactiloscópica do participante da
Pesquisa.

(OBS: utilizado apenas nos casos em que
não seja possível a coleta da assinatura do
participante da pesquisa)



ANEXO F - TERMO DE ASSENTIMENTO (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Termo de Assentimento (TA)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "o ensino da leitura no ensino fundamental II, na perspectiva discursiva: a busca de "outro" sentidos para propostas de leitura do livro didático de LP". Neste estudo pretendemos: Encaminhar o trabalho com a leitura para um processo complexo de atribuição de sentidos ao texto, numa turma do 8º ano da EEEF Targino Pereira – Araruna/PB, possibilitando uma reflexão mais profunda, não apenas sobre o que o texto trata em sua composição imediata, mas privilegiando reflexões que criem inferências constitutivas envolvendo a leitura, o desenvolvimento autônomo do educando, sua formação ideológica e as integrações que permeiam a vida social do sujeito aluno, enquanto ser social. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é que a leitura é uma das ferramentas mais contundentes do processo ensino e aprendizagem porque permite uma interpretação do ser, através dela, o sujeito se reconhece e reconhece as especificidades que compõem a formação do outro, fenômeno que pode impulsioná-lo para uma integração mais autônoma perante o contexto social.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): leitura e aplicação de uma sequência básica (sem identificação do participante) a partir da crônica "na ponta do nariz", que visa a ampliação de sentidos e o desenvolvimento crítico e reflexivo da turma do 8º ano da EEEF Targino Pereira acerca da obra citada.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo; isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável listado abaixo ou com o acadêmico JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO telefone:(83) 99946-5705 ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, telefone (83) 3315-3373. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.


_____, ____ de _____ de 20__ .

Assinatura do(a) menor ou impressão dactiloscópica. Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa (OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).

ASSINATURA:
NOME LEGÍVEL:
ENDEREÇO:
RG:

TELEFONE:

Guarabira, 02 / 05 / 2016.


Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO G – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa:

O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: A BUSCA DE “OUTROS” SENTIDOS PARA PROPOSTAS DE LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO DE LP

Eu, **JAIRO JOSÉ DA SILVA GUALBERTO**, professor da rede estadual do Estado da Paraíba, estudante de pós-graduação da Universidade Estadual da Paraíba, portadora do RG: 2473915, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Guaramirim, 02 de Maio de 2016
Local e data

Jairo José da Silva Gualberto
Jairo José da Silva Gualberto
Pesquisador Responsável

